

≡≡≡ *Roberto Macedo* ≡≡≡

VOCABULÁRIO

HISTÓRICO - GEOGRÁFICO

D
S
R
O
M
A
N
C
E
S



D
E
E
M
M
A
N
U
E
L



Federação Espírita do
Estado de São Paulo

LIVRARIA HUMBERTO DE CAMPOS
Rua Maria Paula, 158 - São Paulo
Telefone: 33-3742

Vocabulário Histórico - Geográfico

Este livro foi composto na ortografia usada
pela Editora, ou seja, a de 1943, com algu-
mas das modificações propostas pela de 1945.

Roberto Macedo



VOCABULÁRIO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

DOS

ROMANCES DE EMMANUEL

(Adaptação às Expressões do Mundo Moderno)



(1ª edição)



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
(Departamento Editorial)

Rua Figueira de Melo, 410 e Avenida Passos, 30
RIO DE JANEIRO

Ao Leitor

Kardec e Emmanuel propiciaram a nascente deste folheto, embrionário ainda e passível de aperfeiçoamento. Observara há um século o Codificador da doutrina, fielmente traduzido pelo saudoso Guillon Ribeiro:

— “Para bem se compreenderem algumas passagens dos Evangelhos, necessário se faz conhecer-se o valor de muitas palavras neles frequentemente empregadas e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judia daquela época. Já não tendo para nós o mesmo sentido...” etc.

(“O Evangelho segundo o Espiritismo”, página 25 da Introdução.)

Análogo reparo suscitaria recentemente o espírito de Emmanuel em mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier:

— Tenho-me esforçado, quanto possível, para adaptar uma história tão antiga ao sabor das expressões do mundo moderno...”

(“Há Dois Mil Anos...”, 7.ª edição, pág. 9.)

Não basta o esforço de adaptação.

Para compreender o sentido, urge identificar personalidades e localidades, conduzir o raciocínio pelo fluxo e refluxo de alterações semânticas e toponímicas, recom-

Composto e Impresso
nas oficinas da
— FEDERAÇÃO —

25-RA; 5.000-L; 960

por biografias e até invadir o domínio permissível da necrografia.

Porque tudo provém da reencarnação, como a reencarnação provém do Evangelho.

No romance doutrinário de cromatismo cristianizante, fruto cuja floração é o Evangelho, rasgam-se agora grandiosas perspectivas, com primeiro plano visual na transfiguração do Tabor e no colóquio entre Jesus e Nicodemos. Enredos imprevisíveis interligam o passado ressurgido e o futuro a surgir, sem solução de continuidade no presente evolutivo das criaturas. E a pobre Humanidade de pálpebras cerradas vai entreabrindo os olhos, para sonhar com o infinito no tempo e no espaço, através da eternidade biológica a todos extensível.

E' um raptó de transcendente mentalização.

Não obstante, obedecer ao conselho de Kardec e seguir a trilha de Emmanuel, isto é, estudar a significação de vocábulos e modernizar expressões, obviamente depende de conhecimento profundo. Nada têm de herméticos, antes se caracterizam claramente como biografia em dois planos, os romances ditados por Emmanuel. Pairam eles entre a cópia de arquivista e a ficção de beletриста, servindo de elementos contingentes como meio de alcançar um objetivo superior.

Esse objetivo transparece desde logo em "Há Dois Mil Anos...", cujos elos de causa e efeito, vinculados numa rede histórica, estabelecem o sistema de sustentação para humildes confissões. O autor se apresenta como antigo pecador.

Errara e sofrera como todos. Depurou-se e redimiuiu-se como poucos. Deslizes, proclama-os. Redenção, depreende-se. Adquirida experiência nos círculos de resgate, emite agora consoladores conceitos, cuja cintilação desponta em "Há Dois Mil Anos..." — o seu próprio romance — e vem constelar as páginas posteriores de

"50 Anos Depois", "Paulo e Estêvão", "Renúncia", "Ave, Cristo!".

Literatura de passatempo? Devaneio lítero-filosófico? História não ortodoxa, em romance não consuetudinário.

História, entretanto, confere-se.

* * *

Quanto ao selo de autenticidade, nas linhas gerais de conjunto, coincide com escoreita bibliografia.

Sem prestar vassalagem aos cânones da erudição convencional, por certo não pretenderiam viciá-la entidades espirituais, à custa de abastardamentos prefabricados. Reivindicações de fantasia acomodaticia toleram-se ao talento criador de um Alexandre Dumas, capaz de transformar por exemplo o capitão d'Artagnan em marechal de França. Pouco se coadunariam entretanto com intrusas deturpações o mensageiro do Evangelho e o médium doutrinariamente sadio — no caso vertente, Emmanuel e Chico Xavier, em conjugação psíquica. Se aqui ou ali vagamente discrepam em minudência, necessariamente retificam em veracidade. "Os tempos são chegados." Equívocos, talvez. Intenção de equivocar, jamais.

Quanto ao prisma lítero-filosófico, matou-se a morte, corte arbitrário de rotina materialista. Consagra-se nos romances de Emmanuel uma nova textura sistemática de continuidade, espécie de imaginária reticência para além do túmulo, onde nem ao menos o processo biológico de extinção total se verifica. Como represar psicologicamente a concepção humana? Como pingar ponto final à própria Vida? E' a palmeira que desaparece no horizonte de "O Guarani", não o destino potencial dos protagonistas imortais.

Consideráveis embora, quer a autenticidade histórica quer a cariciosa feição estética perdem primazia, quando

em confrontos com a genuína finalidade do intercâmbio entre o plano terreno e o espiritual: — o que se há-de perquirir na série de Emmanuel é a beleza moral do ensinamento cristão, à luz do Evangelho redentor.

E o ensinamento cristão, assimilado pelo sentimento, também se aprende pelo cérebro. Até aos Apóstolos não se suprimiu esforço de aprendizado. O influxo de benéficas intuições não visa a intelectualismo, mas adverte sobretudo a consciência e fornece pauta para conduta retilínea. O mais, é conosco. Alguns colhem juro sutis de patrimônio acumulado. Nós outros, multidão decaída, auferimos auto-restituição no suor dos perdulários.

Observe-se que o próprio Emmanuel nos deixou a diretriz de ajuda, representada por três anotações ao romance inaugural da série. Reportam-se ao mercado de hortaliças (“Forum Olitorium”), à cronologia das perseguições promovidas contra o Cristianismo alvorecente e à presença em determinada época do imperador Vespasiano na cidade de Roma.

Sugestão implícita ficou em suspenso, ao longo de “Há Dois Mil Anos...”.

Três adinículos acrescentou o Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, sobre o arrabalde denominado Velabro, o valor da moeda conhecida como grande sestércio e a similitude com excertos do romance “Herculanum” (de J. W. Rochester, em vida conde de Rochester).

Seis anotações ao todo, em quatrocentas e vinte e cinco páginas.

Ora, não só esse primeiro romance, como os subsequentes, captados todos por Chico Xavier, inserem opulenta messe de personativos e locativos, alguns já sem uso na linguagem corrente. História e geografia palpitam nas efabulações retrospectivas de Emmanuel, compelindo o leitor diligente a pesquisar em fontes avulsas a explicação de peculiaridades antigas.

Ensejado modelo de anotações pela entidade comunicante e pela Federação, ninguém mais credenciado que nós as sistematizou e divulgou.

* * *

Daí o advento do presente vocabulário.

Modesto impulso fraternal de contribuição, fornece ele informações elementares sobre vultos, sítios e costumes. Tela, as narrativas de Emmanuel. Moldura, seu ambiente histórico-geográfico.

Coordenado em dispositivo alfabético, orienta a curiosidade do manuseador, quer quanto ao vocábulo procurado, quer quanto à sucessão de remissivas, em incursões pelo Evangelho.

Ponto de partida, não mais, sem prurido de retificar.

Tentativa metódica, ao alcance de qualquer aprendiz, resultou de estímulo pressentido pelo Departamento Editorial da FEB. Obedecemos ao convite dos mentores, interpretado disciplinarmente como ordem.

A eles sim, aos mentores, competiria devassar a verdadeira biografia ininterrupta e a legítima topografia imensurável, nas esferas da eterna imensidade sideral.

Nosso contingente próprio foi secundário. Consistiu em tomar por base a “Notícia geográfica e histórica” de Saião e as “Notícias Históricas” de Kardec (ver, respectivamente, “Elucidações Evangélicas” e “O Evangelho segundo o Espiritismo”, capítulo reimpresso em “Síntese de O Novo Testamento”, por Mínimus). Material colhido em Emmanuel submetemo-lo a esse crivo, joeirado em didatas e especialistas modernos. Emergiram sínteses rudimentares, sem alento renovador. Aprender em Emmanuel, para apreender em Jesus, eis a intenção do vocabulário.

Nessa ordem de ideias, coligindo quase sem opinar, contornamos evitáveis polémicas, desprovidas de conteú-

do edificante, aquelas "guerrilhas de palavras", tão lapidarmente definidas no prefácio de "Ave, Cristo!"

Um exemplo, dentre muitos. Como classificar Senado e Sinédrio? Na mesma rubrica? Nesse caso perfilaríamos a outorga de "senadores", concedida a membros do Sinédrio (Nicodemos, José de Arimateia) por escritores católicos e luminares da Nova Revelação, na esteira do Talmude. Talvez provocássemos divergência, embora escudados em Kardec. Limitamo-nos então a incluir em verbete específico o Sinédrio, perante o qual comparece o Apóstolo dos Gentios (ver "Paulo e Estêvão"), mas excluímos o vocábulo "Senado", mesmo porque o senador Públio Cornelius Lentulus não foi evocado por Emmanuel no exercício de função pública (ver "Há Dois Mil Anos...").

Assim postas à margem querelas acessórias, restringimo-nos a expor e resumir, sem debater e decidir. Muito há que admirar sem discutir nessa paisagem moral romanceada, em cuja tessitura apenas "Renúncia" abandona os cenários tumultuosos de Roma imperial e da Palestina solapada, para nos transferir num hábito de amargas recordações e reconfortantes esperanças à França dos Bourbons, à Espanha da Inquisição e ao Novo Mundo do evangelho social.

Aí fica pois uma primeira tentativa de moldagem, ao amparo concomitante de textos sagrados e profanos, omitidas as fontes de bibliografia leiga, por supérfluas em vocabulário rotineiro. Mais não se peça, de quem só pedir sabe.

ROBERTO MACEDO

Rio, 18 de Abril de 1960.

Vocabulário Histórico - Geográfico

Abigail — Noiva de Saulo (Paulo). Irmã carnal de Jeziel (Estêvão), primeiro mártir cristão em ordem cronológica, a princípio cativo nas galeras, depois sacrificado no templo de Jerusalém, por lapidação ou apedrejamento. Filha de Joquedeb, opulento israelita, arruinado por confisco e morto a vergastadas (Jochedeb ben Jared, sendo «ben» indicação de «filho»). Residira em Corinto, Grécia, até o suplício do pai e cativo do irmão; homiziada nas cercanias de Jerusalém, converteu-se ao Cristianismo e desencarnou em exemplar juventude, ainda no estado de solteira. — Homonímia no Velho Testamento: — Abigail, viúva de Nabal, uma das mulheres do rei David.

Abrão — Ver «Abraão».

Abraão — «Pai dos Crentes», para povos semitas. Em ordem cronológica, primeiro patriarca (chefe tribal) dos hebreus, depois conhecidos como judeus e israelitas.

Incerta a origem de «hebreus»: — talvez «emigrados», «aqueles que atravessaram» (o Eufrates ou o Jordão); talvez «filhos de Héber» («De Sem, que foi o pai de todos os filhos de Héber...», Gênesis, 10:21).

Descendentes de Sem, na linhagem de Abraão, que até certa fase se chamou Abrão:

— Arfaxad, Salé, Héber, Faleg, Reu, Sarug, Nacor, Taré (Gênese, 11:10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26).

Parece haver nascido Abraão na cidade de Nacor ou pelo menos na área da Mesopotâmia, por ele mencionada como «minha terra», «terra de meu nascimento», «casa de meu pai» (Gênese, 24:4, 7, idem).

Deixando o berço natal, fez jornada para Ur dos Caldeus, também na Mesopotâmia («Tomou pois Taré a seu filho Abrão e a Lot seu neto... e fê-los sair de Ur dos Caldeus...», Gênese, 11:31), de onde se transferiu para a cidade de Harã («...e como tivessem chegado a Harã, ficaram morando aí», Gênese, 11:31). Situava-se Ur à margem direita do Eufrates, agora deslocado por seculares sedimentações; modernas pesquisas a identificam como simples parada da ferrovia de Bagdad, à vista do «Tell al Muqayyar» ou monte dos degraus. Harã ou Carã (Charan) ficava ao norte da Mesopotâmia, na margem esquerda do rio Bilechas; para atingi-la, atravessava-se o Eufrates.

Daí «emigrados»? «Aqueles que atravessaram»? Nesse caso, aqueles que vadearam o Eufrates. Acompanhado porém o itinerário do patriarca, veremos que lançou as bases de um povo no além Jordão, atravessando portanto outro rio histórico, o que vem suscitar nova incerteza na etimologia duvidosa. E' precisamente no além Jordão que a figura do patriarca se torna mais nítida, pois para lá converge sua tribo e assim se inicia a fixação político-religiosa.

Inicia-se a fase de «vocação», já aos setenta e cinco anos de idade (Gênese, 12:4): partindo de Harã por inspiração superior, conduziu tribos a Canaã ou Palestina, terra prometida a seus pósteros (idem, 1,5: Atos dos Apóstolos, 7:3; Paulo, Epístola aos Hebreus, 11:8). Muda de nome: deixa de ser Abrão ou Abram (pai ilustre) para ser Abraão ou Abraham (pai de muitas gentes), por haver-lhe assegurado o Senhor numerosa descendên-

cia (idem, 17:2, 5). Sendo estéril sua mulher Sarai até os noventa anos, gera com a escrava Agar o filho Ismael, tronco dos ismaelitas ou árabes; com a nonagenária Sarai (senhora minha), a partir de então Sara (senhora), gera tardiamente Isaac (filho da alegria), tronco dos israelitas (Gênese, 16:1, 3, 11 e 17:15). No período de permanência definitiva em Canaã (Palestina), usualmente Terra Prometida ou Terra da Promissão, porém «terra baixa» ao que sugerem etimologistas, podem-se acompanhar as pegadas do «Pai dos Crentes», devotado à missão de erguer altares ao seu próprio Senhor e assim enraizando a unidade do grupo étnico que consolidaria o monoteísmo:

- primeiro altar em Siquém ou Sichem, no «Vale Ilustre» (Gênese, 12:6);
- segundo altar em Betel (idem, 12:8);
- terceiro altar no Hebron, vale do Mambré (idem, 13:18);
- sepultura de Abraão numa caverna do Hebron, morto o patriarca aos cento e setenta e cinco anos de existência (idem, 25:7 e 10).

Resumo geral da História dos Hebreus, a partir de Abraão, primeiro patriarca: — período dos patriarcas ou chefes tribais (Abraão, Isaac, Jacob, Moisés, Josué); — período dos juizes ou chefes militares (Otoniel, Aod, Samgar, Débora, Gedeão, Abimeleque, Tolá, Jair, Jefté, Abesão, Aralão, Abdon, Sansão, Heli, Samuel); — período dos reis (Saul, David, Salomão); — período do cisma ou separação em reino de Judá e reino de Israel, de onde «judeus» e «israelitas» (o de Israel desapareceu primeiro, conquistado pelo assírio Sargão II; o de Judá sobreviveu até ser subjugado pelo babilônio Nabucodonosor e consecutivamente pela Pérsia, Macedônia, Egito, Síria e Roma); — período da dispersão e restauração (revolta contra os romanos em Jerusalém no ano 70,

seguida de derrota e dispersão do povo, só restaurada sua autonomia com o atual Estado de Israel). Ver «Adriano».

Aca Larência (Laurentia) — Apontada como mulher do pastor Fáustulo, personagens de contorno histórico impreciso. Segundo tradição romana, recolhera Fáustulo dois gêmeos recém-nascidos, abandonados no rio Tibre; entregues aos cuidados da mulher, Aca Larência, viriam a ser os fundadores da cidade de Roma, isto é, Rômulo e Remo. Aceitam alguns que Aca tivesse o apelido de «lupa» (lobo) e assim se explicaria o símbolo da capital italiana, existente no Museu dei Conservatori, que representa os recém-nascidos aleitando-se em uma loba.

Acaia — Região ao sul da Grécia, na península do Peloponeso, hoje separada pelo canal de Corinto. O Peloponeso abrangia: Acaia, Arcádia, Argólida, Coríntia, Élida, Messênia, Lacônia (de onde «laconismo», sobriedade na expressão). Toda a Grécia ficou conhecida pelo nome de Acaia, quando temporariamente sob domínio romano. Ver «Coríntia», «Cencreia», «Roma».

Acaico — Cristão da Acaia, louvado por Paulo. Referência: I, Coríntios, 16:15 a 18.

Adaja — Rio da Espanha, ao qual fica sobranceira a cidade de Ávila.

Adônis — Semideus mitológico da Grécia, caracterizado por invulgar formosura e amado por Afrodite (Vênus romana).

Adriano (Publius Aelius Hadrianus) — Imperador romano, nessa condição titulado como César Trajano Adriano Augusto. Sucessor de Trajano por adoção e substi-

tuído por Antonino, o Pio (117 a 131), integrou a série dos chamados Antoninos. Fundando em Jerusalém sob o nome de Élia Capitolina uma colônia pagã, ornada de estátuas aos deuses do politeísmo em conflito com o templo (ver «Templo de Jerusalém»), provocou violento surto reunificador dos israelitas. Foi vencido o chefe rebelde Bar-Coziba, a quem prestigiava o rabino Aquiba. Como castigo, ficou interdita aos nativos a entrada em Jerusalém, onde quase nada restava da primitiva cidade, já incendiada no ano 70 por tropas romanas do general Tito. Ver o resumo geral da História dos Hebreus, em «Abraão».

Aelia Capitolina — Ver «Élia Capitolina».

Afrodísia (Aphrodisias ou Ninoe) — Cidade da Cária, Ásia Menor, dotada de templo a Afrodite (Vênus).

Afrodite (Aphrodite) — Deusa da mitologia grega, aceita pelos romanos com a denominação de Vênus. Representava o amor, a beleza, e tinha por atributo uma pomba. Mãe de Eros (para romanos, Cupido), símbolo da atração física; de Príapo, símbolo da fecundidade; de Himeneu, invocado nos casamentos. Principais templos em Amatunte, Citera, Gnido, Lesbos, Pafos.

Agabo — Profeta de Jerusalém. Dirigiu-se a Antioquia, onde recebeu mensagem mediúnica, anunciadora de crise iminente na Judeia (Palestina). Sem demora, Barnabé e Saulo (Paulo) remeteram socorros, coletados entre discípulos cristãos.

Referência: — Atos dos Apóstolos, 11:27 a 30, e 21:10 e 11.

Agar — Escrava egípcia de Sarai (Sara), mulher

de Abrão (Abraão). Mãe de Ismael, tronco dos ismaelitas ou árabes. Prestes a nascer-lhe o filho, sentindo-se hostilizada, decidira internar-se no deserto (ver Gênese, 16:6), onde humildemente obedeceu à intuição para regressar, transmitida por anjo do Senhor. Ver «Abraão».

Alba Longa — Antiga cidade do Lácio (Latium), região da Itália ocidental. Metrôpole político-religiosa da confederação latina (do Latium), cujo centro religioso era o templo de Júpiter «Latiaris», situado nos montes Albanos. Sua história primitiva, embaciada por lendas, coincide em parte com a dos romanos. Parece que os fundadores da cidade de Roma criaram a liga do setimônio (Septimontium, sete montes), dispostos a enfrentar bèlicamente a confederação latina e o domínio de Alba Longa. Já governava Roma seu terceiro rei, Tulo Hostílio (Tullus Hostilius), quando teria essa rivalidade chegado a termo, por meio de um combate entre três irmãos romanos, os Horácios, e três irmãos albanos, os Curiácios; mortos dois Horácios, o sobrevivente eliminou os adversários, ao simular retirada e volver-se de súbito contra o mais próximo. Desses resíduos lendários resulta que Roma triunfou sobre Alba Longa e provavelmente a destruiu para modernizá-la, preservado o templo e respeitadas investidas sacerdotais — norma política frequentemente seguida pelo futuro expansionismo romano, que chegou a concentrar num templo os deuses de povos vencidos.

Ver «Anquises», «Castor e Pólux», «Roma», período da realza.

Albanos — Montes da Itália, em cujo cimo se erguera o templo de Júpiter Latiaris, protetor do Lácio (Latium). Também lago Albano, próximo à cidade de Arícia, e quinta ou sítio de Albano.

Albino — Decimus Clodius Septimius Albinus, historicamente Décio Albino. General romano, indigitado candidato a imperador, numa crise de sucessão. Estrangulado o imperador Cômodo (ver «Antoninos»), assumira o poder Pertinax, logo substituído por Dídio Juliano. Não reconheceram a autoridade deste os exércitos provinciais da Bretanha (Albino), da Síria (ver «Pescênio Niger») e da Ilíria (ver «Septímio Severo»). Derrotado na luta, suicidou-se Albino em 197 e subiu ao poder Septímio Severo. Ver «Roma», período do império.

Alençon — Cidade da França, famosa pela fabricação de rendas de agulha.

Alexandre — Membro do Sinédrio de Jerusalém. Parente de Anás e de Caifás, segundo Emmanuel. Teria contribuído para condenação de Estêvão. Homônimo: I Epístola a Timóteo, 1:20.

Referência: — Atos dos Apóstolos, 4:5 a 7.

Alexandre, o Grande — Rei da Macedônia, filho de Filipe e discípulo de Aristóteles. Notável desde a juventude, dominou primeiro a Grécia e se proclamou generalíssimo dos helenos contra os persas, que haviam anteriormente promovido as guerras greco-pérsicas. Promoveu então a conquista do Oriente, com objetivo de irradiar a influência da cultura grega: — seria uma «helenização» dos vencidos.

Começa aos vinte anos de idade sua marcha vitoriosa, que só com a morte terminaria aos trinta e três (nascera em 356 a.C., assumira o governo em 336, morreria em 323): atravessou o Helesponto (Dardanelos); sobre as ruínas de Tróia (Mísia, Ásia Menor), ofereceu um sacrifício aos manes de Aquile, herói grego imortalizado pela «Ilíada» de Homero; ainda na Mísia, obteve sobre os persas o primeiro triunfo (batalha de Granico, às mar-

gens do rio desse nome); na Bitínia, Ásia Menor, cortou com sua espada o «nó górdio», considerado indestrinçável, por meio do qual se amarrara o carro do rei Midas ao Templo de Acrópole na cidade de Górdio, fundada pelo rei desse nome (segundo tradição, conquistaria a Ásia quem desatasse o nó); obteve o segundo triunfo sobre os persas, comandados pelo rei Dario (batalha de Isso), na Cilícia, Ásia Menor, região onde nasceria o Apóstolo Paulo; cercou Tiro, na Fenícia, e nela construiu um dique, para neutralizar o poderio naval adversário; assim conquistou Tiro e depois Gaza, cidade dos filisteus; no Egito, então tributário da Pérsia, recebeu o título de faraó em Mênfis, vestiu o manto sagrado do deus Amon em Tebas e fundou a primeira cidade de Alexandria, modelada pelo feitio de manto macedônio (clâmide), tendo como colchete a ilha de Faros; esmagou os persas (batalha de Arbela), perto de Nínive; ingressou na Índia e, contramarchando, morreu em Babilônia, sem deixar resolvido o problema de sua sucessão, o que tornou efêmera a supremacia da Macedônia. — Ver «Alexandria».

Alexandre Severo — Imperador romano (223 a 235), de confusa designação: era Gessius Bassianus Alexianus, passou a Marcus Aurelius Alexander após sua adoção como sucessor e, no exercício do governo, denominou-se Marcus Aurelius Severus Alexander, de onde melhor decorreria o nome histórico de Severo Alexandre. Sucessor de Heliogábalo por adoção, substituído por Maximino, com o qual se inicia o período de anarquia militar. Ver «Roma», período do Império.

Alexandria — Cidade do Egito, na embocadura do Nilo. Fundada por Alexandre, o Grande, da Macedônia, no ano 332 ou 331 a.C., durante sua marcha de fulminantes conquistas, para «helenização do Oriente». Foco de irradiação cultural, «na confluência de Europa, Ásia

e África», com instituições inéditas e grandiosos monumentos.

Dentre as instituições destacar-se-ia o Museu (ver «Musas»), espécie de universidade onde viviam professores por conta do Estado, absorvidos apenas em deveres científicos e artísticos, tendo por núcleo a opulenta Biblioteca (700.000 fontes, no período áureo), aliás sucessivamente danificada pelos romanos de César, por conflitos internos de caráter religioso e pelos árabes maometanos do califa Omar.

Dentre os monumentos, o Serapeion, santuário do deus egípcio Serápis, numa colina de imponentes construções, e a torre luminosa da ilha de Pharos (Faros, daí «farol»). Destinava-se esta a facilitar a navegação, e o autor do velho opúsculo «De septem orbis miraculis». talvez Philon de Bisâncio, a incluía na relação das chamadas «sete maravilhas do mundo»: 1) — farol de Alexandria; 2) — túmulo do rei Mausolo (daí, «mausoléu»), em Halicarnasso, Ásia Menor; 3) — túmulo em pirâmide do faraó Quéops, no Egito; 4) — colosso de Rodes, estátua do deus Apolo no porto principal dessa ilha; 5) — jardins suspensos da cidade de Babilônia; 6) — estátua de Zeus (Júpiter), na cidade de Olímpia, situada na Elida, região do Peloponeso, sul da Grécia continental; 7) — templo de Artemisa (Diana) na cidade de Éfeso, Ásia Menor.

Outras cidades de igual denominação, isto é, outras Alexandrias fundadas por Alexandre, o Grande, são na prática geralmente acrescidas de designativo diferenciador: 1) — Alexandria de Aracosia, depois «Kandahar», na margem do Aracoteu; 2) — Alexandria de Ario, depois Hérat, na margem do Ario; 3) — Alexandria Escata, no Turquestão; 4) — Alexandria do Cáucaso ou Alexandria Opiana, depois Begram; 5) — Alexandria Oxiana, na Bactriana; 6) — Alexandria Sogdiana, na margem do Indo; 7) — Alexandria Margiana, depois Merv,

restaurada com o nome de Antioquia Margiana, possivelmente a mesma Alexandria do Tigre, próximo ao curso inferior deste; 8) — Alexandria de Tróade, na Mísia, Ásia Menor.

Todas na Ásia, nenhuma logrou competir com Alexandria do Egito, traço de união entre povos e ideias, cidade cosmopolita para onde convergiu numerosa colônia judaica. Ver «Apolos ou Apolônio de Alexandria».

Alhambra — Célebre conjunto arquitetônico na cidade de Granada, Espanha, remanescente monumental da influência árabe ou mourisca. Abrange: muralhas circundantes, dotadas de portas (porta das Granadas, porta Judiciária) e torres vermelhas (torres «Bermejas»); — fortaleza árabe (Alcáçova); — palácio árabe (Alcácer), obra-prima no interior, erguida no século XIII, onde pela imponência se destaca o «pátio dos leões», com cento e vinte e oito colunas de mármore branco em torno de uma fonte de alabastro, sustida por doze leões de mármore negro; — palácio espanhol inacabado, iniciativa do rei Carlos V, remodelação do rei Fernando VII; — casa de campo dos califas (Generalife, «jardim do arquiteto»). — Ver «Aragão», «Granada».

Altar doméstico — Na Grécia e em Roma, simbolizava o culto dos ancestrais (Emmanuel, porém, reporta-se ao dos romanos). Ardia no altar doméstico o fogo sagrado, exclusivamente aceso por membro da família. Extinta essa comunidade ou não reativado o fogo perene pela desídia dos familiares, transformar-se-iam em irritados Espíritos malfazejos os mesmos ancestrais que, cultuados na chama do altar doméstico, atuavam como gênios protetores («gênios», «lares», «manes» para romanos; «demônios», «heróis» para gregos; ver adiante «larva» ou fantasma).

Coexistiam em Roma o culto doméstico e o público.

No doméstico, funcionava como sacerdote o chefe da família; antes das refeições, espargia sobre o altar partículas de alimento e gotas de vinho («libação» ou «primícia»), oferenda hoje abastardada no interior de nosso país, onde se derramam jovialmente goles preliminares de aguardente «para o santo»; a intenção de festividades íntimas, nascimento, maioridade, esponsais, consistia em venerar os deuses lares, isto é, os ancestrais divinizados pela morte, cujas estatuetas ou «penates» ornavam o altar doméstico. No culto público, sob orientação do Estado, espécie de família amplificada, funcionavam sacerdotes oficiais, incumbidos de alimentar a flama dos «lares» de Roma, seus fundadores Rômulo e Remo (ver «Aca Larência» e «Roma»), perante o altar de Vesta, deusa do fogo (ver «Vestal»).

Religião de cunho doméstico e particularista — deuses próprios para a família, deuses de Roma para os cidadãos — emanava ela todavia do princípio antes sentido universalmente: mudam os mortos apenas de condição, substituem pelo espírito o corpo físico, sobrevivendo em invisível contacto com criaturas terrenas, sujeitos a contingências e analogias dessa proximidade. Daí a significação ritual do fogo sagrado e da libação no altar doméstico: — era a presença do ausente, presença em espírito.

Daí por igual a importância do túmulo, moradia do espírito. O chefe de família romana, sepultado, divinizava-se no culto doméstico; seu templo, o sepulcro; seu altar, o da comunidade familiar; sua imagem, os penates. Privado da primeira condição para repouso — a tumba, assim como do fogo sagrado e de libações, tornar-se-ia «larva» ou fantasma, capaz de malévolas advertências para conquistar eterno descanso. De modo que os mesmos gênios tutelares seriam larvas, se lhes faltassem requisitos de inumação e culto — morada no cemitério, evocação no altar doméstico.

«Temia-se menos a morte que a privação de sepultura.» Cada família, portanto, devia dispor de jazigo discriminado, onde não se enterravam estranhos; ao conduzir para «repouso» um parente, depunha sobre a cova guirlandas de flores ou ramagens (as «grinaldas» modernas), assim como vinho, leite, sal, doces, frutas — indispensável repasto fúnebre, reservado ao defunto; imolava não raro uma vítima, carbonizando-a para que dos restos nenhum ímpio se aproveitasse; por meio de fórmulas consagradas, almejava bom apetite ao espírito e felicidade na existência subterrânea; também foi costume clamar três vezes pelo nome do extinto, tradição ainda existente em certos cerimoniais solenes; concluía de maneira audível com o «Sit tibi terra levis» (que a terra te seja leve), expressão desaparecida como rito, quando romanos adotaram cremação e recolhimento das cinzas em urna (ver «Columbário»). Prosseguia no altar doméstico, sob autoridade do chefe, o culto ininterrupto do ancestral.

Não havia divinização de antepassados entre os israelitas. Parecem mesmo desprovidos de conteúdo religioso os costumes relativos ao desenlace: envoltório do cadáver, constante de ataduras (João, 11:44) ou de simples lençol, impregnado de bálsamos, isto é, substâncias aromáticas vegetais, extraídas de áloes, cássia e mirra (Mateus, 27:59; Marcos, 15:46; 16:1; Lucas, 24-1; João, 19:39, 40), também empregadas para perfumar vestuário (Salmos, 44:9); — ostensivas manifestações convencionais de sofrimento, com o concurso de flautistas (Mateus, 9:23), talvez de carpideiras, mulheres que arrancavam seus cabelos e copiosamente choravam, recolhendo lágrimas em receptáculos (referência subentendida em Marcos, 5:38 e Lucas, 8:52); — saimento do corpo, em esquife aberto (Lucas, 7:12); — inumação de dois tipos, sempre fora do recinto das cidades, ou em sepulturas sujeitas ao desgaste, apenas recobertas de pedra por cau-

sa das hienas (Lucas, 11:44) (ver igualmente campos a esse fim destinados, Mateus, 27:7), ou em grutas e excavações em rochedo, dotadas de vestibulo e carneiro em nível inferior (João, 20:5, 11), tendo de permeio uma pedra em formato de mó, que deslizava sobre ranhuras à guisa de porta (Mateus, 27:60; 28:2; Marcos, 15:46; 16:3, 4; Lucas, 23:53; 24:2; João, 20:1; 11:38, 39); — caiação externa dos sepulcros (Mateus, 23:27), «domicílio em pedra» (Isaías, 22:16, «in fine»), cujo contacto se considerava «mancha legal».

Altar dos holocaustos — Situava-se o do templo de Jerusalém sobre uma rampa, fronteiro ao santuário, a meio do átrio dos israelitas. Servia-lhe de acessório um amplo e artístico recipiente («mar de bronze»), destinado às abluções do sacerdote e dos objetos de sacrificio. Holocausto, em grego, é o ato sagrado de imolar, queimando a vítima. Selecionavam-se animais para esse fim, o que deu margem ao comércio dos vendilhões. Ver «Sacrifício», «Templo de Jerusalém».

Altar do incenso ou dos perfumes — Situava-se o do templo de Jerusalém no recinto denominado «santo» (sala dos sacerdotes). Diariamente, em oferta matutina e vespertina (Êxodo, 36:6 a 8; 37:27 e seguintes), queimava incenso no altar o sacerdote para isso designado. Devia permanecer a sós (Lucas, 1:21). A Zacarias, quando oferecia incenso, fêz-se visível o anjo Gabriel, para lhe anunciar o nascimento do primogênito, futuro João Batista (Lucas, 1:8 a 17). Ver «Templo de Jerusalém».

Amatunte (Amatonte, Amatonta, «Amathus») — Cidade da ilha de Chipre, notabilizada pelo culto a Vênus (Afrodite) e Adônis.

América — Ou Novo Mundo, em oposição a Velho Mundo. Terras não desconhecidas, em 1492, porém oficialmente descobertas nesse ano por Colombo. O professor e geógrafo alemão Martim Waldseemüller publicou, em 1507, o primeiro mapa das «Terra Americi», juntamente com cartas de suposto descobridor, Américo Vespúcio. Daí, América, denominação inadequada, que o uso consagrou.

Amós — Pastor no deserto de Tecué (Judeia). Profeta ou vidente, isto é, médium do século IX a.C. Vaticinou calamidades às tribos de Israel, por isso morrendo a instigações do sacerdote Amasias, na cidade de Betel (ver «Abraão»), a mesma dos ídolos de Jesoboão e do sonho de Jacob. Terceiro dos profetas menores, na série do cânon judaico: — Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naúm, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias (Profetas maiores: Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, todos anteriores).

Ampliato — Cristão de Roma, particularmente estimado por Paulo. Referência: — Epístola aos Romanos, 16:8.

Anacapri — Povoação da ilha de Capri, no golfo de Nápoles. Ver «Capri».

Ananias — Venerável cristão, contemporâneo de Saulo (Paulo). Converteu Abigail, noiva deste. Ao Apóstolo dos Gentios restituiu-lhe a visão, temporariamente perdida na estrada de Damasco. Batizou-o em seguida, sem lhe mudar o nome de Saulo, o que só ocorreria mais tarde, na ilha de Chipre, por sugestão de Barnabé. (Ver «Paulo» e «Ásia Menor»).

Homônimos: I Daniel, 1:6 e 7; Atos dos Apóstolos, 5:1 a 6; Emmanuel, «Paulo e Estêvão», 471 (o sumo

sacerdote que julgou o Apóstolo no Sinédrio). Referência ao cristão: — Atos dos Apóstolos, 9:10 a 19.

Anás (Ananus ou Hanan) — Sumo sacerdote israelita, elevado a essa dignidade no ano 6 ou 7. Pertencente à classe dos príncipes e membro de importante família, foi entretanto pelos romanos destituído no ano 15. A própria destituição, imposta por dominadores ocasionais, acrescentou-lhe prestígio. Continuaram israelitas a consultá-lo sobre questões graves, como já o faziam antes mesmo da suma investidura sacerdotal. Através dessa preeminência, ora oficiosa, ora oficial, talvez se explique o fato de arrastarem Jesus prisioneiro à sua presença, antes de o defrontarem com o sumo sacerdote então em exercício (José Caifás, genro de Anás). Sómente o Evangelho segundo João menciona tal episódio (18:13 a 24). Os demais evangelistas, silenciando, não contraditam. Nem todos os intérpretes, porém, admitem sem controvérsia a participação de Anás, aparentemente indébita no julgamento do Cristo. Permanença invariável a consequência condenatória e nulo interesse haverá a apurar se o conduziram primeiro à casa de um ou outro «juiz». As chamadas casas ou palácios de Anás (e o de Caifás), desaparecidas com sucessivas destruições de Jerusalém, constituíam na verdade residências de pontífices. Manteve Anás seu ânimo hostil após o episódio do Calvário e parece não ter sido alheio ao julgamento de Estêvão, «primeiro processo em torno das ideias ensinadas pelo profeta nazareno» (Emmanuel, «Paulo e Estêvão», 139); afirma-se que outro Anás, filho homônimo do sogro de Caifás, posteriormente condenaria Tiago menor, na linguagem da época apontado como irmão de Jesus. Ver «Sacerdote» e «Tiago menor», este em «Apóstolos».

Referência: — príncipe dos sacerdotes quando o Batista inicia sua pregação (Lucas, 3:2); — interfere no julgamento de Jesus, remetendo-o à presença de Cai-

fás (João, 18:13, 24); — interfere no julgamento de Pedro e João (Atos dos Apóstolos, 4:6).

Anatólia — Ver «Ásia Menor».

Âncio (Antium) — Cidade da costa ocidental da Itália. Berço natal de dois imperadores romanos, Nero e Calígula, ambos tristemente assinalados.

André de Gioras — Personagem de «Há Dois Mil Anos...», apresentado como cabecilha da rebelião israelita. Historiadores apontam Simão de Gioras, no ano 70.

Andronico — Parente de Paulo, que antes dele se consagrou ao Cristo. Companheiro do Apóstolo na prisão. Referência: — Epístola aos Romanos, 16:7.

Anfípolis — Cidade da Macedônia, ao norte da Grécia. Foi colônia ateniense e, depois, sob domínio romano, capital da chamada Macedônia primeira (subdivisão da Macedônia).

Anfiteatro — Espetáculo sangrento, popular entre romanos. Diferenciava-se do circo pelo formato como pela destinação específica. Quanto ao formato, compunha-se igualmente de arquibancadas e arena, esta porém desprovida de «spina» (ver «Circo») e menos extensa, de feição arredondado. Quanto à destinação, reminiscência de sacrifícios humanos em funerais de altas personalidades, servia como palco de carnagens entre escravos, prisioneiros e até profissionais: — combate de gladiadores, armados de espada (gládio); — batalha naval mediante inundação da arena; — luta de animais ferozes e seres humanos, denominados «bestiários»; — caça coletiva de animais raros; — devoramento de condenados a morte por leões e tigres, suplício aplicado na perse-

guição a cristãos. Ao início do espetáculo, curvavam-se gladiadores perante a tribuna do imperador e lhe dirigiam a saudação de praxe: — Salve, César, Imperador, os que vão morrer te saúdam («Ave, Cæsar, Imperator, morituri te salutant»). Tombado ao solo um dos combatentes, punha-lhe seu adversário o pé sobre o peito e sustinha o golpe final: podia ainda o vencido pleitear graça, soerguendo um dedo para a multidão. A morte dependia de um gesto, exemplificado pelo imperador: se ele baixasse o polegar, negando o apelo culminante, correspondia geralmente aos desejos da plateia.

Talvez a circunstância de se martirizarem cristãos, tanto no anfiteatro como no circo, haja contribuído para sinonimizar a arena do circo (corrida de cavalos) e a de espetáculos sangrentos (anfiteatro, ao pé da letra «teatro de ambos os lados»). Ver «Coliseu».

Anfiteatro Flaviano — Ver «Coliseu».

Aniceto — Indigitado assassino de Agripina, mãe do imperador Nero. Acusa-se Nero de duas tentativas, para eliminar a própria genitora: uma por envenenamento propositado, outra por artificioso naufrágio. Tombou finalmente Agripina, ao que se diz sob golpes de Aniceto, embora o comunicado oficial mencione suicídio, ao ser detida por crime de conspiração. Mais tarde prestar-se-ia Aniceto a «confessar» imaginário adultério com Otávia, primeira e virtuosa mulher de Nero, então desprezada e em consequência degolada por agentes imperiais. Farsa político-sentimental, a julgar pelo «castigo» imposto a Aniceto: banimento para Sardenha e opulência à custa do Estado.

Anquises — Pai de Eneias (um dos defensores da cidade de Tróia, imortalizado na «Eneida» de Vergílio). Em seguida ao cerco e destruição de Tróia (tema da

«Íliada» de Homero), localizada na Mísia, Ásia Menor, teria Anquises emigrado para o Lácio (Latium, Itália), em companhia do filho Eneias e do neto Ascânio, tido este como fundador de Alba Longa. Lembra Emmanuel, em «Renúncia», 4ª edição, página 197, que Eneias consultava o espírito de Anquises. Ver «Tróade» e «Cumans».

Anti Líbano — Cadeia de montanhas da Síria, cujos contrafortes atingem a Palestina. Orienta-se no sentido nordeste para sudoeste, em paralelismo com a cadeia do Líbano, esta mais próxima do litoral.

Antíoco Epifânio — Rei da Síria, aproximadamente entre 174 e 164 a.C.

Também chamado Epifânio IV, ordinal que lhe corresponde na série dos treze Epifânios («ilustres»). Intransigente partidário de Júpiter, infenso por conseguinte ao monoteísmo, assaltou a cidade de Jerusalém, profanou o templo, escravizou parte da população, executou Eleazar e em caldeirões supliciou os sete irmãos Macabeus, fiéis a prescrições da lei moisaica. Reorganizaram-se israelitas para resistir, a princípio com Matatias, depois com o eficiente Judas Macabeu, que acabou reconquistando Jerusalém. Em consequência de ferimento advindo de uma queda de seu carro, morreu corroído de vermes Antíoco Epifânio ou Epifânio IV, a quem se atribuem paroxismos de loucura na agonia final.

Antioquia (hoje «Antakiel») — Cidade da Ásia, no curso inferior do Orontes. Antiga capital da Síria, fundada por Seleuco Nicator, em honra ao pai Antíoco. Nela o futuro evangelista Lucas procurou contacto com o apóstolo Paulo (ainda Saulo) e lhe sugeriu substituir «caminheiros», «viajores», «peregrinos» por «cristãos»: — daí Cristianismo em vez de «caminho», definida com precisão a doutrina do Cristo. Ver «Antioquia da Psídia».

Referência em Atos dos Apóstolos: — pregação do Evangelho (11:19 a 30); — profetas e doutores em sua igreja (13:1); — apedrejamento de Paulo promovido por emissários de Antioquia e de Icônia (14:18, 20); — regresso e permanência de Paulo (15:35; 18:22).

Antioquia de Psídia, etc. — Cidades com o mesmo nome de Antioquia propriamente dita, capital da Síria, habitualmente se diferenciam por meio da localização geográfica: Antioquia Margiana, na Ásia Central, margem do rio Margo, região Margiana; Antioquia do Meandro, na Cária, região da Ásia Menor, margem do rio Meandro; Antioquia do Migdônio, antes chamada Nisibis, na Mesopotâmia, margem do rio Migdônio; Antioquia do Tauro, na Síria, ao pé da cadeia de montanhas do Tauro, que se prolonga desde a Ásia Menor; «Antioquia da Psídia», também chamada Antioquia Cesareia ou Antioquia da Frígia, região esta dos confins da Psídia, Ásia Menor, frequentada pelo apóstolo Paulo.

Antipas — Ver «Herodes Antipas».

Antípatris — Cidade da Palestina (Judeia), provavelmente fundada ou restaurada por Herodes I, o Antigo ou o Grande.

Antípolis — Cidade da Gália, transformada em colônia romana.

Antônia (Torre Antônia) — Cidadela ou fortaleza de Jerusalém, edificada sobre rochedos por Hircano Macabeu, então com o nome de Baris. Reconstruída por Herodes, o Antigo ou o Grande, em honra do triunviro romano Marco Antônio (torre Antônia). Fêz Herodes incrustar mármore no rochedo, de modo que paredões resvalados impossibilitassem acesso de assaltantes. In-

corporou ao templo de Jerusalém esse vasto apêndice fortificado, abrangendo em quadrilátero muralhas e torres dotadas de baluartes. Uma das torres se destacava sobranceira, como local de vigia aos arredores. Serviu de habitação a pontífices. Depois, de palácio ao procurador romano, Pôncio Pilatos. Dada sua amplitude, forneceu acomodações ainda para quartel dos legionários e pretório presidencial. Especificamente, pretório seria o salão de audiências, onde compareceu Jesus perante Pilatos. Na torre Antônia esteve prisioneiro o apóstolo Paulo, pelos judeus «acusado sobre questões de lei deles mesmos» e dela remetido como cidadão romano ao governador Félix. Os textos evangélicos mencionam apenas «fortaleza» (Atos dos Apóstolos, 21:34, 37; 22:24; 23:10, 16).

Antonino — Antonino, o Pio, imperador romano da série por seu nome designada (ver «Antoninos»). Sucessor de Adriano por adoção, substituído por Marco Aurélio. De 138 e 161 — fase culminante de paz na «idade de ouro» do império — governou com energia equilibrada por tolerância, impondo ordem à administração civil e militar.

Antoninos — Série de imperadores romanos, quase todos sem parentesco consanguíneo, conhecida como «idade de ouro». Sucessora da série dos Flávios, encerrada com Domiciano. Inaugura-se a dos Antoninos com Nerua (96 a 98), escolhido imperador pelo Senado, de que era um dos componentes; desdobra-se, por adoção, salvo o derradeiro titular, com Trajano (98 a 117), Adriano (117 a 138), Antonino, o Pio (138 a 161), Marco Aurélio (161 a 180); encerra-se com o filho deste, Cômodo (180 a 192), único destoante por seu caráter brutal, substituído por Septímio Severo. Dos Antoninos, dois expoentes, como Trajano e Marco Aurélio, pagaram tri-

buto à cegueira materialista, perseguindo ou não reprimindo perseguições a cristãos: — é a ganga na «idade de ouro».

Anxur — Ver «Tarracina».

Apeles — Cristão de Roma, louvado por Paulo. Ver «Romanos», 16:10.

Ápia — Ver «Via Ápia».

Ápia (nome de mulher) — Cristã de Colossos. Ver «Epístola a Filêmon», 2.^a mulher do destinatário.

Apolo — Deus da poesia, música e artes, na mitologia greco-romana. Filho de Júpiter e Latona, divindade da noite. Irmão de Diana, a lua. Alegoria da luz, confundida com Febo (Phebo), o sol. Celebrizado por seus oráculos, principalmente o de Delfos, onde lhe ergueram santuário. Ver «Mitologia», «Pitonisa».

Apolo (ou Apolos ou Apolônio de Alexandria) — Talento israelita converso, proveniente de Alexandria. Batizado por discípulos de João. Vindo a Éfeso, manteve contacto com Áquila e Priscila (Prisca), logo afervorados em lhe aprimorar a formação doutrinária. Orador convincente, douto nos textos sagrados, embora interpretados ao sabor da versão grega de Alexandria, argumentava no sentido de identificar Jesus com o Messias («machiahh»), isto é, o ungido, o rei, o salvador. A educação intelectual que recebera fê-lo empregar, de preferência a Messias, a forma grega correspondente Cristo («Kristós»), generalizando a associação «Jesus, o Cristo», na prática Jesus-Cristo, já corrente na linguagem dos apóstolos. Atraíra o eloquente Apolos um núcleo de doze discípulos e seguira para Corinto, na Acaia, Grécia,

quando na sua terceira viagem apostólica chegou Paulo a Éfeso; em complemento à tarefa encetada por Áquila e Priscila (Prisca), ultimou a integração doutrinária dos discípulos de Apolos, renovou-lhes o batismo em nome de Jesus e desenvolveu-lhes a mediunidade incipiente. Tamanho êxito em Corinto lograva Apolos, que rivalidades incongruentes se delinearam. Coube ainda ao convertido de Damasco harmonizar as coisas com seu habitual poder de decisão: — nem partido de Paulo, nem partido de Apolos, e, sim, partido de Jesus. Ver «Alexandria».

Referência em Atos dos Apóstolos e Epístolas de Paulo: — chegada de Apolos a Éfeso, Atos, 18:24; — sua pregação na Sinagoga, idem, 26; — sua doutrinação por Áquila e Priscila (Prisca), ibidem; — sua partida para Corinto, idem, 27; — seus discípulos doutrinados por Paulo, idem, 19:1, 2; — batismo deles em nome de Jesus, idem, 5; — desenvolvimento da mediunidade, idem, 6; — alusão aos partidários de Apolos, 1ª Epístola de Paulo aos Coríntios, 1:12; 3:4 a 10, 22; 4:6; — alusão ao irmão Apolos, idem, 16:12; — recomendação de Paulo a Tito para prover cuidadosamente uma viagem de Apolos, Epístola a Tito, 3:13.

Apolônia — Cidade da Migdônia, na Macedônia, norte da Grécia, visitada por Paulo. Não confundir com a de igual nome, todas dedicadas ao deus Apolo: Apolônia da Palestina, da Ilíria, da Sicília, da Cirenaica, da Frígia, da Trácia (com estátua colossal do deus), de Creta, do Ríndaco (rio da Frígia).

Apolônio de Tiana — Notável filósofo, presumivelmente grande médium, equilibrado em saber e virtude, tido como teósofo e taumaturgo, isto é, comunicante com a sabedoria divina e realizador de milagres. Nascido em Tiana, Capadócia, região da Ásia Menor, morreu em Éfeso, quase centenário, no ano 97. Não só a

cidade de origem, como até imperadores romanos, dentre estes Caracala, ergueram-lhe templos e santuários. Escritores idólatras, confrontando Jesus crucificado com Apolônio divinizado, concluíram pela superioridade do filósofo — ilusão desvanecida por si mesma. Ver «Ásia Menor», «Éfeso» e a revista «Reformador» número 7, 8, 9, 10, 12 de 1955; 2, 3, 4 de 1956.

Apóstolos — Congregou Jesus em torno de si doze discípulos diretos:

- 1 — André, irmão de Pedro
- 2 — Bartolomeu (Natanael?)
- 3 — Filipe
- 4 — João (Boanerges) Evangelista, irmão de Tiago maior
- 5 — Judas Iscariote
- 6 — Mateus (Levi), irmão de Tiago menor?
- 7 — Pedro (Simão, Cefas)
- 8 — Simão cananeu, o Zelador ou o Zeloso
- 9 — Tadeu (Judas Tadeu)
- 10 — Tiago (Boanerges) ou Tiago maior, filho de Zebedeu
- 11 — Tiago menor, filho de Alfeu
- 12 — Tomé (Dídimo).

Incumbidos de predicar o Evangelho ou Boa Nova, cada qual se imortalizou como enviado ou «apóstolo» (do grego «apóstolos», pelo latim «apostolu»).

Escassas fontes autênticas fornecem fragmentariamente a ordem de vocações. Faltam elementos para o quadro integral, em dispositivo cronológico inteiriço. Daí recorrermos à enumeração alfabética, contornando assim um dos obstáculos. Outros subsistem:

- a) — homonímias, alterações, supressão e acréscimo de personativos;

b) — incerteza relativa nos graus de parentesco.

HOMONÍMIAS: Judas (Iscariote) e Judas (Tadeu), de onde simplesmente Tadeu para o segundo; — Simão, verdadeiro nome primitivo de Pedro, e Simão cananeu, o Zelador; — Tiago (filho de Zebedeu) e Tiago (filho de Alfeu), diferenciáveis por filiação conhecida ou ainda pelo recurso prático, algo inadequado, de «Tiago maior» e «Tiago menor».

ALTERAÇÕES: Simão Barjona ou Simão filho de Jona, por Jesus chamado «kepha» em dialeto («pétra» em grego, «Petru» em latim), como Pedro ficaria universalmente consagrado, inclusive na memória popular e na própria Igreja do Vaticano (ver O Evangelho segundo João, 1:42); — João e seu irmão Tiago (maior), por Jesus chamados Boanerges, «filho do trovão» (Marcos, 3:17), nem sempre se mencionam como João Boanerges e Tiago Boanerges, antes como João Evangelista e Tiago maior, distintos assim de João Batista e do outro Tiago; — Mateus, anteriormente Levi, só após a vocação mudou de nome, hoje tradicional (Marcos, 2:14; Lucas, 5:27); — de Judas Tadeu frequentemente se elimina «Judas», mantido não obstante na designação de santo (São Judas Tadeu), mais correntio que São Judas ou São Tadeu); — Tomé também era conhecido como Dídimo (João, 11:16), mas a linguagem popular parece inconciliada com o personativo e prefere no caso lançar mão de ingênua perífrase («o que quis ver para crer»).

SUPRESSÃO, ACRÉSCIMO (aparentes): traduções autorizadas do Evangelho segundo Marcos (3:18) eliminam Tiago menor e em seu lugar inserem Jacob, reconstituído o grupo de doze. Supressão de Tiago menor? Acréscimo de Jacob? Argumentos não acomodaticios fornecem invulnerável resposta, ao amparo concomitante da etimologia e da filiação:

a) — Tiago provém da locução «Sant'Iago», sendo forma divergente de Jacob «(Iakov)»;

b) — quer Tiago, quer o suposto Jacob, em todos os evangelistas se identificam com o «filho de Alfeu» (Mateus, 10:3; Marcos, 3:18; Lucas, 6:15; Atos dos Apóstolos, 1:13).

Jacob é pois Tiago menor. Na variante de elementos mórficos, permanece una a pessoa física. A rigor, nem supressão, nem acréscimo. Divergência não houve, senão aparente, embora toleráveis em Marcos deslizes desse tipo. Não presenciara tudo quanto narrou. Recolheu informação de Pedro, talvez de Paulo, este como aquele imbuído de inspirações, porém, não discípulo direto. Em resumo, feita honesta ressalva, não subsiste conflito entre evangelistas, quanto à enumeração dos apóstolos; se subsistisse, estaria apenas a unanimidade lacerada por um dos evangelistas, restritamente acerca de um dos apóstolos (sobre Natanael, ver adiante «Especificação e Referências», 2).

INCERTEZA RELATIVA EM GRAUS DE PARENTESCO: O Evangelho segundo Marcos (2:14) aponta Levi, ou seja, Mateus, como filho de Alfeu. Irmão portanto de Tiago menor (ver Mateus, 10:3; Marcos, 3:18, sob a forma divergente «Jacob» — Lucas, 6:15; Atos dos Apóstolos, 1:13).

Ora, esse mesmo Tiago menor, filho de Alfeu, costuma ser designado, sem maior exame, como «irmão de Jesus» (Mateus, 13:55; Marcos, 6:3). Ressaltamos, de passagem: raramente os textos evangélicos especificam familiares do Cristo (Mateus, 12:46, 47; Marcos, 3:31, 32; Lucas, 8:19, 20; João, 2:12; 7:3, 5, 10; Atos dos Apóstolos, 1:14).

Logo, se as interpretações literais aceitassem Mateus como irmão de Tiago menor e este como irmão de Jesus,

resvalariam talvez inadvertidamente em argumento problemático dos mais melindrosos: Mateus, irmão de Jesus (ver adiante «Especificação e Referências», 11).

Sim, no sentido espiritual, porque filhos do mesmo Criador. Não, no sentido carnal, posta de lado a questão transcendente, porque estudos históricos e semânticos esclarecem:

- a) — avezaram-se povos orientais a empregar «irmão» no sentido de «parente»;
- b) — documentos vetustos fornecem filiações legendárias, em ritmo salteado;
- c) — «Irmão» no sentido de «neoconverso» já tinha curso naquela época.

Demonstra-o a própria Bíblia. Quando o Velho Testamento, referindo-se a Abraão, informa ser ele «tio de Lot» (Gênese, 11:27, 30), nem por isso deixa de recair no uso oriental e passa repetidamente a definir como «irmãos» o sobrinho e o tio («Peço-te que não haja rixas entre mim e ti... porque somos irmãos,» id., 13:8; — «... e assim se separaram os dois irmãos um do outro», ib., 11; — «Abrão, tendo ouvido que Lot, seu irmão, ficara prisioneiro...», ib., 14:14; — «E recobrou... a Lot seu irmão...», ib. 17.) Com relação a outras personagens, consulte-se Gênese, 24:5; Tobias, 7:4 e 8:9; Levítico, 25:48; Deuteronômio, 2:4, 8 etc.

Genealogia e sequência não inteiriça: «Jorão gerou a Ozias», assevera-se no Evangelho segundo Mateus, omitidos três ascendentes, Ocozias, Joás e Amasias, este sim, pai carnal de Ozias (Paralipômenos, Livro Segundo, 22:1; 27:1, 27; 25:1; 26:1.) O rei David, remoto ascendente de Amasias, é dado como seu pai em Reis, Livro Quarto, 14:3.

Neoconverso, como irmão, insere-se na Epístola de

Tiago menor, dirigida às «doze tribos que estão dispersas» (1:2).

SÍNTESE

Apóstolos ou enviados, aqui em ordem alfabética, coligidos no Evangelho segundo Mateus (1:2 a 4):

- 1 — André
- 2 — Bartolomeu
- 3 — Filipe
- 4 — João
- 5 — Judas Iscariote
- 6 — Mateus publicano
- 7 — Pedro
- 8 — Simão Cananeu
- 9 — Tadeu
- 10 — Tiago, filho de Zebedeu
- 11 — Tiago filho de Alfeu
- 12 — Tomé.

No Evangelho segundo Marcos, 3:16 a 19, com aparente acréscimo de Jacob, mera variante de nomenclatura, não discordância:

- 1 — André
- 2 — Bartolomeu
- 3 — Filipe
- 4 — Jacob (Tiago, filho de Alfeu)
- 5 — João
- 6 — Judas Iscariote
- 7 — Mateus
- 8 — Simão (Pedro)
- 9 — Simão cananeu
- 10 — Tadeu
- 11 — Tiago
- 12 — Tomé.

No Evangelho segundo Lucas, 4:14 a 16, com variações de matiz na uniformidade estrutural:

- 1 — André
- 2 — Bartolomeu
- 3 — Filipe
- 4 — João
- 5 — Judas (Judas Tadeu)
- 6 — Judas Iscariote
- 7 — Mateus
- 8 — Pedro
- 9 — Simão, o Zelador
- 10 — Tiago
- 11 — Tiago filho de Alfeu
- 12 — Tomé.

No Evangelho segundo João, menos adstrito ao formalismo, falta relacionamento dos doze apóstolos. Do texto emergem esparsamente André, Pedro, Filipe, Judas Iscariote, Tomé (Dídimo) e o autor, citado em circunlôquio, todos como «discípulos», inclusive Natanael.

Em Atos dos Apóstolos, fonte definitivamente identificadora, onde já surge substituição do Iscariote (1:3, 26):

- 1 — André
- 2 — Bartolomeu
- 3 — Filipe
- 4 — João
- 5 — Judas (Tadeu)
- 6 — Mateus
- 7 — Matias (substituto do Iscariote)
- 8 — Pedro
- 9 — Simão, o Zelador
- 10 — Tiago (maior)
- 11 — Tiago filho de Alfeu
- 12 — Tomé.

Unânime designação permite facilmente identificar

André, Bartolomeu (ver «Especificação e Referências», 2), Filipe, Judas Iscariote, Tomé; João e seu irmão Tiago (maior) poderiam ser «Boanerges»; Mateus foi antes Levi (ver «Especificação e Referências». 6); Pedro, Simão Pedro ou ainda Simão Barjona pouco se vulgarizou como Cefas; Simão ora sobrevive como Cananeu, ora como Zelador, o que não colide; Judas Tadeu simplifica-se em Tadeu; Tiago (menor) filho de Alfeu é Jacob; Tomé subsiste como tal, não como Dídimo; Matias, substituto de Judas Iscariote, insere-se na lista em função suplementar, recomponente do número por Jesus fixado («...eu vos escolhi em número de doze...», João, 6:71).

ESPECIFICAÇÃO E REFERÊNCIAS

Mediante pesquisa primacial no Novo Testamento, coadjuvada por escassos tributários bibliográficos, eis a especificação dos doze discípulos diretos ou apóstolos, com as respectivas referências de fonte evangélica:

1 — ANDRÉ. assim mencionado em Mateus, 4:18; 10:2; Marcos, 3:18; Lucas, 6:14; João, 1:40; Atos dos Apóstolos, 1:13.

Irmão de Pedro (Mateus, 4:18; Lucas, 6:14; João, 1:40). Como Pedro ou Simão Barjona era filho de Jona, também o seria André, a menos que ocorra uma das hipóteses: parente ou irmão por parte de mãe. Investigações de filiação materna carecem de apoio, pois nem sempre textos bíblicos retiram a mulher da penumbra, conservando anônimas a sogra de Pedro, a mãe dos filhos de Zebedeu, a mãe dos Macabeus, etc. Pescador: Integrante do grupo inicialmente convocado, isto é, um dos primeiros, dentre os doze.

Referências: — encontro com Jesus (João, 1:35 a 37); — vocação (Mateus, 4:18 a 20; Marcos, 1:16 a 18;

Lucas, 5:1 a 11; João, 1:38 a 41); — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:2 a 4; Marcos, 3:13 a 19; Lucas, 6:12 a 16); — presença à cura da sogra de Pedro (Marcos, 1:29); — reparo sobre escassez de pão e peixe (João, 6:9); — indignação por pleitearem João e Tiago maior lugares de honra (implícita em Mateus, 20:20 a 24; Marcos, 10:35 a 41); — indagação sobre ruína do templo de Jerusalém (Marcos, 13:1 a 4); — colóquio sobre o encontro de Jesus e gentios (João, 12:22).

2 — BARTOLOMEU, assim mencionado em Mateus, 10:3; Marcos, 3:18; Lucas, 6:14; Atos dos Apóstolos, 1:13.

Se Bartolomeu quer dizer filho de Ptolomeu (Bar-ptolomeu), temos pelo menos presumível filiação. Variantes de Ptolomeu: Tolmai, Tolmé (Tholmé), Tolomé, do que resultaria a contração Bar-Tolomé. Não se comprova nitidamente que o apóstolo se chamasse Natanael Bartolomeu. O nome de Natanael aparece em João sem indicações (1:45 a 51) e como «discípulo», originário «de Caná da Galileia» (21:2). O nome de Bartolomeu, positivado como do apóstolo, surge poucas vezes explícito no Evangelho; faltam notícias da convocação e outrossim não consta ele do grupo inicial: André, Filipe (ver número 3, a seguir), João, Pedro, Tiago maior.

Referências: — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:3; Marcos, 3:18; Lucas, 6,14; Atos, 1:13); — indignação por pleitearem João e Tiago maior lugares de honra (implícita em Mateus, 20:20 a 24; Marcos, 10:35 a 41).

3 — FILIPE, assim mencionado em Mateus, 10:3; Marcos, 3:18; Lucas, 6:14; João, 1:40; Atos, 1:13.

Integrante do grupo inicial, conforme transparece do texto de João, em acessório desacordo com Mateus, que em lugar de Filipe enumera Tiago, filho de Zebedeu

(Tiago maior). Testemunhas ambos, tanto João como Mateus, da vida pública de Jesus, só Mateus parecia fazer cabedal de personativos. João a si próprio se designa por «discípulo amado» e sistematicamente omite seu irmão Tiago maior. Talvez uma circunstância o levasse a não olvidar Filipe: a convocação deste foi quase imediata, porém não concomitante («No dia seguinte, quis Jesus ir à Galileia e encontrou Filipe», João, 1:43). Não se exclui Tiago maior e acrescenta-se Filipe, logo «no dia seguinte». Conciliados depoimentos, restará o grupo inicial com André, João, Pedro, Tiago maior e Filipe.

Nos textos evangélicos se assinala mais assíduo contacto de Jesus com João, Pedro e Tiago maior, razão pela qual interpretações humanas vislumbram nos três uma espécie de estado-maior. «Comissão diretora», «junta íntima», opinam respectivamente Strauss e Renan (ver adiante número 6 — Mateus, número 10 — Tiago maior). Obviamente não se confundirá o apóstolo Filipe com seus homônimos, o tetrarca (Lucas, 3:1) e o diácono (Atos, 6:5; 8:5 a 13, 26 a 40; 21:8, 9).

Referências: — vocação (João, 1:43); — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:3; Marcos, 3:18; Lucas, 6:14); — resposta sobre aquisição de pães (João, 6:5, 7); — indignação por pleitearem João e Tiago maior lugares de honra (implícita em Mateus, 20:20 a 24; Marcos, 10:35 a 41); — colóquio sobre encontro de Jesus e gentios (João, 12:21, 22); — origem em Betsaida da Galileia (João, 12:21); — rogativa a Jesus para mostrar o Pai (João, 14:8).

4 — JOÃO, assim mencionado em Mateus, 4:21, 10:3; Marcos, 3:17; Lucas, 6:14; Atos, 1:13. A si próprio se define como discípulo «ao qual amava Jesus» (João, 13:23; 20:2, 26; 21:7, 20), perífrase admissível, se generalizada. De vanglória não se acuse a quem nestes termos enfatizou a imparcialidade do Cristo: — «...como

tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim» (João, 13:1).

Irmão de Tiago maior, portanto, filho de Zebedeu, conforme Mateus (4:21; 10:3) e Marcos (3:17), acrescentando este haver-lhes dado Jesus o nome de Boanerges, «filho do trovão». Na prática, João Evangelista. Integrante do grupo inicialmente convocado, indicou-o Jesus para cuidar de Maria, após o episódio do Calvário (João, 19:27). Pescador. Anotou em grego suas principais reminiscências, testemunho subjetivo, não meramente sumariado. É o Evangelho segundo João, cujo prólogo se considera como epístola aos cristãos em geral. Escreveu outras epístolas, de específica destinação: «à senhora Electa e a seus filhos» (louvor e conselho para vigilância) e «ao caríssimo Gaio» (louvor ao destinatário e advertência a Diotrefes, «que gosta de ter... a primazia»). Desterrado provisoriamente na ilha de Patmos pelo imperador Domiciano, admite-se haver composto nesse período o Apocalipse, livro de visões místicas («Apokalypsis», revelação).

Referências: — vocação (Mateus, 4:21, 22; Marcos, 1:19, 20; Lucas, 5:10, 11); — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:3; Marcos, 3:17; Lucas, 6:14); — presença à cura da sogra de Pedro (Marcos, 1:29); — presença à cura da filha de Jairo (Marcos, 5:37; Lucas, 8:51); — presença à transfiguração do Cristo (Mateus, 17:1, 2, 6, esta implícita; Marcos, 9:1, implícita em 3, 5, 6, 7, 8, 9; Lucas, 9:28, implícita em 32, 34, 36); — indagações recíprocas sobre o «ressurgir dos mortos» (implícita em Marcos, 9:9); — tentativa desautorizada de se impedir expulsão de demônio do meio dos não seguidores do Cristo (Marcos, 9:37 a 49; Lucas, 9:49, 50); — tentativa desautorizada de castigo a samaritanos por haverem negado pousada a mensageiros (Lucas, 9:54 a 56); — assentimento ao pedido materno para concessão de um lugar de honra no futuro reino (Mateus, 20:20,

especialmente 22; Marcos, 10:35, implícita em 39); — sofrimentos vindouros (Mateus, 20:23, implícita; Marcos, 10:39, implícita); — indagação sobre ruína do templo de Jerusalém (Marcos, 13:3, 4); — incumbência na preparação da Páscoa (Lucas, 22:8 a 13); — indagação como discípulo «ao qual amava Jesus» sobre identidade do traidor (João, 13:23 a 25); — presença presumível no pátio do palácio de Anás (João, 18:15); — presença no horto de Getsemani (implícita em Mateus, 26:37, explícita em Marcos, 14:33); — presença no Calvário, como «discípulo que (Jesus) amava», e incumbência de tomar a seus cuidados a Virgem Maria (João, 19:26, 27); — presença junto ao sepulcro vazio, como «discípulo a quem Jesus amava» (João, 20:2 a 10, especialmente 4); — presença como discípulo «que Jesus amava» à última aparição do Cristo e prioridade na identificação do Senhor (João, 21:1 a 14, especialmente 7); — constância junto ao Senhor após a última aparição, como discípulo «que Jesus amava», — e consequente lenda de imortalidade (João, 21:20 a 23); — intermediação na cura de um coxo (Atos dos Apóstolos, 3:1 a 26); — prisão e absolvição (id., 3:1, 4, 11; 4:1 a 23); — oração pelos samaritanos (ib., 14, 15).

5 — JUDAS ISCARIOTE, assim mencionado em Mateus, 10:4; Marcos, 3:19; Lucas, 6:16; João, 12:4; Atos dos Apóstolos, 1:16, como Judas simplesmente.

Filho de Simão Iscariote (João, 13:2), da cidade de «Carioth» (variantes «Kerioth», «Kareiât», talvez «Kiriathaim», «Kreiat»), citada em Jeremias e em Amós (respectivamente 48:24, 41 e 2:2). Tesoureiro ou caixa da comunidade apostólica, cujos escassos proventos se destinavam a esmolas. Transportava o sacco alongado (bolsa), que habitualmente israelitas atavam à cinta, para recolher pecúnia (João, 12:6; 13:29). Como «amigo» no momento culminante qualificou-o Jesus (Mateus,

26:50), que a todos envolveu no manto de perdão (Lucas, 23:34), por não saberem o que faziam.

Referências: — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:4; Marcos, 3:19; Lucas, 6:16); — propensão para falibilidade (implícita em João, 6:65 a 72, especialmente 72); — indignação por pleitearem João e Tiago maior lugares de honra (implícita em Mateus, 20:20 a 24, e Marcos, 10:35 a 41); — indagação sobre aparente desperdício de bálsamo com que fôra unguido Jesus na casa de Lázaro (João, 12:4 a 6); — conluio com príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus (Mateus, 26:14 a 16; Marcos, 14:10, 11; Lucas, 22:3 a 6); — falibilidade prevista por Jesus (Mateus, 26:24, 25; Marcos, 14:17 a 21; Lucas, 22:21 a 23; João, 13:1 a 17); — ósculo ao entregar Jesus, recebido como «amigo» (Mateus, 26:47 a 50; Marcos, 14:43 a 46; Lucas, 22:47, 48; João, 18:2 a 5); — arrependimento e desenlace (Mateus, 27:3 a 5); — substituição por Matias (Atos dos Apóstolos, 1:16 a 26).

6 — MATEUS, assim mencionado por si próprio (10:3) e pelos Atos dos Apóstolos (1:13). Chamava-se antes Levi (ver Marcos, 2:14; 3:18; Lucas, 5:27; 6:15).

Filho de Alfeu (Marcos, 2:14). Ora, filho de Alfeu também o era Tiago menor. Meio irmão, por parte de pai? Mero pormenor biográfico, menos importante que a irmanização, pelo vínculo da solidariedade cristã. Sabe-se que o apóstolo e evangelista Mateus, antes chamado Levi, surge por assim dizer a meio caminho, entre a seleção do grupo inicial e o completo arrebanhamento do escol:

- a) — Pedro, André, João, Tiago maior, Filipe «no dia seguinte»;
- b) — os demais, silenciada nos Evangelhos a ordem de vocações.

Despertou murmurações a escolha de Mateus. Não era pescador, mas publicano. Denominavam-se publicanos, no império dos Césares, os empresários de rendas públicas, membros da poderosa ordem dos cavaleiros («ordo equester»); dominada pelos romanos a Palestina, também nesta se intitularam publicanos os cobradores de impostos, destinados ao patrimônio do invasor. Era um símbolo de vassalagem, inconciliável com a noção de «povo eleito». Em linguagem atual, colaboracionismo com o vencedor. Empenhavam-se publicanos em não perder ensejo de cobrança, convenientemente distribuídos em lugares de acesso obrigatório: pontes, estradas, alfândegas, portas de cidades (daí, «portageiros», cobradores de «portagem»). Sentavam-se à mesa ou escritório («telônio») sob as portas, entendido como «portas» o conjunto arquitetônico nas muralhas de cidade: portões de postigo, prolongamento em abóbada, subdivisão das paredes laterais em setores diversos, com finalidade utilitária na paz e defensiva na guerra. Não se forçavam impunemente as portas (sob o véu da metáfora, aparecem elas diversas vezes no Evangelho: porta estreita, Mateus, 7:14; Lucas, 13:24; portas do inferno, Mateus, 16:18; Cristo é a porta, João, 10:9). Estava Mateus, então Levi, «assentado no seu telônio», talvez à entrada de Cafarnaum, quando Jesus o convocou. Tudo abandona a partir de então, mas o desconceito social permanece. E labaredas psicológicas procuram atingir a túnica do próprio Cristo: — «Eis um homem glutão e grande bebedor de vinho, amigo dos publicanos e dos pecadores» (Lucas, 7:34). A resposta da sinceridade à hipocrisia demonstra como se podem colher lírios no lodo: — «Em verdade vos digo que os publicanos... irão primeiro que vós para o reino de Deus» (Mateus, 21:31).

Referências: — encontro com Jesus (Mateus, 9:9; Marcos, 2:14; Lucas, 5:27, 28); — oferecimento de um ágape, seguido de murmurações farisaicas (Mateus, 9:10,

11; Marcos, 2:15, 16; Lucas, 5:29, 30); — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:3; Marcos, 3:8; Lucas, 6:15); — indignação por João e Tiago maior pleitearem lugares de honra (implícita Mateus, 20:20 a 24 e Marcos, 10:35 a 41).

7 — PEDRO, mencionado como «Simão que se chama Pedro» em Mateus, 4:18; 10:2; como Simão «a quem (Jesus) pôs o nome de Pedro» em Marcos, 1:16; 3:16; como Pedro e a seguir Simão Pedro em Lucas, 6:14; 9:20; como Simão Pedro em João, 1:40, 41, o qual lhe acrescenta Cefas; como Pedro em Atos dos Apóstolos (1:13). Ele próprio, em suas epístolas, adotou Pedro e Simão Pedro.

Irmão de André (Mateus, 4:18; Lucas, 6:14; João, 1:40). Pescador. Integrante do grupo inicial e espécie de intérprete dos apóstolos, aparentemente o mais assíduo junto ao Mestre, por este singularizado como «pedra» sobre a qual edificaria sua Igreja (Mateus, 16:18, onde Pedro figura como Simão Bar-Jona, filho de Jona). Pedra equivale figuradamente a duro, rijo, isto é, «kepha» em dialeto siríaco, falado por Jesus; daí, calcado em «pedra», o tradicional «Pedro», através das formas grega «pétra» e latina «Petru», nome de homem.

Não somente Pedro, como outros apóstolos e o próprio Jesus estabeleceram distinção entre «pedra» e «pedra principal» ou «pedra angular». A principal se identifica com o Cristo, conforme clara sentença de Pedro, proferida quando «cheio do Espírito-Santo»: — «Este Jesus é a pedra... a qual tem sido posta na cabeça do ângulo. E não há salvação em nenhum outro...» (Atos dos Apóstolos, 4:8, 11, 12). Não discrepam evangelistas e apóstolos: — «...A pedra que rejeitaram... veio a ser a principal...» (Marcos, 12:10); — «Este Jesus é a pedra que foi reprovada por vós...» (Atos, 4:11); — «...sendo o mesmo Jesus-Cristo a principal pedra an-

gular...» (Paulo, Epístola aos Efésios, 2:20). Também Jesus, quando sacerdotes e escribas conjuraram prendê-lo, a si mesmo se refere como pedra angular: — «Pois que quer dizer isto que está escrito: A pedra, que desprezaram os edificadores, esta veio a ser a principal do ângulo?» (Lucas, 20:17). Tal indagação, proferida pelo Cristo, forçava sacerdotes e escribas a recordar o «que está escrito» no Velho Testamento («A pedra que desprezaram os edificadores, esta foi posta na cabeça do ângulo», Salmos, 97:22; — «...vou a lançar nos fundamentos de Sião uma pedra... provada no fundamento...», Isaías, 28:16).

Se nos ativermos à lição de textos sagrados, Jesus é a pedra angular, o principal fundamento — apóstolo divino, em missão de sacrifício; Pedro é a pedra da comunidade humana espiritualizada — apóstolo carnal, em missão de devotamento. Permanece uma para sempre invulnerável; arranhada outra por três sucessivas negações, submergiria em águas amargas de remorso, para emergir a tempo, escorreita de espurcícias, como sólido padrão de esperança na perfectibilidade. Eis porque acolhe Pedro com serena humildade uma advertência do Mestre: que a pedra não se transformasse em «pedra de escândalo», isto é, de tropeço (escândalo significava o que nos leva a tropeçar, a cair). E em suas epístolas, sem reivindicar primazia, apenas se intitula «apóstolo», «servo».

Referências: — vocação (Mateus, 4:18 a 20; Marcos, 1:16 a 19; Lucas, 5:1 a 11); — cura de sua sogra (Mateus, 8:14, 15); — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:2; Marcos, 3:16; Lucas, 6:14); — cognominação em dialeto (João, 1:42); — presença à cura da filha de Jairo (Marcos, 5: 37; Lucas, 8:51); — tentativa de caminhar sobre as águas (Mateus, 14:28 a 31); — atitude confiante após exortação de Jesus (João, 6:68 a 70); — incompreensão da parábola sobre “o que entra pela boca”

(Mateus, 15:15, 16; Marcos, 7:17, 18); — fé em Jesus como o Cristo (Mateus, 16:13 a 19); Marcos, 8:27 a 29; Lucas, 9:18 a 20); — designação como pedra da Igreja do Cristo (Mateus, 16:18, 19); — advertência de Jesus à pedra de escândalo (Mateus, 16:22, 23; Marcos, 8:32, 33); — presença à transfiguração de Jesus e alvitre para permanência no Tabor (Mateus, 17:1 a 6; Marcos, 9:1 a 5; Lucas, 9:28 a 34); — incompreensão da parábola sobre ressurreição dos mortos (implícita em Marcos, 9:9); — participação no episódio do tributo em dracma, diálogo com Jesus e pesca de um estátere ou seis dracmas (Mateus, 17:23 a 26); — indagação sobre o dever de perdoar e consequente resposta (Mateus, 18:21 a 35, especialmente 22); — sobre vigilância e recompensa (respectivamente Lucas, 12:41; Mateus, 19:27; Marcos, 10:28; Lucas, 18:28); — indignação por pleitearem João e Tiago maior lugares de honra (implícita em Mateus, 20:20 a 24; Marcos, 10:35 a 41); — indagação sobre ruína do templo de Jerusalém (Marcos, 13:3); — incumbência na preparação da Páscoa (Lucas, 22:8); — predição das negações (Mateus, 26:33 a 35; Marcos, 14:29 a 31; Lucas, 22:31 a 34; João, 13:36 a 38); — incompreensão do episódio do lava-pés (João, 13:6 a 9); — comparecimento ao horto de Getsemani (Mateus, 26:37 a 45; Marcos, 14:33 a 42); — violência contra o servo do pontífice e admoestação de Jesus (João, 18:10, 11); — tríplice negação e amargura do remorso (Mateus, 26:58, 59, 71, 73, 75; Marcos, 14:54, 66, 69, 70, 71; Lucas, 22:59 a 62; João, 18:15 a 18, 25 a 27); — inspeção no sepulcro vazio (Lucas, 24:12; João, 20:2 a 10); — presença às aparições do Cristo (Lucas, 24:34 a 52); — interpretação das línguas de fogo (Ato dos Apóstolos, 2:3, 14 a 21); — fé em Jesus (id., 4:8 a 13); — atração que exercia nas multidões (ib., 5:15); — repreensão a Simão, o mago, por tentar adquirir com dinheiro o dom de impor as mãos (ib., 8:18 a 25) — intermediação em

curas: de paralisia (ib., 9:32 a 34), de catalepsia (ib., 9:36 a 43); — vidência do centurião Cornélio com relação a Pedro (ib., 10:1 a 8, especialmente 3, 5) e do apóstolo com relação àquele (ib., 10:9 a 23, especialmente 10); — estada em casa do centurião, a quem impede de prostrar-se (ib., 10:24 a 26); — pregação a gentios, batismo de alguns deles (ib., 10:34 a 48); — murmurações em razão do contacto com gentios e consequente justificativa (ib., 11:1 a 18); — prisão por ordem de Herodes e libertação por meio de um anjo (ib., 12:1 a 19); — debate em Jerusalém sobre circuncisão (ib., 15:5 a 11).

8 — SIMÃO, mencionado como Simão Cananeu, em Mateus, 10:9 e Marcos, 3:18; como «Simão, chamado o Zelador», em Lucas, 6:15; como Simão, o Zelador, em Atos dos Apóstolos, 1:13.

«Zelote», rejeitado na Vulgata, parece não indicar o apóstolo. Aplicar-se-ia talvez ao membro da seita dos «zelotas», confundida com a dos sicários ou portadores de punhal, porque ambos, o zelote e o sicário, levavam ao extremo do homicídio sua intransigência religiosa. Pouco se sabe acerca do apóstolo zelador ou zeloso, com base no Novo Testamento. Torna-se difuso ainda o campo de pesquisa, por causa de abundante homonímia: — Simão ou Pedro, já especificado; Simão, o Cireneu (Mateus, 27:32; Marcos, 15:21; Lucas, 23:26); Simão, o curtidor (Atos, 9:43; 10:6, 17); — Simão, o Fariseu (Lucas, 7:36 a 50); — Simão Iscariote (João, 13:2); — Simão, o mágico (Atos, 8:13, 18 a 24); — Simão, o negro (id., 13:2).

Referências: — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:4; Marcos, 3:18; Lucas, 6:15); — indignação por João e Tiago maior pleitearem lugares de honra (implícita em Mateus, 20:20 a 24; Marcos, 10:35 a 41).

9 — TADEU, assim mencionado em Mateus, 10:3 e Marcos, 3:18; como «Judas, não o Iscariote» em João, 14:22; como «Judas irmão de Tiago» em Lucas, 6:16 e Atos dos Apóstolos, 1:13.

«Irmão de Tiago», confirma ele próprio («Epístola de Judas», isto é, de Judas Tadeu, na prática simplesmente Tadeu). Qual dos dois Tiagos? O «menor»? Nesse caso, Tadeu seria filho de Alfeu. O «maior»? Nesse caso Tadeu seria filho de Zebedeu. Leve-se em conta, porém, que no texto evangélico os filhos de Zebedeu formam um par específico: os dois «Boanerges», os dois «filhos do trovão», isto é, Tiago maior e João Evangelista. Restam as hipóteses de meio irmão, em ambos os casos, ou a de irmão no sentido de parente.

Referências: — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:3; Marcos, 3:18; Lucas, 6:16); — indignação por João e Tiago maior pleitearem lugares de honra, notando-se que a «mãe dos filhos de Zebedeu» pede o privilégio para «estes meus dois filhos» (Mateus, 20:21); — indagação a Jesus sobre o motivo de se manifestar aos apóstolos e não ao mundo (João, 14:22).

10 — TIAGO (maior), mencionado como Tiago, filho de Zebedeu, em Mateus, 10:3 e Marcos, 3:17; como Tiago em Lucas, 6:14 e Atos dos Apóstolos, 1:13. Na prática, Tiago maior.

Irmão de João e filho de Zebedeu (Mateus, 4:21 e 10:3, citado; Marcos, 1:19; Lucas, 5:10, este dubitativo). Irmão também de Judas Tadeu? Por parte de mãe? Parente? Quem aventou a associação filial foi Lucas (6:16), que não conviveu com os discípulos diretos; o texto de Atos dos Apóstolos (1:13) corrobora o de Lucas, mas a este evangelista se atribui autoria dos Atos. Fonte única, por conseguinte, aparentemente reforçada pela «Epístola de Judas» (1), onde «irmão de Tiago» pode não ser «filho do mesmo pai». Integrante do grupo inicial (ver

número 3 — Filipe, número 6 — Mateus), participou de episódios culminantes, como transfiguração no Tabor, agonia em Getsemani, aparição em Tiberíade.

Referências: — vocação (Mateus, 4:21, 22; Marcos, 1:19, 20; Lucas, 5:10); — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:3; Marcos, 3:17); — presença à cura da sogra de Pedro (Marcos, 1:29); — presença à cura da filha de Jairo (Marcos, 5:37; Lucas, 8:51); — presença à transfiguração do Cristo (Mateus, 17:1, implícita de 6 a 9; Marcos, 9:1, implícita de 5 a 8; Lucas, 9:28, implícita de 32 a 36); — indagação sobre «ressurgir dos mortos» implícita em Marcos, 9:9); — tentativa desautorizada de castigo a samaritanos por haverem negado pousada a mensageiros (Lucas, 9:54 a 56); — assentimento ao pedido materno para concessão de um lugar de honra no futuro reino (Mateus, 2:22; Marcos, 10:35, 41); — sofrimentos vindouros (Mateus, 20:23; Marcos, 10:35, 39); — indagação sobre ruína do templo de Jerusalém (Marcos, 13:3, 4); — presença no horto de Getsemani (Mateus, 26:37; Marcos, 14:33); — presença às aparições do Cristo (Mateus, 28:16; Marcos, 16:14; Lucas, 24:33 a 41; João, 21:2, como «um dos filhos de Zebedeu»); — morte ordenada por Herodes (Atos dos Apóstolos, 12:2).

11 — TIAGO (menor), mencionado como «Tiago, filho de Alfeu» em Mateus, 10:3; Lucas, 6:15; Atos dos Apóstolos, 1:13; como «Jacob, filho de Alfeu» em Marcos, 3:18. Na prática, Tiago menor.

«Irmão» de Jesus (Mateus, 13:55; Marcos, 6:3). Com vínculos de carnalidade não se coaduna por certo a natureza do Cristo, cuja transcendência deslumbra os doutos «numa vaga imensa de relâmpagos ofuscadores» (ver Antônio de Lima, «Vida de Jesus», pág. X). Considere-se outrossim o aclave de ambiguidades. Nem se fixou desde os primórdios a convenção diferenciadora (Tiago

menor, Tiago maior), nem cuidaram os antigos de estre-mar «Tiago» de «Jacob». Poucos timbraram em diversificar, como o Padre Antônio Vieira, que insiste na grafia «Jacob», mas isso em relação a Tiago maior (pelo menos no Sermão da Terceira Quarta-Feira da Quaresma, volume III dos Sermões revistos pelo Padre Gonçalo Alves, Porto, 1907, páginas 206, 207, 215, 216, 220, 221). Teremos assim um «Jacob» igual a Tiago maior, um «Jacob» igual a Tiago menor (dado como «irmão» de Jesus) e um Tiago sem aposto, só nitidamente identificável com o filho de Alfeu, após desaparecimento do filho de Zebedeu. A partir de então apenas subsiste um Tiago, a cujo prenome será dispensável apensar o «menor», autor incontestado da Epístola dirigida às «doze tribos que estão dispersas». Quanto a considerá-lo irmão carnal de Jesus, veja-se «Incerteza relativa em graus de parentesco».

Referências, salvo engano: — integração no pugilo dos doze (Mateus, 10:3; Marcos, 3:18; Lucas, 6:15); — «irmão de Jesus (Mateus, 13:55, como «Jacob»; Marcos, 6:3); — indignação por João e Tiago maior pleitearem lugares de honra (implícita em Mateus, 20:20 a 24; Marcos, 10:35 a 41); — presença às aparições de Jesus (implícita em Mateus, 28:16, 17; João, 20:19, 20, 26); — ciência da libertação de Pedro (Atos dos Apóstolos, 12:17); — atitude favorável a prescrições da lei moisaica para gentios chamados à fé (Atos, 15:13 a 21); — presença ao concílio de Jerusalém (id., 21:18).

12 — TOMÉ, assim mencionado em Mateus, 10:3; Marcos, 3:18; Lucas, 6:15; Atos dos Apóstolos, 1:13; como «Tomé... que se chama Dídimo» em João (20:24; 21:2). Não pertence ao número dos reiteradamente citados no Evangelho.

Referências: — integração no pugilo dos doze (Ma-

teus, 10:3; Marcos, 3:18; Lucas, 6:15); — instigação aos companheiros para morrerem com Jesus (João, 11:7, 8, 16, este como «Tomé chamado Dídimo»); — indignação por João e Tiago maior pleitearem lugares de honra (implícita em Mateus, 2:20 a 24; Marcos, 10:35 a 41); — indagação a Jesus sobre o caminho (João 14:5); — incredulidade perante a notícia da aparição de Jesus (João, 20:24 a 27); — ato de fé na ressurreição (João, 20:28, 29); — presença à derradeira aparição no lago de Tiberíades (João, 21:1, 2).

12 bis — MATIAS, substituto de Judas Iscariote (Atos dos Apóstolos, 1:23, 26). Após o primeiro e trágico desfalque, recompunha-se o número de doze, escolhido talvez por correlação com as tribos de Israel: — «...estareis assentados também vós sobre doze tronos, julgando as doze tribos de Israel» (Mateus, 19:28); — «...sobre tronos para julgar as doze tribos de Israel» (Lucas, 20:30); — «E ele me transportou em espírito a um grande e alto monte e me mostrou a santa cidade de Jerusalém... e... uns nomes escritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel... E o muro da cidade tinha doze fundamentos e neles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro» (Apocalipse, 21:10, 12, 14, salteadamente).

Aqueronte (Acheronte) — Rio do Tártaro, espécie de inferno da mitologia greco-romana. Ver «Averno», «Elíseos».

Áquila — Marido de Prisca (no diminutivo, Priscila). Fabricante de tendas, tapetes e velas de navegação, aprimorou na tecelagem o converso Paulo, ex-doutor da lei, porém conhecedor de ofício manual, conforme preceito educativo dos israelitas. Nasceu no Ponto (ver Ásia Menor) e supõe-se haver morrido em Roma — ver «Dan».

Referências: — Atos dos Apóstolos, 18:2, 3, 18 a 21, 24 a 26.

Aquitânia — Antiga Guyenne. Região da Gália (hoje França), entre o oceano Atlântico, a cadeia dos Pirineus e o rio Garona. Uma das três divisões da Gália independente (Aquitânia, Céltica, Bélgica), submetida pelos romanos e transformada em província.

Arábia — Grande península da Ásia meridional. Berço natal de Maomet. Dela se irradiou a expansão maometana, islamita ou muçulmana para a Ásia, África e Europa (Espanha, Portugal, França). Ver "Alhambra", «Aragão».

Aragão — Região nordeste da península ibérica, vizinha de Castela. Seu rei Fernando, pelo casamento com a rainha Isabel de Castela, uniu os dois domínios e deu assim origem à Espanha moderna, no final do século XV. Fernando de Aragão e Isabel de Castela ficaram denominados «os reis católicos», porque suas tropas conjuntas extirparam da cidade de Granada o derradeiro foco de resistência maometana e fizeram triunfar o Catolicismo sobre a perigosa torrente de expansão árabe, que pela violência da «guerra santa» impunha concepção religiosa diversa. Ver «Arábia», «Castela antiga».

Aramaico — Dialeto semítico, do grupo arameu-assírio, falado por Jesus.

Podem ser assim divididas as línguas semíticas: a) — grupo arameu-assírio; b) — grupo cananeu; c) — grupo árabe.

O arameu-assírio abrangia o assírio propriamente dito e dois dialetos aramaicos: 1) — caldeu ou caldaico; 2) — siríaco ou siro-hebraico.

Dos dois dialetos aramaicos, predominava o caldeu

na Assíria (e Babilônia), o siríaco na Síria (e Mesopotâmia). Admite-se que o povo israelita, possuidor de língua própria — o hebreu ou hebraico, do grupo cananeu — assimilasse ambos os dialetos aramaicos, quando escravizado pelo rei babilônio Nabucodonosor (ver «Cativo de Babilônia»). Dominados por sua vez os babilônios pelos persas, permitiram estes o regresso de israelitas a Jerusalém e surge então um período de concomitância: o povo fala dialetos aramaicos, mas subsiste como língua oficial o hebreu, usados também o grego e o latim, este na fase de subjugação romana.

Daí comunicar-se Jesus com o povo em dialeto aramaico (siríaco ou siro-hebraico) e com doutores da lei na língua oficial. Por isso, tanto Lucas como João (respectivamente 4:17, 21 e 7:15) mencionam o espanto dos circunstantes pela leitura e interpretação de textos sagrados, feitas por Jesus em linguagem clássica, sem aparente aprendizado escolar. Revela o romance «Há Dois Mil Anos» que o latino Públio Lentulus considerou difícil entender-se com o Mestre, porque «certamente Jesus lhe falaria no aramaico...» (página 78). E o evangelista Marcos, ao registrar expressões em dialeto, fornece tradução imediata («Talitha, cumi», 5:41; — «Ephphatha», 7:34; — «Lama sabachtani», 15:34).

Arca da aliança — Espécie de sacrário portátil, onde se conservaram as «tábuas da lei», isto é, as pedras que continham em inscrição os dez mandamentos. Resumo da lei divina, diretamente transmitido no monte Horeb a Moisés, eram considerados os mandamentos como sinal de aliança entre o povo eleito e a divindade. Daí, Arca da aliança.

Constava de uma caixa de fina madeira lustrosa, presumivelmente acácia ou cedro, abundante no Líbano («...Fabricai uma Arca de pau de cetim...», Êxodo, 25:10). Exigências imperativas excluam arbítrio do fa-

bricante: — revestimento interno e externo de ouro (idem, 11); — incrustação de quatro argolas para transporte, uma em cada canto, onde se ajustariam, recobertas de ouro, varais nunca retirados, de pau cetim (id., 13, 14, 15); — sobre a tampa luxuosa, dois querubins ou anjos de ouro, olhando um para o outro (id., 17 a 20, 22): — o conjunto funcionaria como propiciatório ou orago, «isto é, o oráculo, de ouro puríssimo» (id., 37:6), de onde o Senhor transmitiria sua vontade a Moisés e no futuro para sempre aos sacerdotes: — «Daí te ordenarei e te falarei de cima do Propiciatório e do meio dos dois Querubins que devem estar sobre a Arca» (id., 25:22). Hábeis artistas, dirigidos ao que parece por Beselel e Ooliab (id., 31:1 a 11; 36:1; 37:2), confeccionaram a Arca e seus complementos sagrados: — Mesa dos Pães da Proposição, com taças, copos, pratos e incensórios, tudo de ouro (id., 25:23, 29, 30); — Candelabro de sete braços (id., ib., 31); — Altar dos sacrifícios (id., 27:1 a 8; 29:38, 42); — Altar dos perfumes (id., 30:1 a 38); — óleos de unção e perfumes do santuário (id., 31:11); — vestimentas dos sacerdotes (id., 28:1 a 43); — Tabernáculo, isto é, templo móvel em forma de tenda protetora, construída com peles de animais.

O sacrário portátil (Arca) e o templo móvel (Tabernáculo) peregrinaram em nomadismo, com todos os acessórios, desde os tempos do patriarca Moisés até o advento do rei David. Fixou-os este na cidade sagrada de Jerusalém, onde Salomão substituiria a tenda pelo templo histórico — casa do Deus único, de um povo único. Essa concepção nacionalista, fundamentada na «aliança» como privilégio dos hebreus, constituiu pesado obstáculo psicológico à noção cristã — Deus único, sim, mas de todos os povos, em aliança universal. E' Moisés complementado pelo Cristo: a Humanidade sobrepõe-se à nacionalidade («Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei...», João, 13:34).

E' o simbolismo integral da Arca, sem sacrários de madeira, sem tendas de pele, sem templos de pedra. Um gráfico de círculos concêntricos, tendo como núcleo o foco de luz (o Criador), permitiria visualizar a progressão do ideal espiritualizante: — transmissão da lei (tábuas dos mandamentos); — sua conservação gráfica e preservação mística (Arca da aliança); — preservação da Arca (a princípio, Tabernáculo móvel; depois, templo de Jerusalém); — sua irradiação moral (a princípio na Palestina, depois em todas as criaturas, encarnadas e desencarnadas).

Ardeatina — Ver «Via Ardeatina».

Arélate — Cidade da Gália, transformada por César em colônia romana. Hoje Arles, na França.

Areópago — Tribunal supremo da cidade de Atenas. O nome provém da colina onde se localizava (em grego, colina de Ares). Perante ele compareceu o apóstolo Paulo. Ouvido por curiosidade intelectual em condescendente silêncio, declarou sem repulsa que Deus «não habita em templos manufaturados», porém foi interrompido quando aludiu à justiça divina e à existência de um juiz, do qual Deus dera «certeza a todos ressuscitando-o dentre os mortos». Travou-se o debate. Talvez materialmente interpretada como vitalização do cadáver, a ideia de ressurreição pareceu inconciliável com a sabedoria do Areópago. E a presença de um juiz invisível não poderia agradar a julgadores humanos, ricos de conhecimento filosófico, mas desprovidos de preparação cristã. Sem embargo da atmosfera de falso intelectualismo, não se revelou em todos a mesma lassidão espiritual. Pelo menos um membro do tribunal ateniense, conhecido historicamente como Dionísio, o Areopagita, teria revelado propensão para verdades novas. Vulto até hoje mal es-

tudado, aceitam-no alguns como futuro bispo de Atenas e mártir do Cristianismo; atribuem outros anacrônicamente, a esse contemporâneo de Paulo, páginas redigidas no século V, quatrocentos anos deslocadas no tempo; sem negar a Dionísio pendores para a causa, Emmanuel parece admitir adesão furtiva, incapaz de cooperar no advento da igreja local (Há Dois Mil Anos...», página 418). Ver «Atenas».

Referência: — Ato dos Apóstolos, 17:19 a 34.

Arícia — Antiga cidade da Itália, ao pé dos montes Albanos.

Aristarco — Cooperador de Paulo, seu companheiro de prisão. Ver «Epístola aos Colossenses», 4:10; «Epístola a Filêmon», 24.

Aristobulo — Cristão de Roma. Ver «Epístola aos Romanos», 16:11.

Armagh — Ver «Dublin».

Arquipélago — Mar Egeu ou Arquipélago, entre a Grécia continental e a Ásia Menor.

Arquipos — Companheiro de Paulo e de Filêmon, incentivado em «Epístola aos Colossenses», 4:17 (a menos se trate de homônimo). Ver «Epístola a Filêmon», 2.

Arquissinagogo — Chefe administrador da sinagoga, assembleia religiosa dos israelitas. Presidente das reuniões semanais (aos sábados, obrigatórias), não se sobrepunha ao sacerdote oficiante das orações litúrgicas. Designava quem devia ler e interpretar um texto da Lei, escrita em língua hebraica, e logo traduzido por intérprete, pois passara o povo a cultivar dialetos aramaicos,

após longo período de escravização no estrangeiro. Ver «Aramaico», «Cativeiro de Babilônia».

Arquivo de Família — Evocação gráfica dos antepassados, respeitosamente conservada no gabinete do dono da casa, segundo costume romano. Ver «Altar Doméstico», «Retratos de Cera», «Tablino».

Artemis — Ver «Diana».

Artemo — Companheiro do apóstolo Paulo. Ver «Epístola a Tito», 3:12.

Asfaltite — Ver «Mar Morto».

Asia Menor — Berço pátrio de Saulo (Paulo). Península ocidental da Ásia, limitada ao norte pelo mar Negro, a noroeste pelo mar de Mármara, a oeste pelo mar Egeu ou Arquipélago, ao sul pelo Mediterrâneo e mar da Cilícia, a leste por montanhas da Armênia e rio Eufrates.

Denominada modernamente Anatólia, território da Turquia asiática, subdividia-se outrora em numerosas regiões, cada qual com designação e cenário próprios, quase todas de pregação do apóstolo Paulo (aqui em ordem alfabética):

a) — Bitínia, ao norte, no litoral do Ponto Euxino (hoje mar Negro) e da Propôntida (atual mar de Mármara); antigo reino, absorvido pelo império romano (74 a.C.), com o nome de Província do Ponto e da Bitínia; cidades importantes Nicomédia, Niceia, sede do primeiro concílio ecumênico (ano 325), para combate à heresia ariana, e Górdio, onde Alexandre, o Grande, cortou com espada o célebre «nó górdio»;

b) — Capadócia, no centro-leste; antigo reino, reu-

nido ao império romano como província (ano 17) e posteriormente retalhado; cidade importante, Tiana (ver «Apolônio de Tiana»);

c) — Cária, a oeste, banhada pelo rio Meandro (ver «Antioquia da Psídia»); antigo reino, submetido pelos romanos; cidades importantes, Afrodísia, Éfeso, Halicarnasso (ver «Alexandria») e Mileto, centro de cultura artístico-intelectual, quando colônia grega;

d) — Cilícia, no litoral do mar da Cilícia, fração do Mediterrâneo entre a Ásia Menor e a ilha de Chipre; região de piratas marítimos, colonizada por fenícios, submetida por persas, depois por Alexandre, o Grande, a seguir província romana (64 a.C.); cidades importantes, Isso, Selêucia, com homônimo local na Síria, e Tarso — onde nasceu o Apóstolo dos gentios, esse multifário Paulo, israelita pelo sangue, fariseu pela formação religiosa, romano pela outorga da cidadania, heleno pela assimilação intelectual (— «...sou homem judeu, natural de Tarso na Cilícia...», diz Paulo em grego, Atos dos Apóstolos, 21:39; — confirma em hebraico: — «Eu sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia...», Atos, 22:3; — e prossegue: — «Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus...», id., 23:6; — «...educado nesta cidade, instruído aos pés de Gamaliel conforme a verdade da lei de nossos pais...», id., 22:3; — cidadão romano «desta não desconhecida cidade» id., 21:39, isto é, cidade livre de Tarso, ex-colônia grega, em ulterior província romana);

e) — Frígia (Phrygia), no interior, dando para os confins da Psídia (ver «Antioquia da Psídia»); cidades importantes, Laodiceia, Colossos, distinguida com uma das Epístolas de Paulo;

f) — Galácia, no interior, antes pertencente à Frígia, a seguir submetida pela Bitínia, que permitiu se

localizassem nela grupos gauleses, os «galogregos»; daí, Galácia (Galatia) e gálatas, respectivamente a região e os habitantes, estes convertidos por Paulo e admoestados em fraternal Epístola;

g) — Licaônia, no centro-sul, alongando-se para Cilícia; anexada pelos romanos (25 a.C.); cidades históricas, Icônio, Listra e Derbe;

h) — Lícia, ao sul, no litoral do Mediterrâneo, entre o Egeu e o mar da Cilícia, trecho por alguns denominado mar da Lícia; após alternativas de submissão e independência, reuniu-se ao império romano (ano 43); cidade importante, o porto de Mira;

i) — Lídia, a oeste, no litoral do mar Egeu; antigo reino, anexado pelos romanos (129 a.C.), aos lídios se atribui invenção da moeda e seu rei Cresos ficara célebre pela opulência; região para onde convergiu maior número de igrejas, nada menos de quatro dentre as sete citadas no Apocalipse; cidades importantes, Esmirna (Smyrna), Filadelfia (Philadelphia), com homônimos locais na Palestina e hoje nos Estados Unidos, Tiatira (Thyatira), nos confins da Mísia, e Sardes;

j) — Mísia, no extremo noroeste, com litorais para Propôntida (mar de Mármara) e Egeu ou Arquipelago; abrangia Mísia Maior e Mísia Menor, compreendidas nesta a Frígia do Helesponto e Tróade, onde existira a primitiva Tróia (Ilium), que Homero immortalizou na «Íliada» (ver «Anquises»); anexada ao império romano; cidade importante, Pérgamo (ver «Pergaminho»);

l) — Paflagônia, ao norte, no litoral do ponto Euxino (mar Negro), anexada por partes ao império romano;

m) — Panfília, ao sul, com litoral entre o Egeu e o mar da Cilícia, no Mediterrâneo; organizada em pro-

víncia romana (25 a.C.); cidades importantes, Perge, Atália;

n) — Ponto, no extremo nordeste, com litoral para o Ponto Euximo (mar Negro); antigo reino, subjogado pelos persas, por Alexandre, o Grande, e pelos romanos, que o desmembraram em províncias; cidades importantes, Amasia e Cabira ou Neocesareia;

o) — Psídia, ao sul, separada do litoral pela Panfília; tributária de Roma, a partir de 102 a.C.; cidade importante, Antioquia, com numerosa homonímia (ver «Antioquia da Psídia»).

Eis a antiga Ásia Menor, espécie de tabuleiro de xadrez, irregularmente quadriculado. Movido pela fé, percorreu-o detidamente um peão, o apóstolo Paulo. Seu roteiro ficaria estampado em «Atos dos Apóstolos», agora acrescidos da contribuição de Emmanuel, em «Paulo e Estêvão». Veremos assim que a Ásia Menor, cenário predileto das pregações de Paulo, foi por este palmilhada minuciosamente, com exceção do norte e do leste: — Cária (três vezes), Cilícia (duas), Frígia (duas), Galácia (duas), Licaônia (duas), Mísia (quatro), como base de regresso, Panfília (ida e volta), Psídia (duas). Frutificaram em consequência sete igrejas na Ásia Menor e a elas em especial se dirigiria no Apocalipse o evangelista João: — Éfeso, Esmirna, Filadelfia, Laodiceia, Pérgamo, Sardes, Tiatira («Apocalipse», 1:11).

Sob a rubrica de Referências, vamos acompanhar o roteiro do apóstolo Paulo pela Ásia Menor, roteiro aliás extensivo a outras regiões, desde o ponto de partida em Antioquia da Síria, até o remate do martírio em Roma.

Referências: — Primeira viagem: início em Antioquia, capital da Síria, tampão geográfico entre a Palestina e a Ásia Menor (Atos dos Apóstolos, 13:1, 2, 3; Emmanuel, 329: «Além da necessidade de submeter o

plano à aprovação da igreja de Antioquia...»); — estâgios em Selêucia, da Síria, não o porto de igual nome, na Cilícia (Atos, 13:4; Emmanuel, 331: «Dentro em pouco, cheios de confiança em Deus, Saulo e Barnabé, seguidos por João Marcos, despediram-se dos irmãos, a caminho de Selêucia»); — ilha de Chipre (Atos, 13:4; Emmanuel, 331: «Entusiasmados com o acolhimento dos irmãos de fé, Barnabé e Saulo embarcam para Chipre...»); — porto de Cítium, ao sul de Chipre, berço pátrio de Barnabé (Emmanuel, 331: «Estacionados em Cítium por muitos dias, aí solucionou Barnabé vários assuntos de seu interesse familiar»); — porto de Amatonte, ao sul de Chipre (Emmanuel, 332: «Em Amatonte, os mensageiros da Boa-Nova demoraram mais de uma semana»); — porto de Pafos, a sudoeste de Chipre (Atos, 13:6; Emmanuel, 332: «Depois de grandes esforços, chegaram a Nea-Pafos...», isto é, nova Pafos, local onde se deram o colóquio com o falso profeta Barjesu, a conversão do procônsul Sérgio Paulo e o assentimento de Saulo à sugestão de Barnabé para mudar de nome, passando então a assinar-se Paulo; — porto de Atália, na Panfília, sul de Ásia Menor (Emmanuel, 347: «Dentro de poucos dias, singela embarcação deixava-os em Atália»); — cidade de Perge, na Panfília, margem direita do rio Cestro (Atos, 13:13; Emmanuel, 348: «Em breve a missão alugava um barco, largando-se para Perge», pelo rio Cestro); — Antioquia da Psídia, penosa caminhada para o interior da Ásia Menor (Atos, 13:14; Emmanuel, 354: «Vencendo obstáculos de toda sorte, chegaram a Antioquia fundamentalmente abatidos»); — Icônio, na Licaônia, áspero trajeto para nordeste (Atos, 13:51; Emmanuel, 359, 360: «Demandariam Icônio» e «Chegados à cidade...»); — Listra, na Licaônia (Atos, 14:6; Emmanuel, 364, 365, 366: «Deixaria Icônio no dia imediato», «E os presentes passaram a comentar a posição de Listra...», «Após viagem penosíssima, chegaram à pequena cidade...»); — Derbe, na

Licaônia (Atos, 14:19; Emmanuel, 373: «...Transpuseram as portas da cidade ao amanhecer, em direção a Derbe...»); — regresso por Listra, Icônio, Antioquia da Psídia, Perge (Atos, 14:20, 24), Atália (Emmanuel, 373), Selêucia (idem), até Antioquia, na Síria, ponto de partida (Atos, 14:25; Emmanuel, 373). Resumo da primeira viagem missioneira de Paulo, ida e volta da Síria à Ásia Menor, via Chipre: — Síria (Antioquia, Selêucia); — Chipre (Citium, Amatonte, Pafos ou Nea-Pafos, em contraposição à antiga, destruída por terremoto); — Ásia Menor, Panfília (Atália, Perge), Psídia (Antioquia da Psídia), Licaônia (Icônio, Listra, Derbe); — regresso por Listra, Icônio, Antioquia da Psídia, Perge, Atália, Selêucia, até Antioquia, da Síria.

Segunda viagem: início novamente em Antioquia, capital da Síria (Atos, 15:35, 40; Emmanuel, 400: «Em companhia de Silas... o ex-rabino partiu de Antioquia...»); — estágios em Tarso, na Cilícia, cidade onde nasceu Paulo (Atos, 15:41; Emmanuel, 400: «...internando-se pelas montanhas e atingindo sua cidade natal...»); — Derbe, na Licaônia, frequentada na primeira viagem, e Listra, idem (Atos, 16:1; Emmanuel, 401: «...chegaram a Derbe...», «...o ex-rabino demandou Listra...»); — Icônio, na Licaônia, também antes percorrida (Atos, 16:16; Emmanuel, 403: «...os missionários demandaram Icônio...»); — Antioquia da Psídia, em renovada pregação (Atos, 16:6, trecho alusivo à Frígia, pois Antioquia ficava nos confins desta; Emmanuel, 403: «...demorando-se algum tempo em Antioquia de Psídia...»); — região da Galácia em geral, e caminho do norte, sem determinação de cidades percorridas (Atos, 16:6; Emmanuel, 403: «...atravessaram a Frígia e a Galácia...»); — região da Mísia em geral, a caminho do extremo noroeste (Atos, 16:7; Emmanuel, 404: «...lá se foram a pé, procurando a Mísia...»); — Tróade, na Mísia, com intenção de deixar a Ásia Menor (Atos, 16:8, 10; Emma-

nuel, 404, 405, «...induzindo-o a descer para Tróade», «Precisamos transportar-nos à Macedônia...»; — ilha de Samotrácia, em direção à Macedônia e à Grécia propriamente dita (fora da Ásia Menor, estágios em Neápolis da Macedônia, Filipes, Anfípolis, Apolônia, Tessalonica, Bereia, Atenas, Corinto, Cencreia); — regresso à Ásia Menor, via Éfeso, na Cária (Atos, 18:19; Emmanuel, 433: «...partiu em demanda de Éfeso...»); — Cesareia, na Palestina (Atos, 28:22; Emmanuel, 434: «...chegaram ao porto de Cesareia...»); — Jerusalém, na Palestina (Atos, 18:22; Emmanuel, 434: «...dirigiram-se a pé para Jerusalém...»); — Antioquia, na Síria (Atos, 18:22; Emmanuel, 435: «Após alguns dias, demandou Antioquia...»). Resumo da segunda viagem missioneira de Paulo, desde a Síria até a Grécia, ida via Ásia Menor, volta via Ásia Menor e Palestina: — Síria (Antioquia, Selêucia); — Ásia Menor, Cilícia (Tarso), Licaônia (Derbe, Listra, Icônio), Psídia (Antioquia da Psídia), Galácia em geral, Mísia em geral (Tróade em particular): — ilha de Samotrácia; — Macedônia; — Grécia; — regresso à Ásia Menor, Cária (Éfeso); — Palestina (Cesareia, Jerusalém); — até Antioquia, da Síria.

Terceira viagem, compreendido seu trajeto compulsório a Roma, como prisioneiro: — início ainda em Antioquia, da Síria, 18:23; Emmanuel, 435: «Terminado o estágio em Antioquia...»); — estágio em Tarso, na Cilícia (Emmanuel, 435: «...voltou ao berço natal...»); — Galácia e Frígia em geral (Atos, 18:23; Emmanuel, 436: «...visitou as comunidades de toda a Galácia e Frígia...»); — Éfeso, na Cária (Atos, 19:1; Emmanuel, 436: «...deliberou regressar a Éfeso...»); — Tróade, na Mísia (Emmanuel, 441: «...dirigiu-se para Tróade...»); — Filipes, na Macedônia (Atos, 20:6; Emmanuel, 442: «...estava sozinho em Filipes...»); — Corinto, na Grécia (Emmanuel, 443: «...durante a viagem

até Corinto...»); — regresso por Filipos (Emmanuel, 449), Tróade (Atos, 20:6; Emmanuel, 450); Assôs, na Mísia (Atos, 20:14; Emmanuel, 450: «...partiram... para Assôs...»); Mileto e Éfeso, na Cária (Atos, 20:15, 17; Emmanuel, 451: «Em Éfeso, porém, a cena foi mais triste»), tocando em pequenos portos até Cesareia, na Palestina (Atos, 21:8; Emmanuel, 451: «...finalmente Cesareia»); Jerusalém (de onde, aprisionado, é remetido Paulo à capital do império romano); Espanha; e, por derradeiro, martírio em Roma. Resumo da terceira viagem, desde a Síria até a «cidade das sete colinas», através da Ásia Menor, Macedônia, Grécia, Palestina, Espanha: — Síria (Antioquia, Selêucia); — Ásia Menor, Cilícia (Tarso), Galácia e Frígia em geral, Cária (Éfeso), Mísia (Tróade); — Macedônia; — Grécia; — regresso pela Ásia Menor (Tróade, Assôs, Mileto, Éfeso), Palestina (Cesareia, Jerusalém); — como prisioneiro, Itália (Roma); — pregação na Espanha; — remate em Roma.

Asínérito — Cristão de Roma. Ver «Epístola aos Romanos», 16:14.

Asmo — Ver «Ázimo».

Assôs (Assus) — Cidade da Mísia, reino da Ásia Menor, onde existiu a região de Tróade (capital antiga, Tróia).

Astura — Rio da Itália. Nasce nos montes Albanos e desemboca no mar Tirreno, perto de Âncio (Antium). Homônimo na Espanha, afluente do Durius.

Atália — Cidade da Panfília, Ásia Menor. Porto marítimo.

Atenas — Cidade da Grécia, na região da Ática,

onde floresceu brilhante civilização. Notável foco de cultura, «padecia de seculares intoxicações de intelectuais», oriundas do primitivo politeísmo. Ver «Areópago», «Ática», «Sócrates». **Referência:** — Atos dos Apóstolos, 17:15 a 33.

Ática — Região da Grécia central ou Hélade, onde se localiza a cidade de Atenas, metrópole intelectual da antiga civilização. De Ática provém o «aticismo», significando elegância, pureza de linguagem. A Grécia central ou Hélade abrangia: — Acarnânia, Ática, Beócia, Dórida, Etólia, Fócida, Lócrida, Megárida, Tessália. Ver «Grécia».

Átrio — Ver «Habitação romana».

Áugure — Sacerdote romano. Pela interpretação convencional de sinais, denominados «augúrios» (relâmpagos, voo de aves, apetite dos frangos sagrados), incumbia-se de prognosticar a vontade dos deuses oficiais. Portava como insígnia um bastão em voluta. Ver «Áuspice», «Colégios de Sacerdotes».

Augusto — Local consagrado a divindades romanas, no qual se praticavam prognósticos (augúrios), por meio de sacerdotes (áugures).

Com o sentido de «respeitável, majestático, elevado», pela primeira vez se aplicou a pessoa física, quando o senado de Roma outorgou o sobrenome de «Augusto» a Caio Otávio, designado sucessor no governo por seu tio-avô César (Caius Octavius, filho de Atia, sobrinha de César).

O título de imperador («imperator») habitualmente se concedia a general vitorioso, mas o primeiro Augusto (Caio Otávio) é também considerado o primeiro imperador, na acepção política, por haver concentrado todos

os poderes: — triúnviro, tribuno, cônsul, augusto (convertido em personativo a 16 de Janeiro de 27 a.C.), pontífice máximo, príncipe ou presidente do Senado. Recebeu a «apoteose» ao morrer, equivalente assim a um deus (ano 14).

Tornou-se frequente, daí em diante, a designação de titulares não pelo prenome e sim pelo título genérico de «Augusto», por igual o de «César», às vezes coincidentes: — «César Augusto». Ao recomendar pagamento de tributo monetário («Dai a César o que é de César»), não alude Jesus ao ditador Caio Júlio César, nem ao chamado imperador Augusto (Caio Otávio), ambos mortos na época, e sim ao então ocupante do governo (Tibério).

Fundador ou não do império romano, tese que aqui não caberia esmerilhar, o fato é que reinou Augusto (Caio Otávio) com poderes soberanos. Em seu reinado Jesus desceu à manjedoura e no de Tibério subiu à cruz.

Referência: — Lucas, 2:1 (como César Augusto, no caso, Caio Otávio).

Auriga — Cocheiro dos carros de corrida, utilizados no circo romano.

Auspice — Ou arúspice. Adivinho romano. Pela interpretação convencional de sinais, denominados auspícios ou presságios (observação do céu ou das entranhas das vítimas), incumbiam-se de prognosticar supersticiosamente o futuro. Ver «Sibila».

Auxerre — Cidade da França. Na Gália antiga, Autessiodorum.

Avênio — Cidade da Gália, a princípio dependente de Massília (hoje Marselha, França), depois ocupada pelos romanos.

Aventino — Outeiro de Roma, «cidade das sete colinas»: Aventino, Capitolino, Célio, Esquilino, Palatino, Quirinal, Viminal. O desenvolvimento urbano incorporou o Píncio e outros, todos na margem esquerda do rio Tibre; posterior irradiação abrangeria o Janículo e o Vaticano, na margem direita. Embora expandida, não perdeu Roma o sabor histórico de «cidade das sete colinas», talvez por causa do «Septimontium» (ver «Alba Longa»).

Averno — Lago da Itália, perto de Nápoles. Exalando nocivas emanações fétidas, provavelmente de origem vulcânica, era pelos romanos considerado um dos pórticos do inferno («Tártaro»).

Ávila — Capital da província do mesmo nome. Cidade da Espanha, situada em eminência orográfica, de onde domina o vale do rio Adaja. Berço pátrio de Teresa de Jesus. Fundação atribuída aos romanos, sob o nome de Avela. Ponto estratégico de Castela antiga, desempenhou como praça forte relevante papel, nas guerras entre árabes maometanos e cristãos peninsulares.

Locais históricos, citados em «Renúncia», de Emmanuel: — porta de São Vicente, uma das nove rasgadas na velha muralha, flanqueada por oitenta e seis torres de granito, ainda existentes na extensão de dois quilômetros e meio; — igreja de São Tomás (e convento dos dominicanos), fundada por Fernando e Isabel, os reis católicos. Ver «Aragão», «Castela», «Granada».

Ázimo — Sem fermento («asmo», em forma contrata). Durante sete dias consecutivos, os judeus comiam pães sem fermento, isto é, pães ázimos ou asmos. Ver «Páscoa».

Babel — Ver «Babilônia».

Babilônia — Vasta metrópole na Mesopotâmia, Ásia ocidental, à margem do Eufrates. «Rainha da Ásia», dotada de grandiosos monumentos, aliás efêmeros. Para os hebreus, «babel», isto é, confusão. Em sentido figurado, símbolo de opulência corruptora. Parece figurar no Apocalipse como alegoria de Roma, «a cidade das sete colinas»: — «...As sete cabeças são sete montes...» (17:9). Ver igualmente, no Apocalipse: 14:8; 16:19; 17:5; 18:2, 4, 10, 21.

Bacanal — Ou orgia. Celebração licenciosa com o concurso de mulheres (bacantes), em honra a Baco (Bacchus), pelos romanos cultuado como deus do vinho.

Baias — Antiga cidade da Itália, no golfo de Nápolis (Nápoles), hoje aldeia de Baja. Nome talvez derivado de Baio (Baius), companheiro de Ulisses.

Bar-Coziba — (Bar-Cocheba, Bar-Koteba, Ben-Cocheba) — Falso e obscuro messias judaico, chefe da chamada «guerra de Coziba», revolta contra o domínio de Roma, ao tempo do imperador Adriano. Reconhecera-o como salvador predestinado o rabino Aquiba, baseado na interpretação de um texto religioso, suscetível de emocionar a coletividade («Nascerá uma estrela de Jacob», Números, 24:17). Ora, «Coziba» lembra «kokab», isto é, estrela. De modo que Bar-Coziba passou a Bar-Kokaba (filho da estrela) e solenemente recebeu do rabino Aquiba a investidura de comando militar. Pôde assim desencadear Bar-Coziba uma insurreição de fundo político-religioso e proclamar a independência de Israel. Instituído o sistema de guerrilhas, não logrou sufocá-las o general Tineio Rufo, mesmo socorrido pelo legado da Síria, Públicio Marcelo. Recorreu-se ao «melhor general da época», Sexto Júlio Severo, assistido por Quinto Lolio Urbio, legado do imperador Adriano. Esmagadas cinquenta for-

tificações, subterrâneas algumas, cessou a «guerra de Coziba», com a morte do cabecilha. Repressão violenta: trucidamentos e escravizações, vendidos israelitas pelo preço de cavalos na feira anual de Terebinto — período esse conhecido na tradição judaica como «época da perseguição e do perigo». Irrompeu nos remanescentes o ímpeto de fuga espavorida, «aniquiladora dos últimos laços de coesão das tribos laboriosas de Israel» (Emmanuel).

Barillerie — Antiga rua de Paris, situada perto da «Notre Dame», na famosa «Ilha», pequena faixa entre braços do Sena.

Baris — Ver «Antônia».

Barjesus (Ben-Jesus, Elymas) — Falso profeta ou mago israelita. Tentou impedir a conversão de Sérgio Paulo, procônsul da ilha de Chipre, mas foi permitido a Saulo cegar temporariamente o capcioso opositor, à semelhança do que ocorrera no episódio da estrada de Damasco. Só após essa primeira demonstração de assistência espiritual, pórtico marcante de suas viagens missionárias, adotaria Saulo o nome de Paulo, assinando-se à romana, por alvitre de Barnabé. **Referência:** — Atos dos Apóstolos, 13:6 a 12.

Barnabé — Virtuoso levita, natural da ilha de Chipre. Mudara seu nome de José para Barnabé (filho da consolação ou da inspiração), quando escolhido auxiliar dos apóstolos, talvez por indicação de Pedro e Tiago menor. Confiante na conversão de Saulo, atuou como traço de união entre o ex-perseguidor e seus novos irmãos de crença. Sôzinho a princípio, divulgou o Evangelho em Antioquia (na Síria), primeira cidade onde passaram os «discípulos do Caminho» a se denominar

«cristãos», por sugestão do futuro evangelista Lucas. Posteriormente, em companhia de seu sobrinho João Marcos (futuro evangelista Marcos) e do neoconverso Saulo, a quem alvitrou substituir esse nome pelo de Paulo, integrou a primeira viagem missioneira, em cujas etapas já transparece natural ascendência do Apóstolo dos gentios.

Ver Emmanuel, «Paulo e Estêvão», páginas 279, 280, 282, 310, 318 a 399; e Paulo, «Epístolas aos Gálatas», 2:1, 9, 13; «Epístola aos Colossenses», 4:10, apontado nesta como primo de Marcos (e não tio), talvez por habitual imprecisão em graus de parentesco.

Referências: — vende sua propriedade e entrega aos apóstolos o produto (Atos dos Apóstolos, 4:36, 37); — conduz Saulo aos apóstolos e discípulos em Jerusalém (id., 9:27); — prega o Evangelho em Antioquia, da Síria (ib., 11:22 a 24); — procura Saulo na cidade de Tarso e o conduz a Antioquia, da Síria (ib., 11:25, 26); — em companhia de Saulo, distribui socorros na Judeia, durante a crise predita por Agabo (ib., 11:27 a 30); — toma parte na primeira viagem missioneira aos gentios, juntamente com Saulo (Paulo) e João Marcos (ibidem, 13:2, 5); — percorre o itinerário descrito no presente opúsculo (ver «Ásia Menor»); — toma parte no concílio de Jerusalém para decidir sobre a circuncisão (Atos, 15:2, 12, 22, 25); — aparta-se de Paulo, antes da segunda viagem missioneira deste, indo então para Chipre, em companhia de Marcos (id., 15:35 a 37, 39).

Barrabás — Famigerado malfeitor, sujeito a condenação, quando Jesus compareceu a julgamento. Por ser costume na festa da Páscoa o perdão de um prisioneiro escolhido pelo povo, indagou Pilatos evasivamente se a multidão preferia libertar o condenado Barrabás ou o acusado Jesus. E o consenso da maioria mal conduzida abriu ao malfeitor as portas da liberdade, arrastando assim o Salvador à ignomínia do sacrifício entre ladrões

no cimo do Gólgota. *Referências:* — Mateus, 27:15 a 21; Marcos, 15:6 a 15; Lucas, 22:13 a 25; João, 18:39, 40.

Barsabás (Judas Barsabás) — Cooperador dos apóstolos, enviado pelo concílio de Jerusalém a Antioquia, da Síria. Partiu juntamente com Paulo, Barnabé e Silas. *Referências:* — Atos dos Apóstolos, 15:22, 27, 30 a 32, 34.

Bassiano — Ver «Caracala», «Heliogábalo».

Bastilha — Castelo forte (cidadela) a leste de Paris, construído para defesa no século XIV, convertido em prisão do Estado por Luís XIV, no século XVII, e demolido pelo povo durante a Revolução Francesa, a 14 de Julho de 1789. Figuradamente, símbolo do absolutismo.

Bedriaco — Localidade da Itália meridional, onde se travou luta de dois candidatos ao título de imperador romano: aí foi Otão vencido por Vitélio, que se tornaria titular. Ver «Flávios».

Belfast — Porto da Irlanda, no canal do Norte.

Benevento — Antiga cidade da Itália central, à margem da via Ápia.

Beócia — Ver «Ática» e «Grécia».

Bereia — Antiga cidade da Macedônia, ao norte da Grécia. Sob domínio romano, integrou a parcela conhecida como terceira Macedônia.

Betânia — Aldeia da Palestina, situada em uma das ondulações orográficas, vizinhas de Jerusalém. Residência de Lázaro, com as irmãs, Marta e Maria. Cenário de ressaltantes episódios evangélicos (hoje «El-Azariyé»).

Referências: — interrogatório do Batista por fariseus do Sinédrio (João, 1:19 a 28); — testemunho do Batista (João, 1:29 a 36); — residência de Marta e Maria (Lucas, 10:38 a 42); — ressurreição de Lázaro (João, 11:1 a 46); — unção de Jesus com bálsamo (Mateus, 26:6 a 13); — ascensão do Senhor (Lucas, 24:50, 51).

Betel (Beter? atual Beitin?) — Antiga cidade situada ao norte de Jerusalém, na Palestina, onde primitivamente erguera Abraão o segundo dos três altares ao Senhor (ver «Abraão»). A mesma da «escada de Jacob», entre o Céu e a Terra, vislumbrada em sonho (Gênese, 12:8; 13:3, 4; 28:11 a 19) e do «bezerro de ouro» de Jeroboão (III Reis, 12:28, 29, 32, 33; 13:1, 4, 10, 11, 32). Sobre a anterior denominação (Luza) prevalece o nome histórico de Betel, «casa de Deus» (Beth-El?), dado por Jacob (Gênese, 28:19, 22; 35:15).

Bíblia — Coleção de livros sagrados. Compreende «testamentos», isto é, atestações escritas, habitualmente divididas em duas partes. O Antigo (ou Velho) Testamento, pré-história do advento do Cristo, emana da concepção judaica de aliança com o Senhor (ver «Arca da Aliança»); o Novo Testamento, oriundo do Cristianismo, tende a demonstrar o advento do Messias prometido, identificando-o com Jesus.

* * *

O Antigo ou Velho Testamento abrange três conjuntos, discrimináveis pelo conteúdo e nem sempre uniformemente distribuídos. Aqui aceitaremos para esses três conjuntos os títulos sugeridos por Antônio Luís Saião («Elucidações Evangélicas»):

- a) Lei — livros históricos de legislação moisaica;
b) Profetas — livros de inspiração mediúnica, intercala-

dos de passagens históricas; c) Escrituras Sagradas — livros hagiógrafos (de coisas santas), de poesia e de sapiência.

a) — «Lei» abrange cinco livros iniciais, englobados em tradução grega sob o nome de Pentateuco:

- Gênese
- Êxodo
- Levítico
- Números
- Deuteronômio

Gênese abrange a história simbólica das origens da Humanidade, posto em destaque o povo hebreu até sua entrada no Egito; Êxodo, as agruras desse povo, sua saída do Egito e aliança com o Senhor, através dos dez mandamentos, recebidos por Moisés no monte Horeb, da cadeia do Sinai; Levítico, leis civis e religiosas, núcleo da legislação moisaica, destinada ao povo e especialmente a sacerdotes, isto é, levitas (descendentes de Levi, a serviço divino); Números, outras leis e prescrições, principalmente recenseamento do povo hebreu e enumeração das famílias; Deuteronômio, recapitulação de preceitos e episódios, inclusive morte de Moisés, o que exclui a autoria humana desse patriarca, admitida para o Pentateuco em geral.

b) — «Profetas» corresponde predominantemente a livros de predições, espécie de história condicional do futuro. Classificam-se os profetas hebreus, sem respeito à cronologia, em antigos e modernos; os chamados modernos subdividem-se em maiores e menores.

Livros dos profetas antigos:

- Josué
- Juizes

- Rute
- Reis (I, II, III, IV)

Livro de Josué: conquista da Palestina ou Canaã, após saída do Egito (ver «Abraão», «José»); — Juízes: relação histórica dos chefes guerreiros, sucessores dos patriarcas e predecessores dos reis; — Rute: história idílica da bisavó de David, livro dificilmente classificável, talvez acréscimo para glorificação do bisneto; — Reis: história do apogeu e decadência do reino (Saul, David, Salomão, cisma, cativo), distribuída em quatro livros (I Reis, II Reis, III Reis, IV Reis) e subdividida na prática em 1º livro de Samuel (corresponde a I Reis), 2º livro de Samuel (II Reis), 1º livro dos Malaquins (III Reis), 2º livro dos Malaquins (IV Reis), sendo malaquins tradução de profetas.

Livros dos profetas modernos, maiores:

- Isaías
- Jeremias
- Ezequiel
- Daniel

Isaías verbera desregramentos e prediz reabilitação; — Jeremias lamenta desgraças; — Ezequiel anuncia a destruição de Jerusalém e torturas de cativo; — Daniel narra episódios do cativo predito.

Livros dos profetas modernos (menores), todos de secundária significação, em confronto com os anteriormente citados:

- Oseias
- Joel
- Amós
- Abdias
- Jonas
- Miqueias

- Naum
- Habacuc
- Sofonias
- Ageu
- Zacarias
- Malaquias

A hierarquização convencional de profetas modernos em maiores e menores, assim como a ausência de documentação sobre alguns dos antigos, acarretam avanços e recuos de cronologia, agravados por irreparáveis omissões. Pode-se admitir uma tentativa de coordenação histórica:

a) — período primitivo, a partir dos primeiros discípulos de Samuel até o século IX a.C.; aí se incluem Elias e Eliseu; falta documentação escrita; b) — período de idolatria, até o século VII a.C.; aí se incluem Joel, Amós, Oseias, Isaías, Miqueias, Naum; c) — período de cativo, até o século V a.C.; aí se incluem Sofonias, Jeremias, Habacuc, Ezequiel, Abdias; d) — período de recuperação, até o último profeta mencionado no Antigo Testamento; aí se incluem Jonas, Ageu, Malaquias, Daniel, Zacarias.

e) — «Escrituras Sagradas» corresponde a livros hagiógrafos (de coisas santas), poéticos e de sapiência:

- Paralipômenos (I, II)
- Esdras (I, II ou de Neemias)
- Ester
- Job
- Salmos
- Provérbios
- Eclesiastes
- Cântico dos Cânticos

Paralipômenos, «livro das coisas deixadas de lado»:

crônica de Judá e da tribo de Levi; — Esdras, I e II (este também chamado livro de Neemias), assim como Ester: narração do período posterior ao cativo; — Job: justificação didática dos caminhos da providência; — Salmos: cento e cinquenta poemas líricos; — Provérbios: sentenças morais; — Eclesiastes: poema didático sobre a inanição das coisas humanas; — Cântico dos Cânticos: história poética de uma fidelidade amorosa.

* * *

O Novo Testamento, história do advento do Cristo e suas repercussões, abrange quatro conjuntos, discriminados por título:

- a) — Evangelho
- b) — Atos dos Apóstolos
- c) — Epístolas
- d) — Apocalipse

a) — O Evangelho (Boa-Nova), cerne doutrinário do Cristianismo, contém aspectos da biografia terrena de Jesus-Cristo e seus principais ensinamentos de caráter moral, coligidos segundo informações de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Mateus e João, discípulos diretos, de contacto pessoal com o Mestre, escreveram respectivamente em hebraico e em grego; Marcos e Lucas, ambos em grego, o primeiro transmitindo reminiscências de Pedro após-tolo, o segundo investigando e recolhendo por via indireta. Harmonizam-se os quatro textos num todo orgânico, composto sem acomodações sob inspiração mediúcnica, cujo influxo não derogou a liberdade volitiva e os penhores psíquicos: — Mateus, menosprezado funcionário, atende ao aceno do novo chefe e nele passa a vislumbrar o diretor supremo, o rei em nomenclatura humana,

embora ao nível do «reino dos céus»; — Marcos, atemorizado quando jovem com a intensidade da tarefa, sublima depois em Jesus o servo incansável, paradigma da fraternidade a serviço divino; — Lucas, mais intelectualizado, pesquisador do pretérito e analista do futuro, apresenta Jesus como entidade imaculada, presa pela genealogia ao pai Adão, porém subtraída ao pecado pela redenção no Pai Criador; — João, mais espiritualizado, portanto mais próximo da essência, tem olhos de ver em Jesus a entidade celestial, o verbo mesmo de Deus, não apenas o «rei», o «servo», o «homem», sinopses de biografia terrena.

b) — Atos dos Apóstolos. Continuação do Evangelho, após o episódio do Calvário. Atribuída a Lucas, nela se destaca o papel de Pedro, mormente o de Paulo.

c) — Epístolas. Salvou-se do olvido pequeno acervo de cartas enviadas pelos apóstolos Paulo, Tiago (menor), Pedro, João (Evangelista) e Judas (Tadeu). Sòmente as de Paulo se conhecem por título, conforme destinação: — aos romanos, aos coríntios (I, II), aos gálatas, aos efésios, aos filipenses, aos colossenses, aos tessalonicenses (I, II), a Timóteo (I, II), a Tito, a Filêmon, aos hebreus. As demais, dirigidas a todos os fiéis, são chamadas católicas ou universais.

Sem rigorismo de averiguação técnica, talvez assim possamos dispor as Epístolas, em ordem cronológica: — primeira de Pedro; — de Paulo aos tessalonicenses (I e II), coincidentes com a segunda viagem missionária do Apóstolo dos gentios; — idem aos gálatas, coríntios (I e II), romanos, coincidentes com a terceira viagem missionária; — única de Tiago menor; — de Paulo aos efésios, aos colossenses, aos filipenses, a Filêmon, aos hebreus, a Tito, a Timóteo (I e II), coincidentes com a prisão do Apóstolo dos gentios e viagem a Roma para

final julgamento; — segunda de Pedro; — primeira, segunda e terceira de João Evangelista.

d) — Apocalipse (revelação). Ver João, em «Apóstolos».

* * *

De modo geral, títulos hebraicos não subsistem. Edições em português — católicas, protestantes, espíritas — recorrem à Vulgata e esta ao neologismo ou à tradução, para facilitar entendimento.

Assim, «Bíblia» (do grego «livros», livros por excelência) é criação fixada a partir do século IV, quando o erudito Jerônimo verte para o latim textos autenticáveis e separa os de autoria obscura ou apócrifos (Livros dos Macabeus, Livro de Judite, Livro de Tobias, Livro da Sabedoria, Livro de Jesus Sirach, Livro de Baruch e até Evangelhos orgânicos); — «berith» (do hebraico «aliança») traduziu-se em grego «diathéke» (contrato), em latim «testamentum» (atestação), em português Testamento; — Lei corresponde especificamente à legislação moisaica, portanto aos cinco primeiros livros do Velho Testamento, mas a expressão «está na Lei» nem sempre a eles exclusivamente se reporta e abrange não raro as Escrituras Sagradas (Emmanuel distingue: «Lei e Sagradas Escrituras», ver «Paulo e Estêvão», 107); — Gênese, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio são traduções de títulos hebraicos, assim como «Pentateuco» é criação em grego, para designar esses cinco livros; — «Malaquins» vem do hebraico («malaki», profeta, enviado, mensageiro); — «Escrituras Sagradas» é criação necessária, não isenta de inconvenientes, por designar apenas o terceiro conjunto do Antigo Testamento, quando toda a Bíblia se compõe de escrituras sagradas (menciona-as Emmanuel, em alusão ao segundo conjunto:

«Escrituras dos profetas», ver «Paulo e Estêvão», 111); — Paralipômenos é tradução grega do hebraico «Dibré Hayyamim», palavras dos dias, crônicas; — «Evangelho» é criação em grego (boa nova).

Procurou-se traduzir ou criar título, de acordo com o conteúdo da matéria.

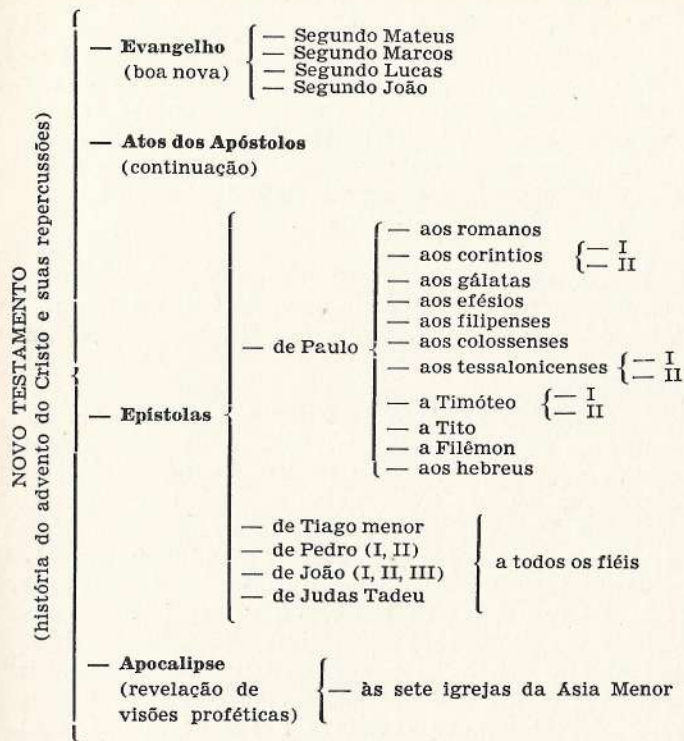
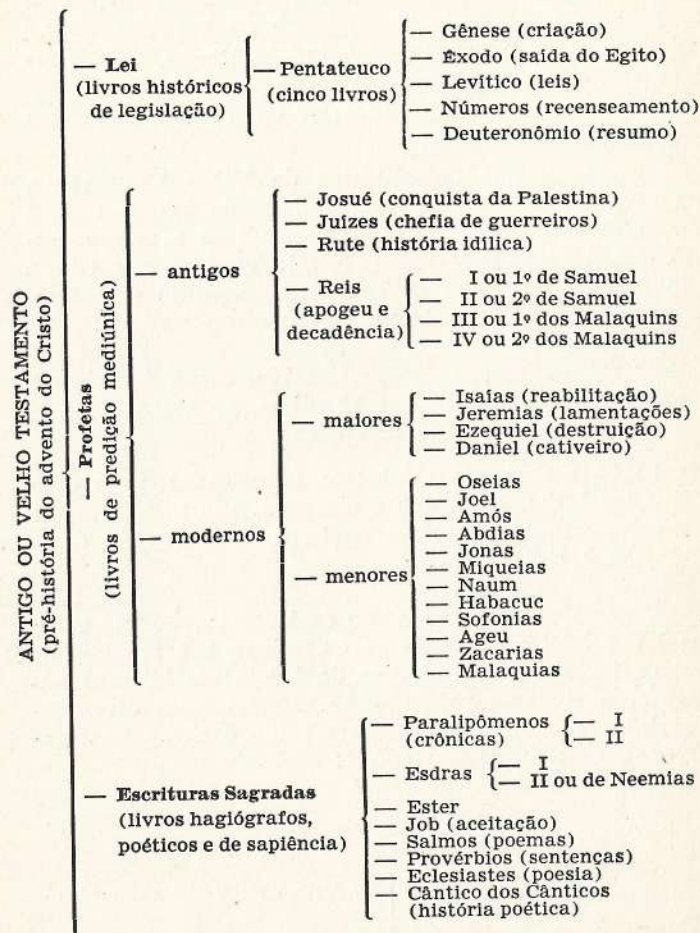
A distribuição de matérias do Velho Testamento, em ordem canônica de inserções, colide porém com a classificação por conteúdo e também com a ordem cronológica, esta aliás irreconstituível. Traduções, cópias e adulterações, ao sabor de arbítrio, ignorância e malícia, impuseram tentativas de unificação disciplinadora:

a) — a chamada «Bíblia dos 70», corpo doutrinário traduzido ao que se diz por 72 sábios de Alexandria, do qual teriam sido tiradas 70 cópias;

b) — a chamada «Vulgata» (divulgada), peça definitiva em latim, traduzida e sistematizada por Jerônimo (São Jerônimo), secretário do Papa, a instigação deste (Dâmaso I; 366-384?).

Predominou o texto latino da Vulgata. Só nos séculos XV e XVI a invenção de Gutenberg e a rebeldia de Lutero facilitariam traduções da Bíblia em idiomas nacionais, a começar pelo alemão. Sobrevieram divergências interpretativas, porém permanece o arcabouço tradicional, assim esquematizável:

BIBLIA	}	— Antigo ou Velho Testamento
coleção de livros sagrados		— Novo Testamento



Bidassoa — Rio que separa da Espanha um trecho da França ocidental. Ver «Ilha dos Faisões».

Biga — Carruagem tirada por dois cavalos. Os romanos também usavam a triga e a quadriga.

Bitínia — Ver «Ásia Menor».

Blois — Cidade da França.

Bretanha (Britannia) — Península a noroeste da Gália, conquistada pelos romanos e convertida em província destes. Passou a denominar-se Bretanha Menor ou Pequena Bretanha, depois que os romanos se estabeleceram na Bretanha Maior ou Grã Bretanha (Inglaterra, País de Gales e Escócia meridional, não atingido o extremo setentrional). Incorporada definitivamente à França no século XVI. Ver «Albino».

Britanicus — Filho de Cláudio, imperador romano (e de Messalina). Cognome dado pelo pai, em honra à vitória sobre os bretões. Morto por envenenamento, não foi titular do império.

Cafarnaum — Cidade da Galileia, na Palestina. Situava-se na margem norte do lago de Genesaré, também chamado mar da Galileia ou de Tiberíades. Residência de Pedro, talvez seu berço natal, se não tiver sido originário de Betsaida, na margem oeste do lago (não Betsaida Julia, em honra a Júlia, filha de Augusto). Residência temporária de Jesus e da Virgem Maria, após o episódio das bodas de Caná. «A paisagem de Cafarnaum serviu de palco às primeiras lições inesquecíveis e imortais do Cristianismo, em sua primitiva pureza», diz Emmanuel («Há Dois Mil Anos...», 7ª edição, página 92), porque seu povo «aceitava a Lei de Moisés, mas estava muito longe das manifestações hipócritas do fari-saísmo de Jerusalém».

Referências: — residência temporária de Jesus (João, 2:12); — retiro de Jesus (Mateus, 4:13 a 17); — local da cura do possesso (Marcos, 1:21 a 28); — local da cura da sogra de Pedro (Mateus, 8:14 a 17; Marcos, 1:29 a 34; Lucas, 4:38 a 41); — local de curas diversas, inclusive a do servo do centurião e a do filho da viúva de Naim, cidade próxima (Mateus, 8:5 a 13; Lucas, 7:1 a 10, 11 a 17; Marcos, 1:32 a 34; Lucas, 4:40, 41; Ma-

teus, 9:1 a 8; Marcos, 2:1 a 12; Lucas, 5:17 a 26); — predição de provações (Mateus, 10:23; Lucas, 10:15).

Caio Júlio César Otaviano — Ver «Augusto».

Caio Júlio Vero Maximino — Ver «Maximino».

Caius Pisão (Caius Calpurnius Piso) — Culto e opulento cônsul romano, indigitado sucessor de Nero por conspiradores. Foi uma das vítimas do abortado movimento, que arrastou à morte o filósofo Sêneca (preceptor de Nero), o poeta Lucano, o prefeito do pretório Fênio Rufo (Ver «Tigelino»), o «árbitro da elegância» Petrônio e o competidor mais visado, Lúcio Júnio Silano, último representante da família de Augusto (além de Nero), no ano 65.

Caleb — Filho de Jefone, da tribo de Judá. Foi um dos dezesseis enviados por Moisés a investigar a terra de Canaã (Palestina). Cumpriram a missão somente Caleb e Josué, antes chamado Osée (Oseias?). Ver, no Velho Testamento, Números, 13:3 a 17, 31; 14:6, 38; 32:12; Deuteronômio, 1:36.

Calígula — Caio César Germânico, historicamente Calígula, isto é, botinha. Por viver quando criança em acampamento de soldados, usava ele então a meia bota característica do exército (caliga). Filho de Germânico e da primeira Agripina, foi imperador romano sucessor de Tibério e substituído por Cláudio, entre 37 e 41, quando morreu assassinado. Aparentemente bondoso a princípio, logo praticou loucuras no governo: — concedeu a dignidade consular e uma manjedoura de ouro ao cavalo «Incitatus», proclamando-o igual a Júpiter, fêz inserir sua própria effigie em estátuas sagradas, destinou uma delas ao templo de Jerusalém, provocando assim exaltações na Judeia conquistada. Ver «Cláudio».

Caminho — Primitiva designação do «Cristianismo». Ver «Antioquia».

Camita — Família etnográfica, derivada de Cam, um dos três filhos de Noé. Do ponto de vista histórico, faltam elementos de certeza.

Campânia — Região da Itália meridional, nas costas do mar Tirreno, conceituada pelo clima.

Campo de Marte — Local de exercícios militares e atléticos, no âmbito da cidade de Roma. Planície da margem esquerda do rio Tibre, beneficiada por imponente concentração de teatros, circos, terma, estádios e atrações artísticas. Nome também aplicado em Paris ao antigo campo de manobras da Escola Militar, hoje urbanizado.

Caná — Local da Galileia, na Palestina, onde Jesus, presente a uma boda, transformou água em vinho.

Referências: — transformação da água em vinho (João, 2:1 a 11); — caso de cura fluídica a distância (João, 4:46 a 54), relativo a personagem de Cafarnaum.

Canaã (ou Palestina) — Região da Ásia ocidental. Geograficamente, compreende dois planaltos, separados no sentido norte-sul pela depressão de «Ghor» (abismo). Daí, Canaã, «terra baixa». Pelo sulco desce o rio Jordão, cujo curso nasce na cadeia do Anti-Líbano (no monte Hermon), atravessa os lagos de Meron e de Genesaré (ou mar da Galileia e de Tiberíades) e desemboca no lago Asphaltite (ou mar Morto). Tomado o Jordão como traço de referência, teremos na margem esquerda a Transjordânia e na direita a Cisjordânia ou Terra Santa, cenário da vida pública de Jesus.

Estreita faixa de terra sem limites precisos, com-

parável em extensão a Sergipe e em configuração a Portugal, abrangia Canaã sub-regiões geográficas:

- Galileia ao norte (berço dos apóstolos, exceto o Iscariote)
- Jezrael e Saron no litoral, a oeste
- Judeia ao sul.

Politicamente, ao tempo do Cristo, quando sob domínio romano, dividiu-se em tetrarquia, isto é, quatro reinos (ver «Palestina»):

- Galileia ao norte
- Samaria no centro
- Judeia ao sul
- Pereia no além Jordão.

Dessa terra outrora fértil, prometida pelo Senhor aos hebreus (ver Gênesis, 12:5, 7), irradiou-se um povo prolífico e propenso a «desempenhar o papel de profeta do Monoteísmo e do Messianismo».

Canal de São Jorge — Braço de mar que separa da Irlanda a Inglaterra.

Capadócia — Ver «Ásia Menor».

Capitólio — Cidade e templo de Júpiter no monte Capitolino, um dos sete que inicialmente caracterizaram a cidade de Roma. Coroavam-se triunfadores no Capitólio; traidores eram lançados do penhasco vizinho, à rocha Tarpeia. Daí o provérbio: — «O Capitólio está perto da rocha Tarpeia.»

Capri — Ilha do mar Tirreno, na costa ocidental da Itália, onde o imperador Tibério construiu monumental palácio. Ver «Sejano».

Cápua — Cidade da Campânia, na Itália, entre os rios Vulturno e Cânio. Famosa pela amenidade do clima.

Caracala — Imperador romano, filho e sucessor de Septímio Severo. Substituído por Macrino (211 a 217).

Cária — Ver «Ásia Menor».

Carinas — Bairro aristocrático da antiga Roma.

Carlos II — Rei da Inglaterra. A dinastia dos Stuarts fôra inaugurada por Jaime I, que uniu Inglaterra e Escócia; seguiu-se Carlos I (pai de Carlos II), decapitado em 1648; após violento período de aparência republicana («commonwealth»), sob supremacia pessoal de Olivério Cromwell, restaurou-se a dinastia dos Stuarts. Subiu ao trono Carlos II (1660 a 1683), sucedido pelo irmão, Jaime II.

Carmo — Cristão de Tróade, amigo de Paulo. Em sua casa costumava o Apóstolo deixar objetos de uso pessoal, inclusive livros e pergaminhos de grande estimação doutrinária.

Carre — Ver «Harã» e «Abraão».

Cartago — Colônia fenícia ao norte da África, imediações de Túnis moderna. Rival de Roma, enfrentou-a nas «guerras púnicas» («punicus», cartaginês em latim) e foi destruída por Cipião Emiliano (146 a.C.). Haviam sido os romanos advertidos do perigo, por Catão, o Antigo, que obstinadamente rematava seus discursos no Senado: — «Caterum censeo Carthaginem esse delendam.» Na prática, resume-se o essencial dessa ideia fixa: — «Delenda Carthago» (é necessário que Cartago seja destruída). De Catão, o Antigo, também chamado o Censor,

proveio «catonismo», austeridade de princípios, espontânea ou afetada. Mais tarde seria por Caio Graco fundada uma colônia romana em lugar de Cartago. Ver «Gracos».

Castela — Região central da antiga Espanha. Divergia-se em Castela Antiga (ou Velha) e Castela Nova. Unindo-se ao reino de Aragão, deu origem à Espanha moderna. «Castelhano» ficou sinônimo de espanhol, particularmente usado nas colônias do Novo Mundo, mas também nas metrópoles peninsulares, isto é, em Portugal e na própria Espanha. Ver «Aragão», «Granada».

Castela Antiga, Castela Nova — Ver «Castela».

Castelo Santo Ângelo — Túmulo monumental do imperador Adriano, por ele próprio erguido na cidade de Roma. Constava inicialmente de um cilindro, com diâmetro superior a sessenta metros. Depois de ampliado e convertido em fortaleza, ficaria conhecido (talvez a partir do século VI) como «Castrum Sancti Angeli», castelo Santo Ângelo, segundo tradição, por haver nele aparecido um anjo. Novamente ampliado no século XV pelo Papa Alexandre Bórgia (Alexandre VI), ligou-se então por galeria subterrânea ao palácio do Vaticano.

Além do mausoléu construído em vida, o imperador Adriano restaurou monumentos e promoveu as seguintes obras: na Itália — templos em honra a Trajano, seu antecessor, e a «Dea bona» (ambos em Roma); cidade de Tíbur, dotada de academia, prítaneu, liceu labirinto, etc., réplicas de edificações gregas e egípcias; na Grécia — templos de Apolo, em Mégara, de Antínoo, em Mantínea, conclusão do templo de Júpiter Olímpico, em Atenas; balneário e aqueduto em Corinto. Ver «Adriano», «Tíbur».

Castor e Pólux — Semideuses da mitologia grega,

filhos de Zeus (Júpiter) e de Leda, mulher que se transformara em cisne. Aceitos pelos romanos como «os deuses gêmeos». Essa espécie de nacionalização resultou da política romana de concentrar deuses de povos vencidos num templo coletivo — o Panteão (Pantheon) — para onde confluíam todos os cultos estranhos (Apolo, Baco, Castor e Pólux etc.). Da tolerância proveio influência progressiva e «nacionalização» politeísta.

Catacumba (columbário) — Adotado pelos romanos o sistema de cremação dos cadáveres, passaram as cinzas a ser depositadas em urnas e estas em monumentos (ver «Altar Doméstico»). A inserção das urnas funerárias em nichos laterais assemelhava-se exteriormente a um pombal. Daí, «columbário», isto é, pombal. Concedia-se liberdade especialmente a cooperativas funerárias, para veneração dos mortos e celebração de culto no columbário. Os primeiros cristãos de Roma, corridos da sociedade como subversores da ordem, buscaram refúgio nessas excavações, a partir de então mais conhecidas por catacumbas. Talvez o formato de túmulo dos altares constitua reminiscência do columbário romano, catacumba cristã.

Cativeiro de Babilônia — O cisma ou separação enfraquecera os hebreus, dividindo um mesmo povo em dois reinos, o de Israel e o de Judá. Constituído no ano 962 a.C., perdurou cerca de dois séculos e meio o reino de Israel. Sobreviveu ainda por mais de um século o reino de Judá, mas não pôde resistir ao ataque de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que destruiu Jerusalém, arrasou o templo de Salomão e fez arrastar para a Babilônia, em cativeiro, o povo de Judá (judeu). Denomina-se «cativeiro de Babilônia» esse período de subjugação no estrangeiro. Abraceu setenta anos e só terminaria quando Ciro, rei persa, dominasse por sua vez os escri-

vizadores de Judá. Foi então permitido o regresso a Jerusalém e reconstruído o templo. Ver «Cisma», «Israel», «Judá», «Jerusalém», «Templo de Salomão», «Ciro», «Aramaico».

Catilina — Lúcio Sérgio Catilina, malgrado conspirador, pertencente ao patriciado, isto é, aristocracia romana. Deu ensejo a que Cícero denunciasse a tempo seus planos, pronunciando uma primeira oração acusatória no Senado, além de outras em série, conhecidas na história da eloquência como «catilinárias».

Cavaleiros — Ver «Classes sociais romanas».

Cefalônia (Cephalenia ou Samos) — Ilha do mar Jônio, fronteira à entrada do golfo de Corinto, a oeste da Grécia.

Cecil — Vocábulo refugado em prestimosos dicionários, «cecil» parece moeda portuguesa, de mínimo valor, corrente a partir talvez do século XIV. Como incluí-lo no Evangelho? (Mateus, 5:26). Explicá-lo como contração de «um só i ou um til» (nesse caso, seutil, com s inicial) teria razão de ser (i, a menor letra; til, o menor sinal), no sentido de insignificância, coisa sem valor. Houve dificuldade e multiplicidade de traduções, pois o mesmo capítulo de Mateus (5:18) insere «nem um só jota nem um ápice»: — «jota», forma correspondente ao nosso i (iota em grego, iota em latim), «apice», minúscula inflexão que no alfabeto hebraico distingue D do R. Não só em Emmanuel («Paulo e Estêvão») como em Saião («Elucidaciones»), acordes ambos com a Vulgata, aparece «cecil», com e inicial.

Celestinos — Abadia dos Celestinos, à margem do Sena, em Paris. A ordem dos celestinos foi introduzida

na França pelo rei Filipe, o Belo, e fundada por Pedro Angelérier ou de Moron (depois Papa Celestino V, sucessivamente resignatário, encarcerado e canonizado).

Célio — Monte Célio, uma das sete colinas de Roma. Ver «Aventino».

Cencreia — Porto ao sul da Grécia, na região do istmo de Corinto (hoje canal), que ligava a Grécia meridional (Peloponeso) ao centro (Hélade). Situado na costa leste do istmo, facilitava comunicações marítimas pelo golfo de Sarônica a quem proviesse do oriente, em demanda da cidade de Corinto (região da Coríntia). Também pelo ocidente era possível atingir Corinto, perlongando o litoral da Acaia, razão por que alguns autores dão Corinto como integrante da Acaia.

Em Cencreia, Paulo raspou a cabeça (Atos, 18:18), «renovando os votos de fidelidade eterna, consoante os costumes populares da época» (Emmanuel, «Paulo e Estêvão», 433). Ver «nazareno de Deus», Juízes, 13:5, e nazareno (ou nazareu, ou nazireno), isto é, «consagrado, separado», em Números, 6:18 a 21; I Reis, 1:11.

Centurião — Capitão romano. Comandante de centúria, isto é, cem homens (duas centúrias, manípulo ou companhia; três companhias, coorte ou batalhão; dez batalhões, legião). Ver «Legionário».

Censor — Ver «Magistraturas romanas».

César — Caio Júlio César, general romano, de extraordinárias qualidades militares e intelectuais. Conquistador da Gália. Em Roma absorveu todos os poderes e, segundo alguns, pretendia tornar-se imperador, no sentido político que hoje damos à função. Morto a golpes de punhal, no recinto do Senado, em 44 a.C.

César, o Augusto — Os nomes de César e Augusto ficaram aplicados, como títulos, aos imperadores romanos em geral, depois de Otávio (ver «Augusto»).

Cesareia — Denominação de cidades diferentes, fundadas todas em homenagem aos Césares, isto é, imperadores romanos.

Cesareia (de Filipe) — Cidade de Bâneas, a sudeste da Fenícia, no curso inicial do rio Jordão. Filipe, tetrarca da Gaulonita, da Traconita e a Itureia, filho de Herodes, o Grande ou o Antigo (ver Lucas, 3:1), embelezou-a e trocou-lhe o nome para Cesareia. Referências: — chegada de Jesus às cercanias (Mateus, 16:13); — idem (Marcos, 8:27).

Cesareia (da Palestina) — Ou «El-Kaisariê» ou ainda Cesareia à beira-mar. Capital da Palestina romana. Herodes, o Grande ou o Antigo, trocou-lhe o nome para Cesareia, e seu filho Herodes Ântipas embelezou-a. Cidades do mesmo nome (Cesareia), em honra aos imperadores romanos, houve-as também na Ásia Menor, na África e na Gália, todas sem conexão com os romances de Emmanuel. Referências: — Atos dos Apóstolos, 8:39; 9:30; 10:1, 24; 18:22; 21:8; 23:23, 33; 25:1, 4, 6, 13.

Chipre — Ilha do Mediterrâneo, separada da Ásia Menor pelo mar da Cilícia. Principais portos visitados pelo apóstolo Paulo: — Cítium, Amatonte, Pafos ou Nea-Pafos, Salamina (de Chipre). Ver «Ásia Menor». Referências: — Atos dos Apóstolos, 13:4.

Cíbele — Ou Reia. Uma das divindades da Terra na mitologia grega. Filha do Céu e mãe de Zeus, o Júpiter romano («Magna Mater»). Também denominada Dindimene. Ver «Montano».

Cícero — Marco Túlio Cícero, grande intelectual romano, notável como tribuno e prosador. Sua eloquência benéfica salvou a república, fazendo abortar a conspiração ambiciosa de Catilina, o que lhe valeu o título de «pai da pátria», sem impedir que viesse a morrer proscrito e assassinado. Foi procônsul da Cilícia, Ásia Menor, onde depois nasceria Saulo (apóstolo Paulo).

Cilícia — Ver «Ásia Menor».

Cipro — Ver «Chipre».

Circo — O circo romano, campo de corridas em feiço alongado, compunha-se de pista e arquibancadas. Na pista recoberta de areia (daí, arena), competiam carros tirados a quatro cavalos (quadrigas), vencendo o que primeiro completasse sete voltas em torno da espinha («Spina»), fileira monumental erguida no centro, ao longo de quinhentos metros, com artística profusão de altares, estátuas e obeliscos. Nas arquibancadas acomodava-se numeroso público: duzentos e cinquenta mil espectadores afluíam para o Circo Máximo de Roma, ao pé do monte Palatino. Variante da moderna «torcida», ferviam apaixonadas controvérsias, orientando-se a massa pelas cores de sua preferência (verdes e azuis, as mais populares). Tanto no circo como no anfiteatro, martirizaram-se partidários do Cristianismo. Ver «Anfiteatro».

Circo Máximo — Ver pormenores em Emmanuel, «Há Dois Mil Anos...», 299-300.

Ciro — Ver «Aramaico», «Cativeiro de Babilônia».

Cisjordânia — Ver «Jordão», «Palestina».

Cisma — Divisão do reino de Salomão, por morte

deste: duas tribos, as de Judá e Benjamim, permaneceram fiéis a Reboão (filho de Salomão), porém as dez outras, chefiadas pelo general Jeroboão, romperam seus laços com a «casa de David» (pai de Salomão). Daí, «cisma» ou separação.

Dividiu-se portanto o mesmo povo em dois reinos independentes:

— reino de Judá

— reino de Israel

O de Judá, menor fragmento político-geográfico, manteve a capital na Jerusalém de David e Salomão, sede do templo, o que lhe acarretou ascendência religiosa relevante na psicologia dos hebreus (daí em diante também chamados judeus, os de Judá, e israelitas, os de Israel). Sobreviveu cerca de três séculos e meio, admite-se que do ano 962, irrompimento do cisma, até o ano 721 a.C.; primeiro rei, Reboão; último, Sedécias, em cujo período Jerusalém foi sitiada por Nabucodonosor, arrasado o templo de Salomão e levado o povo de Judá em cativeiro para Babilônia.

O de Israel, mais forte quantitativamente, criou capitais itinerantes, primeiro Siquém, depois Tersa, por fim Samaria; apartado do templo de Salomão, entregou-se a cultos idólatras, desviando-se acentuadamente da linhagem espiritual hebraica. Sobreviveu cerca de dois séculos e meio (962 a.C. - 587 a.C. ?); primeiro rei insurreto, Jeroboão; último, Oseias, em cujo período Sargão II conquistou Samaria e levou parte do povo de Israel em cativeiro para a Assíria. Em contrapartida, vieram escravos pagãos da Assíria colonizar Samaria (futura Sebaste, em grego; Augusta, em latim). Da união desses elementos paganizantes com os poucos israelitas conservados em Samaria proveio a seita dos samaritanos, imbuída de interpretações próprias em matéria religiosa e considerada herética na ortodoxia judaica, por admitir

somente os cinco livros de Moisés (Pentateuco) e erguer no monte Garizim um templo rival do de Jerusalém. Quando regressaram do cativeiro da Babilônia, os judeus (do Judá) repeliram os samaritanos, como não integrantes do «povo de Deus». Destruído o templo de Garizim, acirrou-se o antagonismo entre judeus — «povo eleito», fiel ao Velho Testamento em conjunto, e samaritanos — grupo mestiço de israelitas e assírios, fiel apenas aos preceitos da lei moisaica em particular. Hebreus, pela origem, todos o eram. Também irmãos. Como irmãos recebeu-os Jesus. Ver «Judá», «Judeu», «Israel», «Israelitas», «Hebreu», «Samaria», «Samaritano».

«Cité» (e «Ville») — Em francês, com maiúsculas, no texto de Emmanuel («Renúncia», 129). Não existe perfeita correspondência em português. «Cité» refere-se à parte mais antiga, núcleo central de Paris; «ville» abrange zonas circundantes de expansão, comparadas por um autor a «círculos concêntricos do tronco de árvore decepada».

Cítium — Ver «Chipre».

Classes sociais romanas — De modo geral, através de etapas históricas, a sociedade romana dividiu-se em ordens, assemelhadas às classes em conceituação moderna: a) — patrícios, descendentes das famílias primitivas por nascimento ou adoção, únicos a princípio que podiam tomar parte nas cerimônias religiosas e decidir em questões vitais do Estado, principalmente como integrantes do Senado, composto de chefes das grandes famílias, os «patres» (daí, patrícios); seriam hoje os nobres, mas constituíam, pelo privilégio dos direitos civis, o verdadeiro povo romano, baseado na aristocracia; b) — os plebeus, membros da plebe (multidão), privados a princípio de todos os direitos e provenientes de condições

variadas: descendentes de vencidos ou de estrangeiros domiciliados, naturais de cidades vizinhas, escravos libertos; reivindicaram conquistas e emergiram do desamparo legal; c) — os clientes, que obedeciam a um patrício protetor (patrono), vinculados a este por deveres recíprocos; d) — os escravos, pertencentes a um senhor e considerados coisas pela lei (não criaturas humanas), mas amparados pelos costumes religiosos; e) — os cavaleiros, espécie de aristocracia financeira, detentora do monopólio comercial e bancário, elevada com o tempo a uma posição de preeminência, pois a patrícios se interditiavam negócios monetários e, portanto, a fortuna destes dependia do que auferissem na boa administração das províncias. Ver «Menênio Agripa».

Cláudia — Cristã de Roma. Ver II Epístola a Timóteo, 4:21.

Cláudio — Imperador romano, o primeiro proclamado por soldados, a troco de gratificação («donativum»). Víctima de poliomielite, arrastava as pernas («claudus», coxo). Sucessor de Calígula, seu sobrinho; substituído por Nero, seu enteado (ano 41 a 54). Casou quatro vezes, sendo a terceira com Messalina e a última com Agripina (segunda desse nome, filha da primeira Agripina); ao tornar-se esta imperatriz, já era mãe de Nero, por anterior casamento com Cneu Domício Aenobardo, de quem enviuvava. Ver «Britânico», «Nero».

Clientes — Ver «Classes sociais romanas».

Cnido — Cidade da Cária, Ásia Menor. Porto na extremidade ocidental de uma península sobre o mar Egeu ou Arquipelago.

Colbert — Estadista francês, prestigioso em certa

fase do reinado de Luís XIV. Controlador geral das finanças, em substituição a Fouquet. Protegeu a indústria, o comércio, a marinha, as artes e letras.

Colégio ou confraria de sacerdotes (romanos) — Os sacerdotes oficiais, em Roma antiga, ministravam mais a crença que a religião. Descurado o ensinamento moral como regra de conduta, ensinavam o apelo às potências superiores por meio de cerimônias complicadas, cujo formalismo exigia integral observância, mesmo em pormenores secundários, denominados «escrúpulos».

Grupavam-se em colégios ou confrarias, onde se integravam elementos masculinos e femininos: — pontífice máximo, chefe do cerimonial, árbitro das coisas humanas e divinas, presidente dos quinze pontífices: — pontífices, zeladores do culto nacional e organizadores do calendário, onde se incluíam datas fastas e nefastas; — flamínios, incumbidos de acender o fogo sagrado, sacerdotes dos grandes deuses; — feciais, encarregados de celebração específica em início de guerra ou conclusão de paz; — luperciais, sacerdotes de Fauno ou Pã, também chamado Luperco, promotores da procissão expiatória com flagelações; — vestais, sacerdotisas de Vesta, mantenedoras do fogo sagrado da cidade, seis virgens paramentadas de branco, compelidas a voto de castidade; — em épocas recuadas, arvais, organizadores de uma procissão rogatória no mês de Maio, e salianos, guardas de um escudo sagrado, cuja origem celeste não impediu onze réplicas de fabricação terrena, por prevenção contra roubo. Ver «Áugure», prognosticador da vontade dos deuses oficiais, «Áuspice», «Sibilino», sacerdotes do povo, não do Estado.

Coliseu — Anfiteatro da cidade de Roma. O mais amplo: cento e noventa metros de comprimento por cento e cinquenta e sete de largura, capacidade para oitenta

e sete mil espectadores (Coliseu, colossal). Também se denomina Anfiteatro Flaviano, por ser iniciado com o fundador da dinastia dos Flávios (Vespasiano) e concluído por seu filho Tito. Subsistem ruínas restauradas.

Columbário — Ver «Catacumba».

Compiègne — Cidade francesa. Nela se assinou em 1768 um tratado, por meio do qual era vendida à França a ilha italiana da Córsega, e, assim, nasceu de nacionalidade francesa, em 1769, aquele que se chamaria Napoleão, o Corso, ou Napoleão Bonaparte (imperador Napoleão I).

Connecticut — Região do Novo Mundo, depois um dos Estados Unidos da América do Norte.

Cônsul — Ver «Magistraturas romanas».

Consulado — Ver «Magistraturas romanas».

Cora — Antiga vila ou cidade da Itália. Destruída por guerras civis.

Corazim (ou Corazaim) — Cidade da Galileia, norte da Palestina. Cenário da vida pública de Jesus, manteve-se impenitente e lhe foram preditos sofrimentos, assim como a Betsaida. **Referências:** — Mateus, 11:21; Lucas, 10:13.

Coríntia — Região do Peloponeso, sul da Grécia, extensiva ao istmo (hoje canal) de Corinto, em ligação com a Hélade ou Grécia central. Nela ficavam o porto de Cencreia, a leste, no golfo de Sarônica, frequentado por navegantes vindos do oriente, e a cidade interior de Corinto, que se podia atingir pelo golfo de Corinto ao

ocidente, costeando-se a Acaia. Ver «Peloponeso», «Grécia», «Hélade», «Cencreia», «Corinto», «Acaia».

Corinto — Cidade da Coríntia, região do Peloponeso ou Grécia do sul. Localizada no interior, entre o mar Jônio e o Egeu, serviam-lhe de portos: a leste, Cencreia, no golfo de Sarônica, e a oeste Lequeia (Lechacum), no golfo de Corinto; para alcançar Lequeia era indispensável costear a região de Acaia, de onde resulta mencionar-se às vezes Corinto como cidade da Acaia. Fundada pelo general grego Aratus a «liga aqueana» (da Acaia), parece que Corinto se transformou numa espécie de capital da confederação. O general romano Múmio, conquistador da Grécia, devastou Corinto, em 146 a.C., fazendo transportar para Roma riquezas artísticas do «museu da Grécia». Caio Júlio César e depois Augusto restauraram-lhe a suntuosidade. Em Corinto residiu Abigail, noiva de Saulo, futuro apóstolo Paulo. Também o irmão dela, Jeziel, futuro mártir sob o nome de Estêvão.

Referência: — Atos dos Apóstolos, 18:1 a 11 (segunda viagem missionária de Paulo).

Crescente — Companheiro temporário de Paulo. Ver II «Epístola a Timóteo», 4:10.

Creta (ou Cândia) — Ilha do Mediterrâneo. Paulo costeou-a, quando em viagem para Roma, onde seria definitivamente julgado e morto. *Referência:* — Atos dos Apóstolos, 27:7.

Cristão — Os primitivos discípulos do Cristo eram conhecidos como «caminheiros», «viajores», «peregrinos». Em Antioquia (da Síria), Lucas propôs a Saulo (Paulo) substituir por «cristão» esses nomes de sentido vago.

Cromwell — Olivério Cromwell, «Protetor da Repú-

blica» na Inglaterra, chefe da revolução que fêz degolar o rei Carlos I.

Cronos — Na mitologia grega, simbolização do Tempo, filho de Urano, o Céu. E' o Saturno da mitologia romana. Representado sob figura de um velho com a foice na mão, para significar que o tempo vai sempre ceifando criaturas e coisas. Daí provém «cronologia», ciência da divisão do tempo.

Cumas (Cumac) — Cidade da Campânia, Itália, considerada a colônia grega mais antiga da região. Num antro de seus arredores viveu a famosa Sibila, que se entregava a oráculos e por meio da qual Eneias consultou o espírito de Anquises. Os oráculos da Sibila, compendiados em linguagem dúbia nos Livros Sibilinos, obtiveram grande voga entre romanos e serviram de base a posterior adaptação (Sibila hebraica). Ver «Sibila», «Anquises», «Oráculo».

Dalmanuta — Aldeia da Galileia, nas vizinhanças do porto de Magdala, à margem do lago de Genesaré. Talvez residência de Madalena: «...foi a Dalmanuta, onde conheceu Madalena» — (Emmanuel, «Paulo e Estêvão», 269). Não se fazia distinção formal entre Dalmanuta e Magdala, tal como hoje é possível morar em Niterói e trabalhar em São Gonçalo (Dalmanuta, Marcos, 8:10; Magedan, que é Magdala, Mateus, 15:39). Predominou na prática o porto de Magdala, mais frequentado que Dalmanuta, e daí possivelmente Maria de Magdala (ou Madalena) em vez de Maria de Dalmanuta. Analogias confirmam a hipótese (Naim-Cafarnaum, Corinto-Acaia etc.). Ver «Magdala».

Damasco — Cidade da antiga Síria, empório comercial na estrada de caravanas entre o Eufrates e o Nilo,

notabilizado ainda por seus jardins e pomares. Local da conversão de Saulo (Paulo), emprega-se hoje literariamente «estrada de Damasco» para significar caminho de aperfeiçoamento.

Dã — Um dos doze filhos de Jacob (Gênese, 35:22, 25). Sua tribo chegou a contar sessenta e dois mil e setecentos guerreiros (Números, 1:12, 38). Acampou ao norte de Canaã (Palestina), juntamente com as tribos de Aser e Neftali, quando distribuídas as terras pelos filhos de Israel, isto é, de Jacob (Números, 2:25, 27 a 31). Num oásis do território de Dã abrigou-se Saulo (Paulo), após sua conversão. Ver «Israel», «Áquila».

Daniel — Um dos quatro «profetas maiores» do Velho Testamento. Médiu superiormente inspirado. Após a conquista de Jerusalém por Nabucodonosor, foi levado ainda menino para a Babilônia, em cativeiro (Daniel, 1:4, 6), onde lhe mudaram o nome para Baltasar (idem, 1:7; 2:26; 4:5, 16; 10:1), possivelmente no ano 606 a.C.

Interpretando mediunicamente misteriosos sonhos do rei Nabucodonosor, granjeou Daniel-Baltasar imprevisto prestígio: «governador de todas as províncias da Babilônia e prefeito dos magistrados, acima de todos os sábios da Babilônia» (id., 2:48).

Morto Nabucodonosor e sucedido por seu filho Baltasar — homônimo portanto do médiu — ofereceu o novo rei um banquete a mais de mil cortesãos. «Louvavam os seus deuses de ouro e prata, quando de súbito apareceram uns dedos, como de mão de homem que escrevia defronte do candeeiro, na superfície da parede da sala do rei» (id., 5:1, 4, 5). Já envelhecido, pois esse episódio, chamado «festim de Baltasar», talvez tenha ocorrido no ano 538 a.C., compareceu ao salão o médiu Daniel (Baltasar, para os babilônios). Assim interpretou as três palavras, ainda assinaladas na parede: —

«Mane», Deus contou os dias do teu reinado e lhe pôs termo; — «Thecel», foste pesado na balança e achou-se que tinhas menos de peso; — «Farés», teu reino se dividiu e foi dado aos medos e persas (id. 4:24 a 28). Realmente, Dario, rei da Pérsia, assaltou Babilônia e morreu o rei Baltasar.

Cortesãos do novo conquistador surpreenderam Daniel orando ao «seu Deus», o que contrariava uma ordem severa de Dario. Mau grado seu, ordenou Dario o castigo previsto: lançar o profeta no lago onde havia a cova dos leões, os quais entretanto até o dia seguinte não lhe causaram «lesão alguma» (id., 6:23). «Daniel perseverou em dignidade até ao reinado de Dario e ao reinado de Ciro Persa», seu sucessor e libertador dos filhos de Judá (id., 6:28). Ver «Cativeiro de Babilônia», «Aramaico», «Cisma».

David — Segundo rei dos hebreus (depois do cisma, judeus e israelitas). Sucessor de Saul, substituído por Salomão. Era um jovem pastor de Belém (Bethleem), sagrado rei secretamente pelo juiz Samuel. Vencedor em combate singular do gigante filisteu Golia, comandava tropas irregulares quando recebeu a notícia da morte de Saul. As doze tribos reconheceram a autoridade de David, que concentrou em suas mãos tanto o poder militar de Saul como o religioso de Samuel, criando um disciplinado exército permanente e fundando uma cidade para capital religiosa do reino (ver «Hebron»).

Para sítio da cidade real escolheu na Judeia a praça forte de Jebus, «no cruzamento de estradas que levam do Mediterrâneo e de Jafa ao Jordão, e do Egito à Síria.

Jebus ficava no monte Sião, entre os vales do Cedron, a leste, e do Piropeon, a oeste. Conquistou-a David, construiu sua cidadela fortificada no alto de Sião, ligou-a à «cidade alta» em formação, ergueu o palácio real, fêz transportar com solenidade a arca santa para um ta-

bernáculo e planejou o templo famoso, que edificaria seu filho Salomão.

«Cidade de David», assim se denominava o conjunto. Logo surgiram os locativos Jerusalém (cidade da paz? visão da paz?) e a forma grega «Hierosólyma», de onde hierosolimitano para o natural de Jerusalém. Também já se usava «judeu» para o natural da Judeia, mais corrente entretanto após o cisma, divisão em Judá e Israel. Admite-se o reinado de David entre os anos de 1055 e 1015 a.C.

Décio — Imperador romano, do período de anarquia militar, iniciado por Maximino. Permaneceu apenas de 249 a 251; perseguiu os cristãos em 250.

Décio Clódio Séptimo Albino — Ver «Albino».

Delfos — Cidade da Grécia central ou Hélade. Ficava na região da Fócida, junto ao monte Parnaso. Celebrizou-se pelo templo de Apolo, onde se manifestava seu oráculo, por intermédio de uma sacerdotisa.

Demas — Companheiro de Paulo e seu colaborador temporário. Ver Colossenses, 4:10; II Timóteo, 4:9; Filemon, 24.

Denário — Moeda de prata, equivalente a dez asses, unidade fundamental do sistema monetário romano (asse, sestércio, denário, áureo, grande sestércio).

Derbe — Ver «Ásia Menor».

Dez mandamentos — Ver «Arca da aliança».

Diana — A Lua, na mitologia romana. Filha de Zeus (Júpiter), o «pai dos deuses». Irmã de Apolo, o Sol. E' a Ártemis dos gregos. Ver «Mitologia», «Éfeso».

Dindimene — Ver «Cíbele».

Domiciano — Filho do imperador Vespasiano e ele próprio um dos integrantes da dinastia dos Flávios, em Roma (Vespasiano — Tito — Domiciano). Acusado de envenenar seu irmão Tito, substituiu-o como imperador, do ano 81 a 96, quando perseguiu os cristãos. Sucedido pelo senador Nerva, que inicia a série dos chamados pelo nome de Antoninos. Ver «Roma».

Domício Nero — Ver «Nero».

Doutor da lei — Ver «Escriba».

Drépano — Cidade da ilha Sicília. Hoje Trápani.

Drúida — Sacerdote gaulês. Celebrava cerimônias na floresta, ao ar livre, perante monumentos de pedra, os «dolmens», de que subsistem exemplares.

Dublin — Capital da Irlanda, em substituição à antiga, Armagh, esta na província de Ulster, ao norte da Irlanda.

Eclesiastes — Um dos livros do Velho Testamento. Atribuído ao rei Salomão, filho do rei David.

Edícula — Nicho, oratório.

Edito — Ordem, intimação. Em linguagem moderna, equivalente a decreto executivo.

Edito de Nantes — Ordem assinada pelo rei Henrique IV de França, na cidade de Nantes, em 1598. Considerado favorável aos calvinistas (protestantes), concedia-lhes relativa liberdade de culto, sob condições nem sempre equitativas. Revogado pelo rei Luís XIV, em 1685.

Éfeso — Grande cidade comercial e religiosa da Cária, Ásia Menor. Nela se ergueu o santuário de Ártemis (Diana), centro religioso da confederação «ioniana» (ver «Jônia»). Fundada ao que parece por um jônio (Androcles), denominou-se Arsinoe depois de transferida e é hoje pertencente à Turquia («Ayasolouk»?). Uma das igrejas da Ásia a que João Evangelista enviou o Apocalipse, frequentada por Paulo em duas viagens missionárias. **Referências:** — Atos dos Apóstolos, 18:19 (segunda viagem de Paulo); 18:24; 19:1 (terceira viagem), 17, 26, 35.

Egeu — Ver «Arquipélago».

Egnácio Galieno (Publius Licinius Egnatius Gallienus) — Imperador romano, do período de anarquia militar. Seu pai, o imperador Valeriano, concedera-lhe o título de Augusto e o associara no governo, repartido entre o Ocidente e o Oriente; mas Valeriano, que escolhera o Oriente, foi derrotado pelos persas, aprisionado e, supõe-se, esfolado vivo. Egnácio Galieno, reconhecido em Roma como imperador, lutou contra usurpadores e deu a seus filhos o título de Césares, um deles chamado Valeriano, o moço; em 257 e 258 baixou editos de perseguição a cristãos. Morreu assassinado, em 268.

Elêusis — Cidade da Ática, na Hélade ou Grécia Central, a segunda em importância depois de Atenas. Célebre pelos santuários de Deméter, deusa das sementeiras, a «Ceres» romana (daí, cereal) e de Perséfone, segundo a mitologia, filha de Deméter, raptada por Plutão para o inferno e então conhecida por Prosérpina. Em ambos os santuários se praticavam «mistérios», cerimônias secretas, por cujo intermédio as iniciadas «tomavam o véu», isto é, tornavam-se «mystes» (veladas).

Elia Capitolina — Ver «Adriano».

Elias — Extraordinário médium, altamente espiritualizado, cujo envoltório físico não careceu de sepultura terrena: «subiu ao céu por meio de um remoinho» (Quarto Livro dos Reis, 2:11). Não consta da relação dos profetas, quer os chamados maiores quer menores, no Antigo Testamento. Seu impressionante convívio com encarnados vem resumido nos capítulos XVII a XXII e I a II, respectivamente dos Livro Terceiro e Quarto dos Reis, chamados em hebreu Livros dos Malaquins. É anterior à era cristã, talvez uns oitocentos anos.

Contemporâneos de Jesus admitiram nele a reencarnação de Elias, baseando-se talvez em errônea interpretação da profecia: — «Eis aí vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o dia grande e horrível do Senhor» (Velho Testamento, «Malaquias», 4:5).

Jesus, porém, retificou: — Elias, de fato, já reencarnara, não nele, o Cristo, mas em outro, que os discípulos entenderam como João Batista.

Referências: — Mateus, 11:14; 16:14; 17:3, 4, 10 a 13; Marcos, 8:28; 9:3, 4, 10 a 12; Lucas, 9:19, 30, 33.

Elimas (Elymas) — Ver «Barjesus».

Elíseos — Campos Elíseos, remanso de felicidade perfeita, onde sobreviveriam os bons espíritos, segundo poetas e filósofos gregos. Semelhante ao «seio de Abraão», dos hebreus. Concepção mais ou menos materializada de céu, assim como o Tártaro representava eternos suplícios para os maus. Surtos translúcidos de imaginação poética, essas criações lítero-filosóficas supriram o papel da religião na Grécia (e em Roma), onde sacerdotes não cuidavam de doutrinas morais e sim de práticas exteriores. Ver «Averno», «Aqueronte», «Tártaro», «Colégio ou confraria de sacerdotes».

Emaús — Aldeia da Judeia, na Palestina, denomina-

da Nicópolis pelos romanos, que dela se utilizaram como acampamento de legião. Do texto de Lucas (24:13), não se infere propriamente a presença de «discípulos de Emaús» e sim a de «dois deles», «que... caminhavam... para uma aldeia chamada Emaús».

Emiliano — Ver Cipião Emiliano, em «Cartago».

Endor — Localidade da Palestina, onde residiu antiga pitonisa, omitido seu nome no Velho Testamento (Livro Primeiro dos Reis, 28:7). Foi ela consultada por Saul, primeiro rei dos hebreus, que se achava em atribulações e apelara para o Senhor, sem obter resposta «nem por sonho, nem por sacerdotes, nem por profetas» (idem, 6). Por intermédio da pitonisa, invocou o Espírito de Samuel, recentemente desencarnado (1058 a.C.?), cuja comunicação lhe profetizou imediatas e dolorosas provações; de fato, no dia seguinte, morriam Saul e seus filhos na batalha do monte Gelboé contra os filisteus (1056 a.C.?). Seguir-se-ia o advento de David, segundo rei dos hebreus.

Eneias — Ver «Anquises».

Epafras — Amigo de Paulo e seu companheiro de prisão. Ver «Epístola aos Colossenses», 1:7; 4:12; «Epístola a Filêmon», 23.

Epafrodito — Companheiro de Paulo, encarregado pelos filipenses de entregar um donativo ao Apóstolo. Ver «Epístola aos Filipenses», 2:25 a 30; 4:18.

Epêneto — Amigo de Paulo, um dos primeiros convertidos na Ásia. Ver «Epístola aos Romanos», 16:5.

Epicuro — Filósofo grego (341 a 270 a.C.). Ensi-

nava em Atenas a filosofia de bem viver, mediante o mínimo de dores e o máximo de prazeres, considerados prazeres a cultura do espírito e a prática da moral. Estabeleceu assim condições para o homem ser feliz e virtuoso, porém sua filosofia deu margem a interpretações bastardas e hoje se define «epicurista» como aquele que desfruta prazeres grosseiros.

Erasto — Companheiro temporário de Paulo. Ver II Epístola a Timóteo, 4:20.

Escândalo — Ao pé da letra, «pedra que faz tropeçar». Daí, «pedra de escândalo», isto é, causa de quedas (morais). Ver «Pedro», em «Apóstolos».

Escravo — Ver «Classes sociais romanas».

Escriba ou Doutor da lei — A princípio, escrevão público (escriba). Depois, o varão douto na lei de Moisés, por ele ensinada e interpretada, com caráter estritamente conservador. Doutor da lei foi Saulo, tido como renegado, ao transformar-se no apóstolo Paulo. Ver «Sinedrio».

Esculápio (ou Asclépio) — Semideus da mitologia grega, filho do deus Apolo e da ninfa Corônís. Aprendeu segredos da arte de curar com o centauro Quiron e tanto se aperfeiçoaria que passou a figurar como deus da Medicina. A ele eram consagrados o galo, símbolo da vigilância, e a serpente, símbolo da prudência.

Esmirna (Smyrna) — Cidade da Lídia, Ásia Menor, tida como berço pátrio de Homero. Porto comercial florescente sob domínio romano. Uma das sete igrejas da Ásia a que João enviou o Apocalipse.

Esquilino — Uma das sete colinas da cidade de

Roma. Local de habitações mal afamadas. Ver «Aventino».

Estéfanas — Cristão da Acaia (Grécia), louvado por Paulo. Ver I «Epístola aos Coríntios», 16:15, 17.

Estêvão — Primeiro mártir cristão, para cujo suplício contribuiu Saulo. Antes da conversão chamava-se Jeziel esse admirável espírito, emocionantemente homenageado por Emmanuel em «Paulo e Estêvão». Ver «Abigail», irmã de Estêvão e noiva de Saulo, com quem não chegou a contrair matrimônio.

Etrúria — Região da Itália, no litoral do mar Tirreno. No período de Augusto, província de Túscia e Umbria.

Etrusco — O povo assim chamado parece originário da Lídia, Ásia Menor. Transmigrou para a Itália, onde manteve indenes a religião e a língua. Após dar até reis a Roma (os Tarquínios), foi vencido e romanizado.

Eubulo — Cristão de Roma. Ver II «Epístola a Timóteo», 4:21.

Eufrates — Grande rio da Ásia, que banhava a cidade de Babilônia. Forma com o Tigre a região denominada Mesopotâmia (entre rios). Nasce na Armênia e desembocava isoladamente no golfo Pérsico, onde hoje se lança reunido ao Tigre, em vasto delta de aluvião.

Eunice — Cristã louvada por Paulo. Mãe de Timóteo. Ver II «Epístola a Timóteo», 1:5.

Eutico — Jovem cristão (?), que assistia à pregação de Paulo na cidade de Tróade, quando tombou da janela

de um terceiro andar, sendo recuperado pelo apóstolo. Referência: — Atos dos Apóstolos, 20:6 a 12.

Evódia — Cristã de Filipos, exortada por Paulo. Ver «Epístola aos Filipenses», 4:2.

Évreux — Cidade da França.

Ezequiel — Um dos quatro profetas maiores, o terceiro da série no cânon judaico: Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel.

Falerno — Região da Itália onde se fabricavam vinhos finos.

Fariseu — Membro de uma seita influente do Judaísmo, caracterizada pela interpretação ortodoxa das Escrituras. «Perouskins» em hebraico, com variantes em aramaico, deve ser «distinto», «separado», isso porque o fariseu se distinguia pela doutrina e pelo rigorismo formalista, dominando assim as multidões, ao menos até certa fase. Reivindicavam honrarias e o título de mestres, mas Jesus não lhes reconheceu sinceridade nas obras, embora ressaltando a pureza da Lei a que diziam obedecer: — «Sobre a cadeira de Moisés se assentaram os escribas e fariseus. Tudo pois quanto vos disserem, observai-o e fazei-o; mas não obreis segundo a prática das suas ações, porque dizem e não fazem... Nem vos chaméis mestres...» (Mateus, 23:2, 10.) Farisaísmo ficou sinônimo de hipocrisia, generalização onde talvez caibam exceções. Fariseus foram Nicodemos (João, 3:1), Gamaliel (Atos, 5:34 a 40; 22:3) e o próprio Saulo, futuro Apóstolo dos Gentios: — «Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus...» (Atos, 23:6.) Ver «Escribas ou Doutores da Lei»; Kardec, «O Evangelho segundo o Espiritismo», XXIV; Mínimus, «Síntese de O Novo Testamento», 269.

Filadelfia (Philadelphia, amor fraternal) — Cidade da Lídia, Ásia Menor. Atribui-se a fundação a Átalo Filadelfo, rei de Pérgamo, e denominação a Ptolomeu Filadelfo; chamou-se antes «Rabbat Ammon» e é hoje «Alá-Xehr». Existiu homônimo no Brasil (agora Teófilo Ottoni) e ainda existe a dos Estados Unidos, cidade «do amor fraternal», estabelecida na colônia quacre (seita protestante), de Pensilvânia, por Guilherme (William) Penn. Uma das sete igrejas da Ásia a que João enviou o Apocalipse.

Filhos de Zebedeu — Os apóstolos Tiago maior e João.

Filipe IV — Rei da Espanha. Pelo tratado dos Pireneus deu em casamento sua filha Maria Teresa a Luís XIV, rei da França (1660). Também houve Filipe IV, rei da França, chamado Filipe, o Belo.

Flávios — Dinastia de imperadores romanos, sucessora de Vitélio e substituída pela dos Antoninos. Abrange Vespasiano e seus dois filhos: — Tito, em cujo período foram destruídas por erupção do Vesúvio algumas localidades, destacando-se Herculano e Pompeia; — Domiciano, perseguidor dos cristãos, sucedido por Nerva (Antoninos). Ver «Anfiteatro Flaviano» ou Coliseu, «Jerusalém».

Fócida (Phócida) — Ver «Ática» e «Grécia».

Fortunato — Cristão da Acaia (Grécia), louvado por Paulo. Ver I «Epístola aos Coríntios», 16:15, 17.

Forum — Inicialmente, praça da cidade de Roma, entre os montes Palatino e Capitolino. Significava mercado, feira. Depois, local de assembleias populares (co-

mício). Aí teve sede o Senado, numa ampla sala (Cúria) guarnecida apenas de bancos de madeira. Ficava ao lado o edifício que hoje denominaríamos palácio da Justiça ou Foro. Pouco a pouco foi sendo a praça ornamentada com templos, estátuas e monumentos; dentre os monumentos se destacava, pela expressão político-social, a tribuna forense (Rostra), da qual partiam simbolicamente todas as vias romanas («todos os caminhos vão dar a Roma»). Não foi esse o único Forum da cidade de Roma e a denominação de Forum também se aplicou até a cidades (Forum Appii, Forum Aurelium, Forum Hadriani, etc.).

Foucquet — Nicolas Foucquet, superintendente das finanças francesas no período inicial de Luís XIV, condenado a prisão perpétua por malversação dos dinheiros públicos.

Frigia — Ver «Ásia Menor».

Fronda — Nome da guerra civil durante a menoridade de Luís XIV. Crianças parisienses costumavam brincar com fronda (funda), hostilizando por meio dela a própria polícia. O povo aplicou esse termo à luta entre partidários do ministro, cardeal Mazarino, e partidários do parlamento (fronda parlamentar); depois, Mazarino entraria em contenda com a nobreza (fronda dos nobres).

Gabriel — Nome pelo qual conhecemos o alto Espírito que anunciou a Maria Santíssima a chegada do Salvador, assim como ao sacerdote Zacarias a encarnação de João Batista. **Referências:** — Lucas, 1:11 a 20, especialmente 19; idem, 26 a 38, especialmente 26.

Gaeta — Porto da Itália no mar Tirreno, ao norte de Nápoles.

Galácia — Ver «Ásia Menor».

Gálata — Natural da Galácia, Ásia Menor.

Galba — Sérvio Sulpício Galba, legado da Espanha Citerior (governador da Espanha), que sucedeu a Nero no governo de Roma, por indicação das tropas sublevadas e confirmação expressa do Senado. Morto o imperador Nero em Junho de 68, Galba entrou em Roma, onde impôs sua autoridade, como sucessor já reconhecido e como ancião ilustre, pertencente à classe do patriciado (ver «Patricio»). Rejeitando porém o sistema de gratificação especial aos soldados (ver «donativum», em «Cláudio»), incorreu no desagrado das legiões: as da Germânia Inferior proclamaram Vitélio. Por sua vez os pretorianos da capital proclamaram Otão (Othon) e Galba morreu ao enfrentá-los, em Janeiro de 69. Na luta entre os pretendentes, venceria Vitélio (ver «Bedriaco»).

A ascensão de Galba, imperador efêmero, a cujo respeito concede Emmanuel uma de suas raras citações de autores (lembrou Tácito, segundo o qual era Galba por todos considerado digno do governo, se não tivesse sido imperador; ver «Há Dois Mil Anos...», pág. 375), apresenta aspectos importantes: — morto Nero, último representante da família de César e de Augusto, aceitava-se pela primeira vez outra dinastia; — morto Galba, aceitava-se pela primeira vez a proclamação por iniciativa individual, caminho aberto para a usurpação e a instabilidade.

Galeras — Embarcação antiga, movida a vela e a remo, manobrada por escravos ou por criminosos condenados.

Gália — O norte da Itália era denominado Gália Cisalpina ou interior ou togata. Caracterizados pelo ex-

pansionismo, conquistaram os romanos além dos Alpes outro ponto de apoio, que ficaria conhecido como Gália Transalpina ou bracata. Havia porém a Gália independente, dividida em três partes: — Aquitânia, Céltica (região central) e Bélgica. Conquistou-a César, que a transformou em província romana (59 a 51 a.C.), por ele mesmo narrada a campanha em livro famoso. Variaram os limites (anexadas mais tarde a Germânia superior e a inferior), mas de modo geral o conjunto corresponde ao ocidente da Europa, isto é, à França.

Galileia — Região norte da Palestina, à margem direita do Jordão. Flanqueada a oeste pela Fenícia, abrangia aproximadamente a zona geográfica entre o lago de Genesaré e a cidade de Cesareia (de Filipe). Foi assiduamente frequentada por Jesus, que alguns contemporâneos supuseram ser galileu, isto é, natural da Galileia. Viviam os galileus em contacto com estrangeiros ou gentios, principalmente fenícios e sírios (também gregos e árabes). Sobre o sotaque denunciado de Pedro, ver Mateus, 26:73.

Galiza — Antiga província da Espanha, com capital em Santiago de Compostela, metrópole religiosa.

Gamaliel — Virtuoso membro da seita dos fariseus, casta ortodoxa do Judaísmo. Educador de Saulo (Paulo). Defensor dos apóstolos perante o Sinédrio. Ver Atos dos Apóstolos, 5:34 a 40; 22:3.

Ganges — Grande rio da Índia. Nasce no Himalaia e desemboca no Golfo de Bengala.

Garizim — Montanha da Samaria, na Palestina. Nela ergueram os samaritanos um templo em honra a Zeus (Júpiter), destruído por Hircano, sumo pontífice judaico.

Garona — Rio da França. Nasce nos Pirineus espanhóis e desemboca no Atlântico.

Gaulanítida — Ver «Decápole», em «Palestina».

Gemônias — Escadarias do monte Aventino ao rio Tibre, em Roma, por onde se lançavam cadáveres de supliciados.

Genesaré — Lago da Palestina, atravessado pelo rio Jordão. Antigo «Kinereth». Também chamado lago de Tiberíade ou mar da Galileia. Cenário das pregações de Jesus. Muito piscoso e sujeito a tempestades, notabilizou-se outrora pela fertilidade circundante. Ver Emmanuel, «Há Dois Mil Anos...», 91-92.

«**Gens**» — Família patriarcal romana, baseada na unidade religiosa, através do culto ao antepassado comum. Ver «Altar doméstico», «Arquivo», «Retratos de cera».

«**Gens**» **Cornélia** — Importante família de Roma. A ela pertenciam os Cipiões, os Cossus, os Silas e os Léntulos. Ver «Públio Cornelius Lentulus».

«**Geryon**» — Gerunium, talvez Gerione: antiga cidade da Itália. «Geryon» (Gerião): gigante da mitologia grega, que possuía três corpos e foi morto por Hércules.

Gladiador — Combatente armado de espada (gládio), que figurava em espetáculos do anfiteatro romano.

Gólgota (ou Calvário) — Colina de Jerusalém, onde Jesus foi crucificado. Fora das muralhas da cidade, atingia-se pela porta Judiciária e utilizava-se como depósito de crânios de justicados.

Graco (Caio Graco) — Ver «Gracos».

Gracos — Patrícios romanos, filhos da matrona Cornélia, por ela cuidadosamente educados. Embora pertencentes ao patriciado, pretenderam conceder direitos à plebe e suscitaram lutas civis em Roma. Assim, Tibério Graco, o mais velho dos dois irmãos (Tibério, Caio) propôs uma distribuição de terras aos plebeus (lei agrária), mas foi morto a pauladas; o caçula Caio Graco defendeu a criação de colônias no lugar de antigas cidades destruídas (ver «Cartago») e a distribuição de trigo por preço ínfimo (lei frumentária), mas foi obrigado ao suicídio pela mão de um escravo.

Granada — Antiga capital dos árabes maometanos, conquistada por Fernando e Isabel («os reis católicos»), que deram origem à Espanha moderna, com a vitória sobre esse último reduto islamita. Das cidades espanholas é a que mais perduráveis vestígios conserva da invasão árabe. Ver «Alhambra».

Grécia — A Grécia histórica, confinada ao norte com a Ilíria e a Macedônia, compreendia uma parte continental e outra insular. A parte continental abrangia a Hélade, no centro, e o Peloponeso, ao sul, em prolongamento peninsular. A Hélade subdividia-se em regiões: — Acarnânia, Ática, Beócia, Dórida, Etólia, Fócida, Lócrida, Megárida, Tessália. O Peloponeso, em Acaia, Arcádia, Argólida, Coríntia, Élida, Lacônia, Messênia.

A parte insular abrangia numerosos grupos (das Cíclades, das Espórades, das Jônicas), além de ilhas isoladas (Eubeia, Lesbos, Samnos, etc.).

As colônias gregas estenderam sua civilização ao atual Mar Negro, à Ásia Menor, à África, à Sicília e à Itália (aí sob o nome de Magna Grécia), ao Atlântico e a diversas ilhas, como Creta e Chipre.

Guadarrama — Cadeia de montanhas na Espanha. Separa as bacias dos rios Tejo e Douro. Com variantes de denominação, prolonga-se a oeste até o Atlântico.

Habitação romana — Dividida em setores, abrangia apartamentos sociais (parte pública) e apartamentos privados (parte familiar). Os primeiros, com uma única porta de ingresso, compreendiam: **a)** — vestíbulo ou entrada; **b)** — átrio, peça ampla em cujo centro se abria o implúvio, tanque ou piscina em correspondência com uma abertura do teto, pela qual se captavam águas de chuva; no átrio se enfileiravam retratos de antepassados e o altar doméstico; **c)** — tablino ou gabinete do chefe de família, no limite entre a parte pública e a família.

Os apartamentos privados sobrevieram por influência grega e compreendiam: **a)** — peristilo, galeria de colunas dando para o pátio ajardinado, geralmente com repuxos, e contornado por dormitórios e pelo triclinio, espécie de sala de jantar com três leitos, onde se comia em postura reclinada; **b)** — serviços domésticos, nos fundos.

Halicarnasso — Ver «Cária», em «Ásia Menor».

Hartford — Cidade dos Estados Unidos da América do Norte.

Havre — Cidade da França, na embocadura do rio Sena.

Hebreu — Significa provavelmente «emigrado», aquele que veio de outro país, aquele que atravessou; segundo alguns, «povo de além do rio» (o Eufrates ou o Jordão). Aplicava-se de início à tribo que emigrou para Canaã (Palestina), sob a chefia de Abraão, o primeiro patriarca. Era de origem semita, isto é, descendente

de Sem, um dos três filhos de Noé (Sem, Cam, Jafet). Os hebreus passaram a ser também conhecidos como israelitas e judeus, após a divisão em reino de Israel e reino de Judá (ver «Cisma»).

Hebron — Cidade da Palestina, ao sul da atual Jerusalém. Residência provisória do rei David, incendiada mais tarde pelos romanos, na guerra da Judeia.

Hélade — Região central da Grécia.

Heliópolis — Antiga Baal-Bek. Cidade importante da Síria. Em seu grandioso templo, consagrado ao Sol, destacava-se um dos oráculos mais famosos. Convertida em colônia romana.

Antes de Heliópolis da Síria já existia uma cidade de igual nome no Egito.

Hélios — Personificação do Sol na mitologia greco-romana, confundida não raro com Apolo.

Herculanum — Cidade da Itália, ao pé do Vesúvio, submersa por lavas e cinzas na grande erupção do ano 79.

Hércules — Semideus mitológico da Grécia, caracterizado pela força invulgar.

Hermas — Cristão de Roma. Ver Paulo, «Epístola aos Romanos», 16:14.

Hermes — Hermes Trismegisto (três vezes máximo), designação grega do deus egípcio Tot, considerado inventor das ciências.

Hermógenes — Cristão da Ásia, que se apartou de Paulo em Roma. Ver Paulo, II, Epístola a Timóteo, 1:15.

Hermon — Ver «Canaã».

Herodes I (cognominado o Grande ou o Antigo) — Rei da Judeia por ocasião do nascimento de Jesus, a quem procurou eliminar. Pai de Herodes Antipas; um dos julgadores do Cristo. Ver «Idumeia». **Referências:** — rei da Judeia ao tempo da anunciação do Batista e do nascimento de Jesus (Lucas, 1:5; Mateus, 2:1); — inquietação com a chegada dos magos (Mateus, 2:3); — inquirições a príncipes dos sacerdotes e escribas (Mateus, 2:4); — ordem de contacto com os magos (Mateus, 2:7); — remessa dos magos a Belém (Mateus, 2:8); — planos de eliminação do menino Jesus (Mateus, 2:13); — ordem da chacina de crianças ou «massacre de inocentes» (Mateus, 2:16, 18); — morte (Mateus, 2:19).

Herodes Agripa I — Rei da Judeia, neto de Herodes, o Grande ou o Antigo. Pai de Berenice, a quem o general romano Tito pretendeu desposar, impedido de fazê-lo por motivos políticos.

Herodes Agripa II — Rei da Judeia, contemporâneo da conquista de Jerusalém por Tito, general e futuro imperador romano (ano 70).

Herodes Antipas — Tetrarca da Galileia e da Pereia, Filho de Herodes I, cognominado o Grande ou o Antigo, rei da Judeia. Casado com a filha de Aretes, rei da Arábia, contraiu novas núpcias ilegítimas com Herodíades, mulher de seu meio irmão Herodes Filipe. Advertido por João Batista, prendeu-o na fortaleza de Maqueronte e mandou degolá-lo, por solicitação de Salomé, filha de Herodíades, industriada por esta. Perante Herodes Antipas compareceu Jesus para julgamento, como súdito da Galileia, mas silenciou em presença do tetrarca, eloquente defesa que acusava o juiz. Mais tarde exilado

pelo imperador Calígula para Lugdunum (Lião, na França). Segundo historiadores, veio a morrer na Espanha, o que aliás não se deduz de Atos dos Apóstolos. Ver «Tiberíades».

Referências: — tetrarca ao tempo da vida pública de João Batista (Lucas, 3:1); — ordem de prisão do Batista (Lucas, 3:19, 20); — ordem de degolá-lo (Mateus, 14:3 a 12; Marcos, 6:17 a 29); — receio de haver João Batista ressuscitado em Jesus (Mateus, 14:1, 2; Marcos, 6:14 a 16; Lucas, 9:7 a 9); — cautela com o «fermento de Herodes» aconselhada por Jesus (Marcos, 8:15); — tenta aniquilar Jesus (Lucas, 8:31); — defronta-se com Jesus (Lucas, 23:6 a 12); — reconcilia-se com Pilatos (Lucas, 23:12); — manda degolar Tiago maior e prender discípulos (Atos dos Apóstolos, 12:1, 2); — manda prender Pedro (idem, 12:3, 4); — morte, (idem, 12:23).

Herodíades — Ver «Herodes Antipas».

Herodião — Parente de Paulo, provavelmente cristão de Roma. Ver Paulo, Epístola aos Romanos, 16:11.

Hierosólina — Ver «Jerusalém».

Hierosolimitano — Natural de Jerusalém.

Homero — Poeta grego, autor de imortais poemas, «Íliada» (guerra de Tróia) e «Odisseia» (regresso de Ulisses), considerado o maior gênio poético da antiguidade. Historicamente, envolto em incertezas, quanto à identidade, ao sítio de nascimento e à autoria global dos poemas. Contesta-se-lhe a própria existência. Ver «Es-mirna».

Horeb — Monte do maciço do Sinai, onde Moisés recebeu as tábuas da Lei. Ver «Arca da aliança».

Ibéria — Designação da antiga Espanha, habitada por iberos, especialmente na costa leste.

Ícônio — Ver «Licaônia», na «Ásia Menor».

Idumeia — Designação dada pelos gregos, mantida pelos romanos, ao antigo país do Edrom, entre a Judeia e a Arábia Pétreia. Daí se originou a dinastia dos Herodes. Fôra conquistada pelo rei David e manteve seu ânimo hostil aos judeus, até sua anexação à província romana da Judeia pelo general Tito.

Igreja de São Tomás — Ver «Ávila».

Igrejas da Ásia — Habitualmente assim se designam as sete igrejas cristãs da Ásia Menor, já existentes ao tempo de João Evangelista, às quais remeteu este o «Apocalipse»: Éfeso, Esmirna, Filadelfia, Laodiceia, Pérgamo, Sardes, Tiatira.

Ilha dos Faisões — Localizada no rio Bidassoa e também conhecida como ilha da Conferência, por haver-se concluído nela, em 1695, o Tratado dos Pirineus, entre a França e a Espanha. Passou a pertencer, em partes iguais, a esses dois países.

Implúvio — Ver «Habitação romana».

«**Indusium**» — Peça de indumentária feminina (camisa da mulher romana).

Invincível Armada — Designação histórica da poderosa esquadra com que o rei Filipe II de Espanha pretendeu hostilizar a rainha Isabel (Elizabeth I) de Inglaterra. Foi dispersada em 1588 por tempestades e pela ação do inimigo.

Isaías — Um dos profetas modernos do Velho Testamento, pertencente ao grupo dos chamados «maiores». Ver «Bíblia».

Ismael — Filho de Abraão e da escrava Agar. Tronco dos ismaelitas (árabes).

Israel — Originariamente, nome dado por um anjo ao patriarca Jacob: — «De nenhuma sorte te chamarás Jacob, mas Israel; porquanto se contra Deus foste forte, quanto mais o serás contra os homens.» (Gênese, 32:28.) Significação incerta: «combatente de Deus», «guerreiro de Deus», «homem que vê a terra de Deus». Posteriormente, como «terra de Israel», passou a designar Canaã (I Reis, 13:19), Palestina em nomenclatura moderna. A «terra de Israel» converteu-se em reino, quando se deu o cisma consequente à morte de Salomão (reino de Israel, reino de Judá). Talvez a partir do cativo de Babilônia, aplicou-se de novo ao país unificado. E' hoje república.

Israelita — Descendente de Jacob ou Israel. À moderna república aplica-se «israelense». Ver «Hebreu», «Israel».

Issacar — Um dos doze filhos do patriarca Jacob.

Itaquís (Itachys) — Cristão de Roma, amigo de Paulo. Ver Paulo, Epístola aos Romanos, 16:9.

Jafético — Família etnográfica, derivada de Jafet, um dos três filhos de Noé. Do ponto de vista histórico e dogmático, faltam elementos de certeza.

Jeremias — Um dos profetas modernos do Velho Testamento, pertencente ao grupo dos chamados «maiores». Ver «Bíblia».

Jericó — Cidade de Canaã (Palestina), primeiro obstáculo aos hebreus, quando, conduzidos por Moisés, saíram do Egito para a «terra prometida». Célebre pelo episódio da queda de suas muralhas, que tombaram ao som de trombetas de sacerdotes e de um grito coletivo do povo, ordenado por Josué.

Jerusalém (forma grega: «Hierosolyma»). Cidade da Judeia, na Palestina, Capital do reino de David e centro religioso dos hebreus ou israelitas, também designados como judeus. Fôra território da tribo de Benjamim, após a ocupação de Canaã pelo povo hebreu; ali estabelecidos a seguir os cananeus, apoderou-se o rei David de sua cidadela, no monte Sião, onde ergueu o palácio; o rei Salomão, filho de David, fortificou Jerusalém, erguendo novo palácio e um templo monumental para a época.

Após o cisma ou divisão dos hebreus em reinos de Israel e de Judá, passou Jerusalém a ser capital apenas do reino de Judá. Sua história, erçada de tribulações, assinala então sucessivas hostilidades dos egípcios, israelitas (reino de Israel), babilônios, assírios, lágidas, selêucidas, macabeus e romanos; conquistou-a o romano Pompeu e figurou como capital do reino da Judeia, sob a dinastia de Herodes. Em consequência de sublevação dos judeus, foi novamente cercada e incendiada por tropas romanas, sob o comando do general e futuro imperador Tito. Reduzida a colônia no tempo do imperador Adriano (sob o nome de Élia Capitolina), restaurou-lhe a denominação tradicional (Jerusalém) o imperador Constantino.

Aspecto geral da cidade contemporânea do Cristo, anterior portanto aos estragos decorrentes de sublevações: a) Edificações — templo de Jerusalém, com a torre Antônia e Pretório, residência de Pilatos; palácio de Herodes Antipas; torre de David; palácio de Herodes, o Grande ou o Antigo, no local do antigo palácio de David;

palácio dos sumos sacerdotes; cenáculo; b) Montes — dentro das muralhas da cidade, Acra, Ofel, Maria (sítio do templo) e Sião, o mais adensado de edificações importantes; fora das muralhas, montes do Mau Conselho, do Escândalo, Gólgota, Getsemani; c) Portas — de Jafa, de Sião, do Rebanho, de Damasco, Estercorária ou Esterquilínia, Áurea, de Herodes, Especiosa, Judiciária, Férrea.

Jeziel — Ver «Estêvão».

Job — Personagem do Velho Testamento, cuja resignação exemplar evocam as «Escrituras Sagradas». Ver «Bíblia».

Jope — Cidade que servia de porto a Jerusalém. Também chamada «Ioppe» e «Iapho», depois Jafa.

Jordão — Rio da Palestina, em cujas águas João batizou Jesus. Nasce no monte Hermon, pico mais elevado da cadeia do Anti-Líbano, atravessa os lagos de Meron e de Genesaré, deságua no lago de Asfaltite ou mar Morto. Divide a Palestina em duas partes: na margem esquerda a Transjordânia, na direita a Cisjordânia ou Terra Santa, cenário da vida pública de Jesus.

Josué — Ver «Caleb».

Judá — Reino fundado na Palestina, após a morte de Salomão, cujos domínios se bipartiram: reinos de Judá e de Israel. O de Judá manteve a antiga capital do rei David (Jerusalém) e com ela o templo histórico do rei Salomão, o que lhe acarretou ascendência religiosa, embora a cidade de Jerusalém viesse a ser conquistada pelo babilônio Nabucodonosor e mais tarde pelo romano Pompeu.

Judeia — Território da tribo de Judá, na região meridional da Palestina, antes chamada Canaã. Emprega-se como sinônimo de Palestina. Ver «Hebreu», «Israelita».

Júlio César — Ver «César».

Júlio Sexto Severo — Ver Sexto Júlio Severo, em «Bar-Coziba».

Juno — Rainha dos deuses na mitologia romana (Hera dos gregos). Símbolo do céu e do casamento; tinha por atributo um pavão.

Júpiter — Rei dos deuses na mitologia romana (Zeus dos gregos). Senhor do céu e da terra, tinha por atributo um raio (também um cetro e uma águia).

«**Kerioth**» — Ver «Judas Iscariote», em «Apóstolos».

Lácio (Latium) — Região da Itália ocidental, entre a Etrúria e a Campânia. A cidade de Roma foi primeiro sua capital.

La Fontaine — João de La Fontaine, célebre fabulista francês do século XVII.

Lagoas Pontinas («Pomptinaes Paludes») — Pântanos da Itália, na região baixa do Lácio. O traçado da Via Ápia passava por esses pântanos paludosos, entre Três Tabernas e Tarracina.

Landri — São Landri, bispo de Paris no século VII.

Laodiceia — Uma das igrejas da Ásia a que João enviou o Apocalipse. Ver «Frígia», em «Ásia Menor».

La Vallière (duquesa) — Luísa de la Vallière, favo-

rita do rei Luís XIV de França. Terminou seus dias num Convento das Carmelitas.

Lázaro — Ver João, 11:1 a 44.

Legado do imperador — Alto funcionário romano, incumbido da administração de províncias.

Legionário — Soldado romano, integrante da legião, sob comando de um legado; a legião compunha-se de coortes; as coortes, de manípulas; as manípulas, de centúrias. Ver «Centurião».

Levi — O mesmo que Mateus. Em «Paulo e Estêvão», Emmanuel aponta mais de uma vez essa designação («... poderíamos obter uma cópia integral das anotações de Levi», página 215; «Tenho uma cópia integral das anotações de Levi, cobrador de impostos em Cafarnaum, que se fez Apóstolo do Messias», página 243). Também um dos chefes de tribo, que haviam entrado no Egito com Jacob (Êxodo, 1:2).

Levita — Pertencente à tribo de Levi. Conforme o Velho Testamento (Números, 1:50), incumbia aos levitas acampar em torno do tabernáculo e cuidar das cerimônias do culto. Ver «Arca da aliança».

Levítico — Ver «Bíblia».

Licaônia — Ver «Ásia Menor».

Lícia — Ver «Ásia Menor».

Lídia — Ver «Ásia Menor».

Ligúria — Região da Itália setentrional. Montanho-

sa e pouco fértil, utilizavam-na os romanos para a criação de bestas.

Listra — Ver «Licaônia», em «Ásia Menor».

Litores — Executores da justiça romana. Formavam o cortejo de magistrados e caminhavam à frente deles, transportando os símbolos da Justiça, isto é, um feixe de varas para açoite e a machadinha para degolamento em tempo de guerra. Proferida a sentença, cumpria-lhes atar ou ligar o condenado («lictiores a ligando»).

Locusta — Envenenadora tristemente famosa, contemporânea do imperador Nero.

Longford — Condado da Irlanda, na província de Leinster.

Lucano — Poeta latino, condenado ao suicídio pelo imperador Nero (ver «Ave, Cristo!», 108). No texto de «Paulo e Estêvão» (413), humilde carcereiro.

Lucius Sergius Catilina — Ver «Catilina».

Lucrécio — Poeta latino, de pendores científicos e filosóficos.

Luís XIV — Rei de França, chamado o Grande ou o Rei-Sol. Casado com Maria Teresa, filha de Filipe IV de Espanha. Sucessor de Luís XIII, substituído por Luís XV (1643 a 1715).

Magdala — Cidade da Galileia, na margem ocidental do lago de Genesaré ou de Tiberíade, também chamado mar de Galileia. A Bíblia traduzida por Antônio Pereira de Figueiredo «Segundo a Vulgata Latina» menciona

«Magdale» (Livro de Josué, 19:38). Será Magdala? No «Evangelho segundo Mateus» aparece «Magedan», «Magadan» (15:39). Nome atual, Medjel («Migda-El», torre de Deus?). Parece que «Madalena», como «natural de Magdala», só ocorreu em grego. Ver «Dalmanuta».

Magistraturas romanas — Principais magistrados: censores (censo e fiscalização de costumes); cônsules (comandantes militares e presidentes das assembleias); pretores (administração da justiça); edis (administração civil e policial); questores (administração das finanças).

Mancha (Manche) — Braço de mar que separa a França da Inglaterra. Também região da Espanha (Mancha).

Mandamentos — Ver «Arca da Aliança».

Mar Morto — Grande lago sem escoadouro, no sudeste da Palestina, alimentado pelo desagüamento do rio Jordão. Abaixo do nível do Mediterrâneo, admite-se haver sido formado pela erupção vulcânica que fizera desaparecer a cidade de Gomorra. Também conhecido como Asfaltite ou lago do asfalto (betume).

Marco Aurélio — O imperador filósofo dos romanos, pertencente à dinastia dos Antoninos. Sucessor de Antonino, o Pio, substituído por Cômodo (161-180).

Marrocos — Região do norte da África.

Massília — Antiga colônia grega, submetida pelos romanos. Atual cidade de Marselha.

Mauritânia — Antiga região do norte da África.

Maximino — Caio Júlio Vero Maximino, imperador

romano, de 235 a 238. Iniciador do período chamado de anarquia militar, sucedeu a Alexandre Severo (assassinado) e foi substituído por Gordiano.

Mazarino — Cardeal Giulio Mazarini, italiano naturalizado francês. Primeiro ministro no reinado de Luís XIII e na menoridade de Luís XIV.

Medina del Campo — Cidade da Espanha, na província de Valladolid.

Menênio Agripa — Cônsul romano (em 492 a.C.), que resolveu com habilidade uma luta de classes (ver «Classes sociais romanas»). Desprovida de direitos, reivindicara-os a plebe, numa espécie de greve pacífica: retirara-se para o monte Aventino, disposta a fundar outra cidade. Menênio Agripa, presidindo uma comissão remetida pelo Senado, convenceu os plebeus a regressarem, por meio de um apólogo: os membros revoltados contra o estômago matariam todo o organismo, que não pode viver sem colaboração recíproca. Criaram então defensores especiais da plebe, os tribunos, assim chamados porque eram eleitos por tribos.

Mesopotâmia («entre rios») — Região da Ásia entre o Tigre a leste e o Eufrates a oeste.

Mileto — Ver «Cária», em «Ásia Menor».

Minerva — Deusa da mitologia romana (é a Atena dos Gregos). Símbolo da razão e da sabedoria. Tinha por atributos a lança, o escudo e a égide (couraça de peles).

Mísia — Ver «Ásia Menor».

Mitologia — História imaginária dos deuses do Pa-

ganismo, através de um conjunto de lendas ou fábulas (mythos), criadas pelos gregos e adaptadas pelos romanos. Segundo a concepção teogônica dos gregos, o Universo era a princípio uma grosseira massa informe (Caos), dirigida por forças físicas criadoras, depois por seres de sobre-humana pujança (Titãs), finalmente por uma estirpe mais inteligente de seres antropomórficos (deuses olímpicos, sob a forma humana), que dominou as forças físicas e a violência dos elementos.

Surgiram do Caos a Terra (Gê), o mundo subterrâneo (Tártaro), a escuridão noturna (Érebo ou Estige), que gerou a claridade diurna, e o criador primitivo (Eros, o amor). A Terra engendrou de si mesma o Céu (Urano), o mar (Ponto) e a selvagem raça dos Titãs, gigantes dominadores, até que o deus do Céu (Zeus) os vencesse e mergulhasse nas profundezas do mundo subterrâneo. Zeus reuniu sua corte, composta de doze deuses (deuses olímpicos), residentes no Olimpo, cadeia de altas montanhas: Zeus (Júpiter), Hera (Juno), Atenas (Minerva), Ártemis (Diana), Afrodite (Vênus), Demeter (Ceres), Apolo (Febo), Hermes (Mercúrio), Ares (Marte), He-faisto (Vulcano), Poseidon (Netuno), Héstita (Vesta). Os nomes latinos, na relação supra, figuram entre parênteses.

Esses os deuses principais. Não residentes no Olimpo, havia Plutão, que governava o mundo subterrâneo (Tártaro, Hades, Órcus) e uma série incalculável de seres divinos, capazes de atuar nos destinos humanos (ninfas, nereidas, tritões, sirenes), habitantes das águas, das florestas, da natureza em geral. Deuses inferiores (sátiros, faunos), simbolizavam o traço de união entre o reino animal e o sensualismo da criatura humana, assim como as Musas representavam o pendor intelectual e artístico. Semideuses ou heróis, tidos como descendentes de deuses com entidades terrenas, denunciavam as pai-

xões a que não se subtraíam os próprios detentores do Olimpo.

Os deuses eram considerados imortais. Quanto aos humanos, transformados em sombra após a morte, eram conduzidos por Hermes (Mercúrio) à presença de três juizes do mundo inferior (Minos, Radamanto, Éaquo) e sentenciados ao repouso (Elíseos) ou ao castigo (Tártaro), sob vigilância de um cão de três cabeças (Cérbero).

Tal o produto de admirável imaginação poética, fluante na confluência da moral com a verdade, entreaberta nas névoas da verossimilhança. A multiplicidade dos mitos resultou talvez da diversidade dos povos formadores da Grécia; e os reflexos iluminaram a mentalidade romana, menos dotada de espírito criador.

Mizpa — Cidade da Palestina, nos limites geográficos de Judá e Israel.

Molière — Notável poeta francês, considerado uma das mais altas expressões universais da comédia.

Montano — Sacerdote de Cibele, nascido na Frígia, Ásia Menor. Converteu-se ao Cristianismo e fundou uma seita, caracterizada pelo rigorismo na observação de todos os dogmas, acrescidos da crença na intervenção perpétua do Paraclete (século II). Daí, montanismo e ultramontanismo.

Montmartre — Bairro de Paris.

Morfeu — Deus dos sonhos na mitologia greco-romana. Filho da noite e do sono.

Múmio — General romano. Conquistou a Grécia, transformada em província romana (146 a.C.). Ver «Corinto».

Naim — Cidade da Galileia, na Palestina. Ficava nas proximidades de Cafarnaum.

Narbona — Rica região a sudeste da Gália.

Nazaré (Názira) — Cidade da Galileia, na Palestina, ao norte de Jerusalém. Residência temporária de José e Maria. **Referências:** — permanência de Jesus, após o episódio da fuga para o Egito (Mateus, 2:22, 23; Lucas, 1:26; 2:4, 39); — presença de Jesus na sinagoga (Lucas, 4:16 a 30); — incompreensão dos habitantes (Mateus, 13:54 a 58; Marcos, 6:1 a 6); — conceito desfavorável sobre a cidade (João, 1:46).

Nazareno (nazareu, nazireu) — Significa separado (da vida comum). Os nazarenos faziam voto de castidade e deixavam crescer o cabelo.

Nazireu — Ver «Nazareno».

Nea-Pafos — Cidade da ilha de Chipre, no Mediterrâneo. Chamou-se Nea-Pafos ou nova Pafos («Paphos») em contraposição à antiga, «Palaepaphos», destruída por terremoto.

Neápolis (hoje Nápoles) — Colônia grega fundada na Itália com o nome de Partênopo. A parte nova ficou conhecida como Neápolis, em contraposição à antiga, que seria «Palaeópolis». Atualmente, cidade importante. Outra de igual nome na Palestina (antiga Siquém), transformada em colônia romana sob o nome de Flávia Neápolis.

Neocesareia — Cidade fundada sob o nome de Cabira, no Ponto, Ásia Menor, onde tinha seu palácio o rei Mitridates. Ocupada pelos romanos, passou a denominar-se Neocesareia (Nova Cesareia).

Nero — Imperador romano (54 a 68), filho de Domício Aenobarbo e de Agripina. Sucessor de Cláudio, que o adotara, e substituído por Galba, após intervalo de acefalia. Perseguiu atrozmente os cristãos. Ver «Tigelino».

Nice — Cidade da França, no litoral do Mediterrâneo.

Niceia — Ver Bitínia, «Ásia Menor».

Nicomédia — Ver Bitínia, «Ásia Menor».

Nicópolis — Cidade da Ásia Menor, nos confins da Síria. Houve outra de igual nome, fundada pelo romano Pompeu, também na Ásia Menor.

Nomentana — Ver «Via Nomentana».

Numa Pompílio — Rei de Roma na fase inicial ou período da realza (depois república, finalmente império). Sucessor de Rômulo, substituído por Túlio Hostílio. As datas são duvidosas. Ver «Rômulo» e «Roma».

Numídia — Antiga região do norte da África, entre Cartago e Mauritània, conquistada pelos romanos.

Olimpo — Cadeia de montanhas da Grécia, nos confins da Tessália. Coroada de neves eternas, atinge três mil metros de altitude. Segundo a mitologia, residência dos doze deuses principais (deuses olímpicos), talvez por seu aspecto de gigantesca muralha inacessível ao homem.

Oliveiras — Monte das Oliveiras, separado de Jerusalém pelo vale do Cedron. Outrora fértil e caracterizado pela abundância de oliveiras, nele se localizava o horto de Getsemani. Cenário de ensinamentos e da chamada

agonia de Jesus. Ver Mateus, 24:2; 26:30 a 56; Marcos, 13:3; 14:26 a 52; Lucas, 21:37; João, 8:1; 18:1.

Oráculo — Resposta profética que, segundo interpretação dos gregos, davam os deuses aos homens que os interrogassem.

Orontes — Rio da Ásia. Nasce entre as cadeias de montanhas do Líbano e do Anti-Líbano, desemboca no Mediterrâneo oriental, junto à cidade de Selêucia, antigo porto de Antioquia (ambas da Síria).

Óstia — Cidade da Itália, na embocadura do rio Tibre, dando para o mar Tirreno. Porto da cidade de Roma, com a qual se comunicava pela via Ostiense.

Otão (Othon) — Amigo de Nero, proclamado imperador pelos pretorianos de Roma, após a morte daquele. As legiões da Espanha haviam proclamado Galba, que foi morto. As da Gália, chefiadas por Vitélio, marcharam contra Otão, vencido em Bedriaco.

Paflagônia (Paphlagonia) — Ver «Ásia Menor».

Palatino — Um dos sete outeiros históricos de Roma. Nele se erguia o palácio de Augusto. Ver «Aventino».

Palestina (ou Canaã) — Região litorânea a sudoeste de Canaã, habitada pelos filisteus («pelixethim»). O historiador Flávio José aplicou a denominação de Palestina ao conjunto conhecido como Canaã, não apenas à faixa ocupada pelos filisteus. Palestina é portanto a primitiva Canaã, em designação originariamente inadequada, que o uso consagrou.

Politicamente, ao tempo do Cristo, quando sob domínio romano, dividiu-se em tetrarquia, isto é, quatro

reinos (embora abrangesse outras divisões territoriais):

- Galileia
- Samaria
- Judeia
- Pereia
- (Decápole e cidades gregas)

Fora da jurisdição dos quatro reinos, mas incrustadas no território da Palestina, havia uma confederação e um conjunto de cidades:

- Decápole
- Cidades gregas

Decápole (dez cidades) era uma confederação de cidades, cada qual dirigida por chefes a que alguns autores dão o título de tetrarcas. Dividia-se em regiões, comparáveis a distritos: — Gaulanítida, Bataneia, Traconítida, Amanítida, Itureia, Abilene (não confundir com outra Decápole, na Ásia Menor).

Cidades gregas (ao todo, trinta e três) eram constituídas de elementos estrangeiros ou gentios, predominantemente gregos. Livres de obediência ao comando religioso judaico, submetiam-se entretanto à chefia política romana.

Palmira — Cidade da Síria (Celessíria), fundada pelo rei Salomão, várias vezes destruída e reconstruída. Subsistem ruínas.

Panfília (Pamphylia) — Ver «Ásia Menor».

Papiniano — Jurisconsulto romano.

Papiro — Espécie de papel antigo. Compunha-se de fibras de uma planta («cyperus papyrus»), trançadas e

submetidas a compressão. Guardava-se em formato de rolo.

Parcas — Divindades mitológicas, que fiavam a trama dos destinos humanos, simbolizadas em três irmãs: Cloto (presidia o nascimento, iniciado numa roca), Láquesis (todo o desenrolar da vida de uma criatura), Átropos (cortava o fio da existência com uma tesoura).

Páscoa — Festa solene, por meio da qual os hebreus (depois judeus, israelitas) instituíram a comemoração de sua saída do Egito, em direção à «terra prometida» (Canaã), onde anteriormente se fixara o patriarca Abraão, erguendo o primeiro templo. Construído o Templo de Salomão, realizava-se a festa da Páscoa em Jerusalém. Atraía multidões e durava sete dias, durante os quais se comia pão sem fermento (pão ázimo ou asmo), em lembrança da precipitação com que fôra iniciada a fuga coletiva, sem pausas para levedura do principal alimento fabricado. Iniciava-se na véspera dos sete dias de preceito, com um festim presidido pelo chefe de família (ceia pascal). Ver «Pentecostes».

Patara — Cidade da Lícia, Ásia Menor.

Patriarca — Chefe de tribo. Era o pai de família, que dirigia por experiência própria, obedecido por necessidade coletiva, pois ninguém tinha mais prática para conquistar o alimento e evitar o perigo.

Patriciado — Linhagem de patrícios, isto é, da classe privilegiada em Roma, comparável a nobreza ou fidalguia. Ver «Classes sociais romanas».

Paulo (Saulo) — Apóstolo dos gentios. Nascido em Tarso, na Cilícia (Ásia Menor), israelita pelo sangue, ro-

mano pela cidadania, falava de preferência o grego; em Tarso houvera uma colônia grega, transformada primeiro em cidade livre, depois em província romana. Discípulo de Gamaliel, ainda com o nome de Saulo, era ferrenho doutor da lei, portanto membro do Sinédrio, perante o qual acusou Estêvão. Perseguidor dos cristãos, prendeu Pedro, João (Evangelista) e Filipe. Convertido na estrada de Damasco, curado de cegueira e batizado por Ananias, aceitou dali em diante, com singular bravura moral, a tarefa de pregação perante gentios, isto é, não israelitas. Ver seu itinerário apostólico em «Ásia Menor».

Patrício (Patrick) — São Patrício, patrono da Irlanda.

Pedro — Ver «Apóstolos».

Peloponeso (depois, Moreia) — Ver «Grécia».

Pentecostes — Festa por meio da qual os hebreus (depois judeus, israelitas) comemoravam a promulgação dos mandamentos no Horeb (Sinai). Celebrava-se após cinquenta dias da Páscoa (daí «pentecoste», quinquagésimo dia).

Peplu — Véu das mulheres romanas.

Pereia — Ver «Palestina».

Pergaminho — Pele de animal preparada para receber a escrita. Iniciado seu uso em Pérgamo, cidade da Mísia, Ásia Menor (daí, pergaminho).

Perge — Ver «Panflia», em «Ásia Menor».

Peristilo — Ver «Habitação romana».

Petrônio — Escritor romano, contemporâneo de Nero. Célebre como «árbitro da elegância».

Pitágoras — Filósofo e matemático grego, partidário da metempsicose. Viveu no século VI a.C.

Pitonisa — Sacerdotisa inspirada, por meio da qual, segundo interpretação dos gregos, o oráculo de Apolo se comunicava com os homens.

Plutão — Deus mitológico, que governava o mundo subterrâneo.

Plutarco — Célebre historiador e moralista grego, nascido no século I e morto no seguinte.

Pompeia — Cidade da Itália, ao pé do Vesúvio, submersa por lavas e cinzas no ano 79, tal como Herculano e Estábias.

Pontes romanas (da cidade de Roma) — Em ordem de sucessão, descendo o curso do rio Tibre, aqui só incluídas as primitivas, contemporâneas dos apóstolos: — «Aelius», de Nero, «Janícula», de Cestius, «Fabricius», «Aemitius», «Sublicius» (a primeira, construída de madeira, sobre estacas).

Ponto — Ver «Ásia Menor».

Popeia Sabina — Favorita, depois esposa do imperador Nero.

Portas (Ápia, Capena, etc.) — Abertura por onde se ingressava nas cidades antigas, geralmente guarnecidas de muralhas e fortificações protetoras.

Potosi — Região da Bolívia, rica de minérios.

Preboste — Preposto, isto é, servidor não principal.

Pretor — Ver «Magistraturas romanas».

Prisão Mamertina — Local onde eram executados, geralmente por estrangulamento, os chefes vencidos pelo exército romano.

Prisca (Priscila no diminutivo) — Ver «Áquila».

Procônsul — Ou Propretor. Governador de província romana, escolhido pelo Senado dentre cônsules e pretores. Exerciam poder absoluto («imperium»), tendo direito de vida e de morte, salvo sobre cidadãos romanos.

Procurador — Encarregado de «curar», isto é, de zelar, administrar.

Propôntida — Mar de Mármara.

Propretor — Ver «Procônsul».

Psídia — Ver «Ásia Menor».

Ptolemaida (depois São João d'Acre) — Cidade da Fenícia. Houve pelo menos três outras de igual nome na África.

Publicano — Ver Mateus, em «Apóstolos».

Públio Cornelius Lentulus — Os «Lêntuli» começaram a se destacar cerca de dois séculos antes do Cristo. Era hábito dos romanos relacionar com o sobrenome a planta mais cultivada na propriedade da família (daí, «Lentuli», de lentilha). Públio Cornelius Lentulus figura como protagonista do romance «Há Dois Mil Anos...»,

na qualidade de senador, encarado porém em sua vida particular. Recebiam os romanos um prenome (Públio), um nome geralmente terminado em «ius» (Cornelius) e um sobrenome ou cognome (Lentulus).

Quadriga — Ver «Biga».

Questor — Ver «Magistraturas romanas».

Ravena — Cidade da Itália.

Reia Sílvia — Ver «Roma».

Remo — Ver «Roma».

Retratos de cera — Imagens de cera dos antepassados, objeto de perene culto doméstico, conservadas pelos romanos no átrio de suas habitações. Ver «Altar Doméstico».

Ródano — Rio da França. Nasce na Suíça e desemboca no Mediterrâneo.

Rodes — Ilha do mar Egeu ou Arquipélago.

Roma — A «cidade eterna», ainda hoje capital da Itália, tem origens lendárias. Teriam sido seus fundadores os gêmeos Rômulo e Remo, gerados pelo deus Marte com a vestal Reia Sílvia, sujeita a voto de castidade; abandonados numa cestinha e impelidos para a margem por uma enchente do rio Tibre, salvara-os da morte o pastor Fáustulo (ver «Aca Larência»). Roma progrediu, dominou os outeiros próximos («cidade das sete colinas», ver «Aventino»), expandiu seus domínios pela Itália e por todo o mundo ocidental então conhecido.

Politicamente, abrangeu três etapas: reino, república, império.

Reis, em ordem de sucessão: Rômulo (que matou Remo), Numa Pompílio, Túlio Hostílio, Anco Márcio, Tarquínio, o Antigo, Sêrvio Túlio, Tarquínio, o Soberbo.

A república aristocrática, dirigida pelo Senado e por magistrados, começa com a morte do último rei, Tarquínio, o Soberbo, e termina praticamente com a morte de Caio Júlio César, havendo dúvidas quanto ao primeiro imperador propriamente dito.

Imperadores, em ordem problemática: Augusto (?), Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Vitélio, dinastia dos Flávios (Vespasiano, Tito, Domiciano), dinastia dos Antoninos (Nerva, Trajano, Adriano, Antonino, o Pio, Marco Aurélio, Cômodo), Pertinax, Didis Juliano, Septímio Severo, Caracala, Macrino, Heliogábalo, Alexandre Severo, Maximino, período de anarquia militar, divisão em império do ocidente e do oriente (capitais, Roma e Bizâncio ou Constantinopla), decadência, quedas sob invasões dos bárbaros.

Rômulo — Ver «Roma».

Sacrifício — Ato sagrado de imolar animais (em grego, holocausto). Por interpretação ao mesmo tempo atrofiada e hipertrofiada, desvirtuava-se na antiguidade o sentido espiritual do sacrifício, extensivo então à própria criatura humana.

No templo de Jerusalém, praticavam sacerdotes o sacrifício cruento: subia o oficiante ao altar dos holocaustos, imolava sua vítima, espalhava sangue e acendia fogo para consumir os despojos, geralmente de boi, cordeiro ou pomba (para os romanos, «victima» e «hostia»; «victima», a rês; «hostia», o animal de pequeno porte).

Também se ofereciam sacrifícios incruentos, como reparação de faltas (expiatórios) ou como súplica e agra-

decimento (pacíficos): oferenda de vinho, azeite, incenso ou perfumes, bolos, alimentos com sal e pão ázimo ou asmo, isto é, sem fermento. Ver «Altar dos holocaustos».

Salamina — Cidade da ilha de Chipre ou Cipo, restaurada pelo imperador romano Constantino, sob o nome de «Constantia». Também ilha do golfo Sarônica na Grécia.

Salomão — O «rei sábio» dos hebreus. Sucessor de David, seu pai. Após sua morte, sobreveio o cisma, que dividiu os hebreus em judeus e israelitas (reinos de Judá e de Israel). Ver «Templo de Jerusalém».

Salústio — Historiador latino. Viveu de 86 a 34 a.C.

Samaria — Cidade (e região) da Palestina. Derradeira capital do reino de Israel (antes Siquém, Tersa), após o cisma consequente à morte de Salomão. Os samaritanos eram considerados heréticos e anatematizados pelo reino de Judá. Ver «Sebaste».

Samotrácia — Ilha do mar Egeu ou Arquipélago.

Samuel — Ver «Endor».

Santo Ofício — Tribunal da Inquisição.

Saona — Rio da França. Nasce nos Vosges e lança-se no Ródano.

Sara — Ver «Abraão» e «Epístola aos Gálatas», de Paulo (4:21, 31).

Sardes — Ver «Lídia», Ásia Menor.

Saron — Planície da Palestina, na região do litoral, confinando com a Fenícia ao norte.

Sarraceno — Oriental. Emprega-se para designar islamita ou maometano.

Sátiro — Ver «Mitologia».

Saul — Primeiro rei dos hebreus, sagrado por Samuel e sucedido por David. Ver «Endor».

Sabasto (ou Sebasté) — Designação grega da cidade de Samaria, após seu embelezamento por Herodes I, o Grande ou o Antigo, a quem fôra doada pelo imperador Augusto (Sebasté, em grego: Augusta).

Segóvia — Cidade e região de Castela Velha, Espanha.

Sejano — Favorito de Tibério, o sucessor de Augusto no império romano. Estrangulado, sob acusação de pretender o governo. Daí em diante, retirou-se Tibério para a ilha de Capri, onde viveu sob terror supersticioso.

Selêucia — Existiram várias cidades com esse nome: Selêucia da Decápole palestina, na Gaulonítida; Selêucia da Frígia, na Ásia Menor; Selêucia da Cilícia, também na Ásia Menor; Selêucia da Síria, na embocadura do Orontes, servindo de porto a Antioquia; Selêucia da Babilônia. O apóstolo Paulo frequentou Selêucia da Síria, porto de Antioquia.

Semita — Família etnográfica, derivada de Sem, um dos três filhos de Noé. Do ponto de vista histórico e dogmático, faltam elementos de certeza.

Sena — Rio da França. Banha a cidade de Paris.

Sêneca — Filósofo, preceptor de Nero. Suicidou-se por ordem do imperador.

Septímio Severo — Imperador romano, vencedor de Percênio Níger e de Albino na luta pelo poder. Sucedeu a Dídio Juliano e foi substituído por Caracala (197 - 211).

Serápis — Deus egípcio.

Sérgio Catilina — Ver «Catilina».

Sérgio Paulo — Procônsul de Chipre, convertido por Saulo e Barnabé. Ver «Barjesus». **Referência:** — Atos dos Apóstolos, 13:7 a 12.

Sérvio Túlio — Ver «Roma», período dos reis.

Sicília — Ilha do Mediterrâneo, conquistada pelos romanos após a primeira guerra púnica. Ver «Cartago».

Sinai — Ver «Horeb».

Sinédrrio — Tribunal israelita, com funções doutrinárias, judiciárias e administrativas.

Instalado no templo de Jerusalém, compunha-se de setenta e um membros, presididos pelo «Hanasci» (príncipe, principal ou primeiro) e divididos em três categorias:

- Sumo-sacerdote ou sumo-pontífice ou arcepreste;
- escribas ou doutores da lei;
- anciães príncipes do povo.

Ao tempo de Jesus, exercia a presidência José, cha-

mado Caifás, sumo sacerdote; à categoria dos escribas ou doutores da lei filiava-se Gamaliel, virtuoso preceptor de Saulo e defensor dos apóstolos; dentre os anciãos príncipes do povo figurariam Nicodemos e José de Arimateia, discípulo secreto de Jesus, fiéis após o Calvário. Eram os chefes mais antigos de famílias e tribos.

Para decidir questões de relevante interesse coletivo, como irrompimento de guerra, hostilidade de tribos, interpretação de doutrina religiosa, advento de falsos profetas (assim julgado Jesus), reunia-se a totalidade, isto é, o Grande Sinédrio ou Grande Conselho, na sala «Gazith» ou das pedras lavradas, adredê escolhida no Templo de Jerusalém; ficava no ângulo do átrio dos israelitas ou recinto proibido a gentios, com face interna para o átrio dos sacerdotes em varanda de bronze; bancadas semicircularmente dispostas objetivavam manter os julgadores em postura fronteira ao santuário, fonte simbólica de inspiração nas decisões.

Essa jurisdição penal, inclusive pena de morte, convocava uma turma de vinte e três, sem caráter de Grande Conselho: — era então «Beth-Dîn» ou casa da justiça, presidida pelo «Al-Beth-Dîn» ou pai da casa da justiça, na qualidade de vice-presidente do Sinédrio; ao tempo de Jesus, exercia a vice-presidência Anás, sogro de José Caifás.

Em jurisdição civil, apenas sentenciavam três juízes, sentados no chão perante o povo, e litigantes em pé; tribunal sumário às portas da cidade (daí, «Porta Judiciária»), talvez para despacho rápido a forasteiros. Assim se explicam aquelas amargas palavras, contidas na antítese de um clássico da língua, o padre Antônio Vieira: — «Antigamente estavam os ministros às portas da cidade; agora estão as cidades às portas dos ministros.»

Nem todos aplicam «ministros» para designar membros do Sinédrio, também chamados mestres, príncipes, chefes, juízes, magistrados, senadores; Sinédrio, o orga-

nismo judiciário, com a variante Sinedrim, também se conhece como Conselho, Congresso, Senado; raro o título de Senado, mas o de senadores aparece no Talmude e na Vulgata, perfilhado por Kardec, Guillon Ribeiro e autoridades católicas, acrescentando um destes que Nicodemos veio a ser despojado das honras de «senador». Importa menos o rótulo que o conteúdo institucional.

Referências: — pretende falsos testemunhos contra Jesus (Mateus, 26:59, 60); — fornece dinheiro a guardas do sepulcro (Mateus, 28:2 a 15); — faz conduzir Jesus à presença de Pilatos (Marcos, 15:1); — condena Jesus (Lucas, 22:66 a 71); — faz comparecer Pedro e João a julgamento (Atos dos Apóstolos, 4:5 a 21; 5:19 a 33); — ouve a exposição criteriosa de Gamaliel (Atos, 5:34 a 40); — faz comparecer Paulo a julgamento (Atos, 32:30; 33:1 a 10).

Siquém — Cidade da Palestina.

Siracusa — Cidade da Sicília. Conquistada pelos romanos, apesar do sistema de defesa arquitetado pelo famoso geômetra Arquimedes.

Síria (Aram) — Região da Ásia, entre o Eufrates, a Arábia e o Mediterrâneo.

Sírius — Estrela de primeira grandeza, caracterizada pelo brilho intenso. Faz parte da constelação do Grande Cão (ou Cão Maior).

Sócrates — Admirável filósofo ateniense, acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Morreu confirmando a imortalidade da alma. Ver, em «O Evangelho segundo o Espiritismo», o número IV da Introdução: «Sócrates e Platão, Precursores da Ideia Cristã e do Espiritismo».

Sorbona — Colégio fundado em Paris pelo capelão Robert de Sorbon, confessor do rei Luís IX (São Luís). Destinado inicialmente a estudos teológicos para a pobreza, é hoje Universidade de projeção mundial.

Suburra — Bairro pobre da cidade de Roma.

Tabernáculo — Ver «Arca da Aliança».

Tablino — Ver «Arquivo» e «Habitação romana».

Tácito — Historiador latino. Viveu de 54 a 140.

Tarquínio Prisco ou o Antigo — Ver «Roma», períodos reis.

Tarracina — Antiga Anxur. Cidade da Itália.

Tarso — Ver «Cilícia», em «Ásia Menor».

Tártaro — Ver «Mitologia».

Taumaturgo — O que faz ou pretende fazer milagres.

Tauro — Cadeia de montanhas da Ásia Menor.

Têmis — Divindade alegórica da mitologia greco-romana. Símbolo da justiça, representada por uma figura de mulher, com olhos vendados, tendo numa das mãos a espada e na outra a balança, cujos pratos se conservam em equilíbrio.

Templo de Jerusalém — Construção monumental, em honra ao Deus de Israel, situada nos rochedos do monte Moria.

Remontam suas origens ao rei David, desejoso de substituir o tabernáculo do monte Sião (em Jerusalém), simples tenda recoberta por peles de animais, incompatível com a grandiosidade político-religiosa da capital. Planejou erguer um templo condigno, porém recebeu instruções contrárias do profeta Natã, mediunicamente esclarecido em sonhos: «...suscitarei depois de ti a teu filho, esse edificará uma casa em meu nome...» (Reis, Livro Segundo, 7:12, 13).

O rei Salomão, filho e sucessor de David, recorrendo ao tesouro deixado pelo pai, obedeceu à inspiração de «fundar a casa ao nome do Senhor» (Paralipômenos, Livro Segundo, 2:1).

Tarefa gigantesca: — oitenta mil operários no corte de pedras, setenta mil no transporte, três mil e seiscientos na inspeção. Madeiramento, escasso. Faltava preliminarmente um experimentado construtor, «porque o templo... deve ser grande, visto que o nosso Deus é Grande sobre todos os deuses» (idem, 5). Recorreu o filho de David ao concurso de Hirão, rei fenício de Tiro (hoje Sur, no Líbano), que lhe propiciou um escultor e arquiteto «sábio e inteligente», de nome Adonirão, capaz de planejar com segurança e trabalhar «em ouro, prata, bronze, ferro, mármore, madeira, púrpura, jacinto, linho e escarlate». Receberia o rei Hirão seu pagamento em vinho, azeite, trigo, cevada; em troca, forneceria toros de faia, pinho e cedros do Líbano, concentrados no porto de Jope (hoje Jafa), de onde os transportaria a Salomão.

Cavaram-se durante sete anos profundos alicerces; rasgaram-se galerias subterrâneas; nivelaram-se depressões e arestas rochosas do monte Moria, tido como aquele em que fôra oferecido o sacrifício de Isaac. O templo propriamente dito, pavimentado de mármore e chapeado de ouro, ergueu-se em forma de paralelogramo, inserido em outro de menor altura, este com função de barreira ao ingresso de gentios; a frontaria dourada (pórtico de

Salomão) volvia-se para o monte das Oliveiras, que o vale do Cedron separava de Jerusalém.

De modo geral, transposto o pórtico, em ordem de sucessão depararia o observador:

- átrio das mulheres;
- vencido o átrio das mulheres, porta sagrada de bronze ou porta de Nicanor, dando para o átrio de Israel ou dos judeus;
- no centro desse átrio, altar dos holocaustos, ladeado pelo «mar de bronze», artístico reservatório para ablução de sacerdotes e objetos de sacrifício cruento;
- vencido o átrio de Israel, átrio dos sacerdotes ou santuário, isto é, o templo em si, «casa de Deus por excelência», em plano elevado, compreendendo três lances: **a)** — vestíbulo transversal; **b)** — «o santo» ou sala dos sacerdotes, onde se abrigavam acessórios sagrados de ouro, como altar dos perfumes, mesa dos pães da proposição, candelabro de sete braços; **c)** — «o santo dos santos» ou sala do sumo sacerdote, separada por tapeçarias («véu do templo»), solene recinto onde se devia conservar a arca da aliança com as tábuas da lei; **d)** — lateralmente, além de numerosas dependências, a sala dos gazofiláceos (caixas de donativos) e a sala «Gazith», destinada mais tarde a recinto do Sinédrio.

O primitivo Templo de Salomão veio a ser destruído e profanado pelo rei babilônio Nabucodonosor, porém os israelitas regressariam do «cativo de Babilônia» e restaurariam similarmente a «casa de Deus», sob direção de Josué e Zorobabel. Pouco antes do Cristo, acrescentaria Herodes (o Antigo) o grande átrio dos gentios, terceiro paralelogramo à volta dos já existentes, desta vez com um «pórtico real» ao sul («templo exterior»,

na definição de Flávio José); e ainda incorporaria ao «templo exterior» a torre Antônia, habitação de pontífices, convertida posteriormente em quartel e palácio de procuradores romanos. Foi esse templo, recém-concluído, que Jesus frequentou.

Referências: — Zacarias no templo (Lucas, 1:9 a 21), emudecido ante o anjo Gabriel; — apresentação de Jesus no templo (Lucas, 2:22 a 38); — Jesus perante os doutores (Lucas, 2:40 a 50); — tentação de Jesus (Mateus, 4:5; Lucas, 4:9); — expulsão dos vendilhões (Mateus, 21:12, 13; Marcos, 11:15 a 17; Lucas, 19:45, 46; João, 2:13 a 17); — reerguimento simbólico em três dias (João, 2:19 a 22); — Jesus maior que o templo (Mateus, 12:6); — pregação de Jesus no átrio (João, 7:11 a 14); — pregação no templo (Lucas, 21:37, 38; João, 8 e 12); — Paulo no templo (Atos dos Apóstolos, 21:27 a 30).

Templo de Salomão — Ver «Templo de Jerusalém».

Terracina — Ver «Tarracina» (Anxur).

Terra da Promissão — Ver «Canaã» e Gênesis, 12:5, 7.

Termas (de Trajano) — Estabelecimentos de banhos públicos, construídos em Roma por diversos imperadores (termas de Trajano, de Caracala, etc.). Dispunham de banho frio (na piscina ou «frigidarium»), morno (na sala tépida ou «tepidarium»), e de vapor (na estufa ou «caldarium»).

Tessália — Ver «Grécia».

Tessalonica — Antiga cidade da Macedônia. Mais tarde, Salonica.

«Testamento» — Ver «Bíblia».

Tetrarca — Dirigente da quarta parte de um reino (tetrarquia).

Tiana — Ver «Capadócia», em «Ásia Menor».

Tiatira (Thyatira) — Ver «Lídia», em «Ásia Menor».

Tiberíade — Cidade da Palestina, à margem do lago de Genesaré, fundada por Herodes Antipas, em honra ao imperador romano Tibério. Capital da Galileia. Hoje Tabariê («Tebariyê?»).

Tibério — Imperador romano (de 14 a 37). Sucessor de Augusto, substituído por Calígula. Ver «Capri», «Sejano».

Tibre — Principal rio da península italiana. Nasce nos Apeninos e desemboca no mar Tirreno (porto de Ostia). Banha a cidade de Roma. Ver «Pontes Romanas».

Tíbur — Cidade à margem do rio Ânio, ligada à de Roma pela via Tiburtina. Pitoresca estância de recreio, celebrada por suas cascatas. Ver «Adriano», «Castelo Santo Ângelo».

Tigelino — Sufrônio Tigelino, conselheiro do imperador Nero e seu agente de tenebrosos crimes. Embora desconceituado, chegou a prefeito do pretório, dividido o comando com Fênio Rufo. Ver «Caius Pisão».

Timeu de Locros — Filósofo platônico. Viveu no século IV antes do Cristo.

Timóteo — Companheiro do apóstolo Paulo. Ver

Epístola a Timóteo e ainda aos Filipenses (1:1), aos Colossenses (1:1), a Filêmon (1:1), Primeira aos Tessalonicenses (1:1, 3:2), Segunda aos Tessalonicenses (1:1).

Tirreno — Mar Tirreno. Banha a Itália ocidental.

Tito — Imperador romano, filho de Vespasiano e seu sucessor. Substituído por Domiciano (79-81). Anteriormente, como general, conquistara Jerusalém. Ver «Flávios».

Tomé — Ver «Apóstolos».

Torre dos romanos — Ver «Antônia».

Tortosa — Cidade da Espanha. Antiga colônia romana.

Toulouse — Cidade da França.

Trácia — Região da Europa oriental, ao norte da Grécia.

Trajano — Imperador romano de 98 a 117. Sucessor de Nerva, substituído por Adriano.

Transjordânia — Ver «Jordão», «Palestina».

Trastevere (Transtevero) — Bairro na margem direita do rio Tibre, entre este e o monte Janículo; inicialmente não fazia parte da cidade de Roma, cujas «sete colinas» ficavam todas na margem esquerda; a expansão urbana e a comunicação por pontes alcançaram os terrenos da direita.

Tribuno — Ver «Menênio Agripa».

Triclínio — Espécie de sala de jantar com três leitos, onde comiam os romanos reclinados, e não sentados.

Trirreme — Galera antiga, com três fileiras de remos.

Triunfo — Recepção solene ao general romano victorioso. Seu exército penetrava a cidade pelo «arco triunfal». Prisioneiros e presas de guerra abriam o cortejo; entre soldados que entoavam hinos de vitória, desfilava numa quadriga puxada por cavalos brancos o chefe militar, coberto com a toga púrpura; seguiam-se carros alegóricos, dirigindo-se todos ao Capitólio, onde o triunfador celebrava o sacrifício de um animal e dos principais prisioneiros. Ver «Prisão Mamertina».

Tróade — Ver «Mísia», em «Ásia Menor».

Tulherias — Palácio de residência dos reis de França em Paris.

Ulpiano — Jurisconsulto romano.

Ulster — Província da Irlanda.

Ultramontanismo — Ver «Montano».

Ur — Ver «Abraão».

Valadolid — Cidade e província da Espanha.

Valência — Cidade e província da Espanha.

Vedas — Livro sagrado dos indus.

Velabro — Bairro da cidade de Roma, sujeito a inun-

dações, por causa de um cotovelo do rio Tibre. Nele se concentravam mercados.

Velitrae («Velletri») — Cidade da Itália, perto dos montes Albanos e das lagoas Pontinas. Berço pátrio de Augusto.

Versalhes — Castelo monumental, nas proximidades de Paris, erguido por Luís XIV, rei de França.

Vespasiano — Imperador romano, sucessor de Vitélio, substituído por Tito (69-79). Filho de um simples funcionário, ascendeu por merecimento militar, comprovado na Palestina, para onde seguira por ordem de Nero. Anteriormente, no ano 63, o romano Pompeu submetera o Oriente, anexando a Palestina, além de outras regiões (Síria, Fenícia, etc.); sublevou-se a Palestina; comandante metódico, o general Vespasiano marchou de vitória em vitória até iniciar o cerco de Jerusalém, quando foi proclamado imperador; seu filho Tito, substituto na direção da guerra (e mais tarde na do império), completou o cerco de Jerusalém, no ano 70.

Dentre as obras públicas construídas pelo imperador Vespasiano, destaca-se o Coliseu ou anfiteatro Flaviano. Ver «Flávios».

Vesta — Deusa da mitologia romana (é a Héstia dos gregos). Representava o lar e as virtudes domésticas. Tinha por atributo o fogo sagrado.

Vestal — Sacerdotisa de Vesta, incumbida de manter dia e noite o fogo sagrado no altar da deusa. O colégio das Vestais compunha-se de seis sacerdotisas, selecionadas pelo pontífice máximo (ver «Colégio ou confraria de sacerdotes»). Permaneciam na função dos seis aos trinta e seis anos de idade, presididas pela «grande ves-

tal», sempre a mais idosa. Faziam voto de castidade e de vigilância na manutenção do fogo sagrado; seria enterrada viva aquela que violasse os juramentos. Paramentavam-se de branco e sobre os cabelos cortados traziam o turbante com véu. Ver «Reia Sílvia».

Vias Romanas — Para estabelecer comunicação com suas colônias, resultantes do impulso expansionista, criaram os romanos um sistema de estradas ou vias pavimentadas. Convergiam metódicamente para a capital («todos os caminhos vão dar a Roma»).

A primeira, iniciada (em 312 a.C.) pelo censor Âpio Cláudio Cego, ficou denominada via Âpia ou Apiana. E' o cenário famoso das catacumbas e do «Quo Vadis?». Ligava a cidade de Roma a Cápua ou a Brindisi, em direção ao sul, pela porta Capena (ou Âpia) e posteriormente se bifurcava nas vias Latina e Ardeatina.

Quase todas integradas na tradição cristã, pouco a pouco foram outras vias se irradiando em estrela: Ostiense, Portuense, Aurélia, Cornélia, Flamínia, Salária «Vetus», Salária nova, Nomentana, Tiburtina prolongada na Valéria, Labicana.

Via Âpia — Ver «Vias Romanas».

Via Ardeatina — Ver «Vias Romanas».

Via Nomentana — Ver «Vias Romanas».

Via Salária — Ver «Vias Romanas».

Vigo — Cidade e porto da Espanha, no litoral do Atlântico.

Vincene (Vincennes) — Cidade da França. Castelo de antiga residência dos reis.

Virgílio — Poeta romano, autor de imortal poema, a «Eneida». Considerado o maior clássico da língua latina. Viveu no século anterior ao Cristo.

Volscos — Adversários dos romanos, por eles vencidos, na fase de expansão inicial.

Vulturno (Volturno) — Rio da Itália. Banha a cidade de Cápua e desemboca no mar Tirreno.

Zeus — Ver «Júpiter».

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

AVE, CRISTO !

(2ª edição)

Repleto de lances dolorosos e comovedores, exuberantes de ensinamentos, **Ave, Cristo!**, o mais recente romance ditado pelo Espírito de Emmanuel, nos descreve acontecimentos desenrolados no III século do Cristianismo, em várias cidades, principalmente em Lião, terra que mais tarde serviria de berço ao Codificador do Espiritismo.

E' mais um romance que encantará a todos os admiradores de Chico Xavier, pois em verdade as suas páginas — como diria Rui Barbosa — «palpitam, oram, sangram, empalidecem, abram-se, enoitam-se, tempesteiam, aos olhos do leitor fascinado».

RENÚNCIA

(4ª edição)

«Este é um livro de sentimento, para quem aprecie a experiência através do coração» — declara Emmanuel, o Autor, que nos transporta ao século de Luís XIV para apresentar Alcione, protagonista do romance, meiga figura de anjo que se enclausurou na carne para a regeneração de um grupo de seres impenitentes.

«Para as almas sinceras, que ainda soluçam nos laços do desânimo e do desalento, a história de Alcione é um bálsamo confortador.»

O enredo se movimenta na França, Espanha, Irlanda, com projeção em a nova colônia das Américas.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

PAULO E ESTEVÃO

(6ª edição)

E' esta talvez uma das maiores obras mediúnicas no gênero, e cujas sucessivas reedições são um índice seguro da boa aceitação que ela vem tendo.

Não é propriamente um romance — conforme explica o Autor, o Espírito de Emmanuel —, mas a biografia viva, colorida, detalhada e real do grande convertido de Damasco — **Saulo de Tarso**, e de **Estevão**, o primeiro mártir do Cristianismo.

Numerosas personagens, umas conhecidas através dos textos escriturísticos que conseguiram chegar até nós, outras, desconhecidas, por se terem apagado no tempo, revivem no brilhante relato dos primeiros e fecundos labores cristãos.

Páginas cheias de beleza e emoção fazem deste livro a obra-prima da Literatura mediúnica.

YVONNE A. PEREIRA

AMOR E ÓDIO

(2ª edição)

Romance recebido pela já estimada e famosa médium Srta. Yvonne A. Pereira, e que se desdobra em meados do século XIX, na época das grandes revoluções do pensamento humano.

A história, narrada em bela e harmoniosa linguagem, gira em torno de um ex-discípulo do professor Denizard Rivail (mais tarde, Allan Kardec), das perseguições que ele sofreu na França, de sua prisão na Guiana Francesa, de sua ligação com o Codificador do Espiritismo, enfim, de longo peregrinar de um Espírito em expiação.

Não desejamos ser mais extensos neste pequeno registro. Queremos que o leitor sinta, por si mesmo, as fortes emoções que esse romance a cada instante nos despertou.

AO LEITOR:

Se te fizeres assinante de *Reformador*, com apenas alguns cruzeiros anuais, ficarás em contacto mensal e permanente com o movimento espírita do Brasil e do Mundo.

Se não encontrares, na livraria que habitualmente te fornece, o livro espírita que desejas, faze-nos o teu pedido e o receberás pelo Serviço de Reembolso Postal.

Se desejares conhecer o nosso Catálogo de livros espíritas, envia-nos o teu endereço e o receberás gratuitamente.

Se te interessas pela aquisição de todas as novidades que editamos, inscreve-te como candidato às novidades e recebê-las-ás logo que saiam do prelo.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Rua Figueira de Melo, 410

RIO DE JANEIRO — BRASIL

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS

Emmanuel, o incomparável Autor evangélico de tantas obras-primas da literatura mediúnica, apresenta-nos neste volume magníficas apreciações e comentários em torno da substância religiosa de «O Livro dos Espíritos», «em cujo texto — conforme assinala o próprio Emmanuel — fixou Allan Kardec a definição da Nova Luz».

São, ao todo, 91 capítulos recebidos por Chico Xavier em igual número de sessões públicas da «Comunhão Espírita Cristã», de Uberaba, e estudam variados temas de alta importância para a vida presente e futura, tais como, por exemplo, «Aborto delituoso», «Alienação mental», «Ao redor do dinheiro», «Mediunidade e dever», «Sofrimento e eutanásia», «A mulher ante o Cristo», «Oração e provação», «Suicídio», «Pena de morte», «Sexo e amor», «Esquecimento e reencarnação», «Pluralidade dos mundos habitados», etc., etc.

E' mais um livro que educa e constrói para a eternidade.

MICHAELUS

MAGNETISMO ESPIRITUAL

Profundo conhecedor de todos os aspectos e problemas do Magnetismo, do Hipnotismo e assuntos correlatos, quer através de suas investigações pessoais, quer através dos estudos e experiências procedidas pelos maiores e mais conceituados magnetizadores de todo o mundo, — apresenta-nos o erudito Autor, em 300 páginas compactas, esplêndido resumo do quanto já foi escrito sobre a matéria, ao mesmo tempo que vai, aqui e ali, analisando, comparando e ampliando as teorias e hipóteses formuladas para a explicação dos fatos.

O livro, em estilo agradável e escoreito, pode ser lido e compreendido por qualquer pessoa, ainda que medianamente culta, constituindo, nos tempos atuais, uma obra de leitura indispensável a todos os espiritistas estudiosos.